

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 320271 a 320273, 321154 e 321155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: D I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2

EDITOR — J. CHRISÓSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

As eleições para as Juntas de Freguesia decorreram hoje na melhor ordem em todo o território metropolitano e insular

Os eleitores de quase todas as freguesias do País foram, hoje, chamados às urnas, para designarem os seus representantes na gestão do próximo mandato de quatro anos nas juntas de freguesia, que começa no primeiro dia de Janeiro do próximo ano. Trata-se de um acto eleitoral de manifesto interesse e grande significado, porquanto os eleitos vão intervir na escolha dos órgãos de administração municipal e distrital, que, por sua vez, farão parte, em 1965, do colégio que elegerá o Chefe do Estado.

«Votar — como afirmou ontem o titular da pasta do Interior — é, além de um direito, um grave dever cívico, e a lei estabelece as mais amplas facilidades para tornar acessível a todos os eleitores o uso desse direito».

Houve, assim, esta manhã, um movimento desusado nas sedes das autarquias e noutros locais onde funcionaram as secções de voto. Estão inscritos nos recenseamentos dos chefes de família 1 317 297 eleitores, das quatro mil freguesias em que se divide o território continental e insular. Só no distrito de Lisboa existem 153 desses núcleos, dos

quais cinquenta e três pertencem à capital.

O sr. Presidente do Conselho votou na Lapa

Logo que, às 9 horas, se verificou a abertura das duas secções de voto que funcionaram nas modelares instalações da Junta de Freguesia da Lapa, notou-se apreciável movimento, pois encontram-se

ali inscritos 2512 chefes de família. Entre as diversas individualidades recenseadas naquela zona, exerceram ali o seu direito de eleitores os srs. dr. Paula Coelho, subsecretário de Estado do Comércio; dr. Soares da Fonseca, vice-presidente da Assembleia Nacional; eng.º Sebastião Garcia Ramirez, antigo mi-

(Continua na página seguinte)

Rusk em Francfort: Deve pôr-se de lado o recurso à força

FRANCFORT, 27 — O secretário de Estado norte-americano, Dean Rusk, afirmou num discurso, nesta cidade, que o verdadeiro desanuvia-

mento não é possível sem a solução dos problemas de Berlim, da Alemanha, do Vietnam, do Laos e de Cuba. Reconheceu, no entanto, ter começado no Leste «o processo da transformação». Disse que todos os aliados da N. A. T. O. devem cumprir os respectivos compromissos e desmentiu que as forças norte-americanas viessem a ser retiradas da Alemanha. Por fim, anunciou que a força nuclear multilateral permitirá a posse conjunta de ogivas nucleares.

AS TROCAS COMERCIAIS COM O LESTE DEVEM SER AUMENTADAS

Rusk, que falava na cerimónia da inauguração do monumento ao general George Marshall, começou por prestar homenagem ao autor do plano que permitiu a criação de «uma associação económica útil entre os Estados Unidos e a Europa». Sublinhou que essa associação continuava ainda a basear-se em dois princípios fundamentais: a Europa forma uma entidade colectiva e os Estados Unidos cooperam com ela, como se se tratasse de um parceiro igual. Mas — acrescentou — a associação económica implica a obrigação de redução das barreiras económicas e a redução das barreiras alfandegárias, «como muito bem afirmou o chanceler Erhard».

Mais adiante, Rusk falou da tensão sino-soviética, dos sinais cada

(Continua na 8.ª página)



O sr. Presidente do Conselho ao visitar o edifício da Junta de Freguesia da Lapa, onde votou esta manhã

Outro monge budista imolou-se pelo fogo no Vietnam do Sul

SAIGÃO, 27 — Um monge budista pegou fogo às suas vestes embebidas em gasolina e morreu queimado esta manhã, em frente da catedral de Saigão.

O suicídio verificou-se pouco antes de passarem pelo local os mem-

bro da missão da O. N. U. que se encontram no Vietnam a realizar um inquérito sobre a questão budista. Os observadores da O. N. U. não chegaram a ver o corpo carbonizado do monge, que foi retirado rapidamente da via pública.

A O. N. U. fez um apelo aos budistas para que não realizem manifestações durante a permanência da missão de inquérito em Saigão, mas este novo suicídio teve por fim influenciar os observadores das Nações Unidas. — (A. N. I.).

DOIS POLÍCIAS AINDA TENTARAM EXTINGUIR O FOGO

SAIGÃO, 27 — O bonzo que se imolou esta manhã diante da cate-

(Continua na 8.ª página)

2.ª EDIÇÃO

VISADO PELA CENSURA

COIMBRA tradição e modernidade



AS «REPÚBLICAS» E A PRAXE

por MANUEL DE AZEVEDO

A evolução registada nos hábitos e na vida da academia de Coimbra — facto evidente e indeneável — significará o desaparecimento da tradição e a perda das suas principais características? Tende-se o clima estudantil coimbrão a despersonalizar-se? Tranquilizem-se quantos veriam

nisso uma perda irremediável e dramática. Coimbra terá sempre — por força das suas particulares características — uma forma muito especial de viver e agir, que resul-

ta não só de razões históricas, mas, também, de outras realidades, em

(Continua na 3.ª página)

Home foi atacado numa emissão de rádio «pirata»

LONDRES, 27 — Numa emissão «pirata», na mesma onda da B. B. C., um orador desconhecido disse falar em nome do candidato nacionalista escocês, adversário do primeiro-ministro, nas eleições parciais, e atacou «sir» Alexander Douglas-Home. Durante cinco minutos, defendeu os direitos dos nacionalistas escoceses que, disse, não podem falar livremente pela Rádio, prejudicados pelos conservadores e

(Continua na 8.ª página)

Diário de Lisboa

PUBLICA HOJE

20 PÁGINAS

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA TAP

RAMADA CURTO

Deixou há pouco o Chiado, e a sua figura inconfundível é recordada ainda por todos os que algum dia o ouviram num centro de cavaco, em torno da mesa da Brasileira, num tribunal ou num comício político. Vão rareando estes ultimos, que o Ramada Curto dos comícios vai muito longe, esbatendo-se nas sombras de meio século. A sua voz bem timbrada, a frase elegante, com um fio de sensibilidade, arrastavam multidões; nesses comícios vinha do tempo de estudante, ao lado dos grandes oradores da Propaganda. Foi dos legítimos sucessores dessa pleiade de gigantes da tribuna que foram Alexandre Braga, António José de Almeida, Afonso Costa e outros. A ultima metade da vida de Ramada Curto, que fora parlamentar e ministro, decorreu entre o tribunal, o convívio dos amigos e as salas de teatro. O publico apreciava-o no palco, através das peças em que esfuzeava o seu espirito e em que se instilavam suas ideias. Por fim quase deixou de ir aos tribunais e os cartazes passavam anos e anos sem anunciarem drama ou comédia por ele subscritos. Passava o Chiado ou parava á porta da Bertrand, antes de entrar para a tertulia do consultório do prof. Pulido Valente, onde eram seus companheiros Aquilino, Camara Reis, Abel Manta, Alberto Candeias, Lopes Graça, Manuel Mendes... A morte tem ido ceifando neles ultimamente que é uma dor de alma! O tronco forte, como que avançava aos balancos nas pernas curtas, os olhos perdidos no fundo das grandes olheiras, a testa larga e alta, o rosto comprido, tornavam a sua figura inconfundível, e muita gente parava a olhá-lo com saudade das tardes vibrantes de um comício ou de uma noite quente no Teatro Nacional. O deputado constituinte, o advogado de tantas causas célebres, o autor de «O Caso do Dia» e de «Sua Alteza», envelhecera. Era como que uma saudade em pé. Depois, um dia, subiu ao seu quarto andar da Rua do Mundo, e caiu para o lado e para sempre...

O Ramada Curto orador, homem de teatro, político, homem de espirito, escritor e comentarista do dia a dia, no seu «Preto no Branco», que os leitores do «Diário de Lisboa» rebuscavam antes de mais nada, foi lembrado ontem, á tarde, no Museu João de Deus. Presidiu o prof. Amorim Ferreira, da Academia das Ciências, a que Ramada também pertenceu. Os drs. Jaime Lopes Dias, José Galhardo, Luís de Oliveira Guimarães, falaram de várias facetas da mesma personalidade. Luís Filipe e D. Amélia Rey Colaço, intérprete de «O Caso do Dia» e de «Recompensa», recitaram páginas de prosa e verso, e á tarde, melancólica, findou num sorriso e numa mágoa...

A MORTE NUM FIO

Era um casal feliz o constituído pela sr.ª Albertina Madeiros e pelo sr. Germano Fonseca. Viviam em Tabua, com dois filhos. Um rapaz de 15 anos e uma menina de 7. Ele é electricista. No quintal mandaram abrir um poço, onde foi instalado um motor de tirar água para regar a horta, que era o regalo da senhora Albertina. Ontem, foi ela ligar um arame ao motor para estender a roupa. Ficou presa e encostou-se á vedação do quintal, que tinha igualmente a corrente. Chamou pe-

lo filho, que gritou por socorro. Acudiu o sr. António Guerra, que ficou também agarrado á senhora Albertina. Veio depois o electricista sr. Francisco Andrade, que cortou os fios. A sr.ª Albertina estava morta e o sr. António Guerra com fortes queimaduras. Mas, só ele escapara á morte.

CAMIONETA QUE SE VOLTA

Nos arrabaldes de Viseu, depois de Cepões e da ponte da Pedrinha, já uma camioneta de carga. Ao volante, o sr. Adão da Silva. Parece que este se despidou, por qualquer motivo, talvez encandeamto de luzes. A carga era grande e não se aguentou quando o veículo chegou á berma. O facto é que a camioneta se voltou, ficando de rodas para o ar. O motorista conseguiu saltar da cabina para uma horta. O carro e a carga, de tijolos, sofreram grande avaria.

A TIRO

Em Cótimos, concelho de Trancoso, o jornalista sr. Marcelino da Ressurreição Clemente, de 27 anos, foi atingido a tiro de espingarda por seu próprio irmão, José Meliques, de 25 anos. A causa do fratricídio foi uma discussão fútil. O assassino fugiu.

TIRO DE PEDREIRA

Numa pedreira do sr. António Augusto Ferreira, em Vila Nova de Foz Coa, trabalhavam vários operários. De repente, rebentou um tiro utilizado para o corte de esteios. As pedras voaram por todos os lados, tendo apanhado o filho do proprietário, sr. António Flávio Ferreira, de 35 anos, e o sr. Angelino Augusto Monteiro, de 20. O estado do primeiro é grave, pois sofreu grandes ferimentos em ambos os olhos, e queimaduras nas faces e nas mãos.

AS OPERAÇÕES EM ANGOLA

É o seguinte o comunicado das Forças Armadas, no período de 16 a 23 do corrente, na provincia de Angola: «Durante este período, patrulhas das nossas forças actuaram, em particular, nas regiões dos Dembos, Bessa Monteiro, São Salvador e Serra de Uige. Nas restantes zonas do norte da provincia, as Forças Armadas continuaram a desenvolver intensa actividade, patrulhando as fronteiras com meios aéreos, terrestres e navais. Em consequência da actividade desenvolvida, os terroristas sofreram a destruição de mais de uma dezena de locais de refugio, capturando-se muito material de guerra. Foram igualmente destruídos acampamentos na região dos Dembos e do Rio M'Bridge, onde os terroristas sofreram pesadas baixas em mortos e feridos, sendo feitos muitos prisioneiros.

Registou-se o rebentamento de engenhos explosivos colocados pelos terroristas em diversos pontos e, no itinerário Ocua-Gombe, foi alvejada uma viatura civil, cujos ocupantes nada sofreram. Na serra de Massarelo, foram atacados e raptados pelos terroristas alguns trabalhadores nativos, posteriormente recuperados por elementos da organização provincial de voluntários. Elementos do serviço rural da organização provincial de voluntários prosseguiram nas missões de patrulha de fazendas e itinerários, e deram protecção aos trabalhos agrícolas. Verificaram-se muitas apresentações de nativos ás nossas autoridades. Durante o período a que se refere o comunicado, as forças terrestres sofreram um morto e nove feridos».

(Continuação da página anterior)

nistro e actual deputado; e Costa Brochado, membro da Comissão Executiva da U. N.

Também o Chefe do Governo votou, este ano, naquele nucleo, e esse facto reuniu ali diversas entidades oficiais, a fim de aguardarem a chegada do sr. Presidente do Conselho. Estavam presentes os srs. dr. Santos Junior, ministro do Interior e interino da Saude e Assistência; dr. Paula Coelho; dr. Paulo Rodrigues, subsecretário de Estado da Presidência do Conselho; dr. Osório Vaz, governador civil de Lisboa; general Fernando de Oliveira, comandante-geral da P. S. P.; major Silva Pais, director da P. I. D. E.; dr. Ramiro Valadão, director do Serviço de Informação do S. N. I.; e Alfredo dos Santos Anibal, presidente da Junta de Freguesia da Lapa.

A chegada do chefe do Governo

Eram precisamente 10 horas quando chegou junto da referida autarquia o sr. prof. dr. Oliveira Salazar. A saída do automóvel, o sr. Presidente do Conselho foi recebido pelo titular da pasta do Interior e, em seguida, pelas numerosas individualidades que o aguardavam. Muitos eleitores e populares que presenciaram a chegada do Chefe do Governo, tributaram-lhe uma prolongada salva de palmas.

Pouco depois, o sr. prof. dr. Oliveira Salazar entrou no edificio, seguido pela sua comitiva, e a convite do presidente da Junta de Freguesia, principiou por visitar as instalações daqueles serviços, que foram há pouco ampliados e constam, além do sector burocrático, do Asilo da Infancia Desvalida e do Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo da Lapa.

A rápida observação do sr. Presidente do Conselho incidiu, especialmente, no posto médico e de assistência materno-infantil. Todo o conjunto, montado nas melhores condições, serve cerca de 9500 beneficiários.

O Chefe do Governo dirigiu-se, em seguida, ainda no segundo piso, á sala de aula onde funcionou a 1.ª secção, presidida pelo sr. eng.º Carlos Anjos Joyce Dinis, a quem entregou o seu voto, por entre aplausos dos circunstantes. Eram 10 e 5. Momentos após, o sr. prof. dr. Oliveira Salazar esteve na 2.ª secção, situada em frente da antecâmara, e presidida pelo inspector escolar sr. Luciano de Almeida Carvalho, onde foi igualmente saudado pelos componentes da mesa e pelos eleitores.

Concluido o seu dever cívico, o Chefe do Governo retirou-se, acompanhado pelas entidades já citadas, de quem se despediu muito afectuosamente. Entretanto, era maior o numero de populares estacionados nas proximidades da referida autarquia, e voltou a ouvir-se mais aplausos. Eram 10 e 9 quando o sr. Presidente do Conselho seguiu para a sua residência oficial, onde se demorou algum tempo, antes de regressar a Santo António da Barra, no Estoril.

O Chefe do Estado votou em Cascais

Eram 11 e 45 quando o Chefe do Estado, em companhia da esposa, chegou, de automóvel, á secção de voto de Cascais, a funcionar na Escola Primária de Conde de Ferreira.

O Presidente da Republica, quando abandonou a viatura, na qual se conservou a sr.ª D. Gertrudes Thomaz, foi cumprimentado pelas individualidades que, entretanto, ali haviam chegado. Encontravam-se presentes os srs. dr. Santos Junior, ministro do Interior; dr. Osório Vaz, chefe do distrito, etc.

O sr. almirante Américo Thomaz, ovacionado pelos populares, dgz, entrada na escola e, quando votou, todos os circunstantes o aplaudiram. O Chefe do Estado, sorri-

dente, despediu-se de todos e abandonou o edificio.

Momentos depois, votou o sr. dr. Osório Vaz, chefe do distrito. Entretanto, muitos chefes de família,

O VOTO dos presidentes da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa

Os srs. prof. Mário de Figueiredo e dr. Luís Supico Pinto, presidentes da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa, votaram, ás 11 e 15 e ás 11 e 45, respectivamente, na 2.ª secção da freguesia de São Mamede (átrio da Faculdade de Ciências) e assembleia eleitoral da freguesia dos Mártires (átrio da Biblioteca Publica).

Onde votaram os membros do Governo

O primeiro membro do Governo que exerceu o seu direito de voto foi o sr. dr. Paulo Rodrigues, ás 9 e 15, na 2.ª secção da freguesia de São João de Deus, que funcionou no Liceu D. Filipa de Lencastre (Bairro Social do Arco do Cego). No mesmo nucleo votaram, depois, os srs. dr. Ricardo Faria Blanc e prof. Alberto Carlos de Brito, subsecretários de Estado do Tesouro e da Educação Nacional, respectivamente. Ao principio da tarde, depositaram os seus votos os srs. dr. Santos Junior e prof. Gonçalves de Proença, respectivamente ministros do Interior e das Corporações e Previdência Social.

Na assembleia eleitoral da freguesia de Alvalade votaram os srs. coronel Joaquim da Luz Cunha e

eng.º Manuel Amaro da Costa, ministro do Exército e subsecretário de Estado das Obras Publicas; e quase no encerramento da secção, o sr. general Francisco António Chagas, secretário de Estado da Aeronautica.

Também na 2.ª secção da freguesia de São Sebastião da Pedreira, estiveram presentes três membros do Governo: os srs. prof. Antunes Varela e drs. Mário de Almeida e Tarujo de Almeida, titular da pasta da Justiça e subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino e do Orçamento.

O sr. eng.º agrónomo Luís de Azevedo Coutinho, secretário de Estado da Agricultura, entregou a sua lista, eram 10 horas, na 2.ª secção da freguesia dos Prazeres. Na 1.ª secção da sede da freguesia de Nossa Senhora de Fátima votaram os srs. eng.º Carlos Ribeiro e general Gomes de Araújo, ministros das Comunicações e da Defesa Nacional. Por sua vez, os srs. almirante Fernando de Quintanilha e eng.º Arantes e Oliveira, titulares das pastas da Marinha e das Obras Publicas, depositaram o seu voto, ao principio da tarde, na 2.ª secção da Freguesia dos Anjos.

Finalmente, entre as 11 e 30 e as 15 e 30, os srs. prof. Pinto Barbosa, dr. Corrêa de Oliveira, comandante Peixoto Correia, major João Pinheiro e prof. Galvão Teles, ministros das Finanças, de Estado adjunto ao Presidente do Conselho, e do Ultramar, subsecretário de Estado do Exército e titular da pasta da Educação Nacional, votaram, respectivamente, nas freguesias de São Francisco Xavier, Campolide, São Mamede, Oeiras e São Francisco Xavier.

A afluência ás urnas

Cerca das 15 horas, um informador do Ministério do Interior disse-nos que o acto eleitoral decorria na melhor ordem, em todo o País, e que a afluência ás urnas era grande, com percentagens entre sessenta e cem por cento do eleitorado.

As eleições no Porto

PORTO, 27 — As secções de voto das juntas de freguesia da zona ocidental da cidade, visitadas pela nossa reportagem, tiveram uma concorrência normal. Em algumas delas, porém, segundo a informação dos presidentes das mesas, tinham atingido, até ao momento da nossa visita, que se verificou da parte da manhã, uma percentagem de 60 % e 40 % dos eleitores. Essas juntas foram, respectivamente, as de Aldoar e Massarelos.

Na Junta de Freguesia de Paranhos funcionaram duas secções de voto. Nas de Ramalde, Aldoar, Nevogilde, Foz, Lordelo e Massarelos apenas funcionou uma. No numero de eleitores que compareceram em todas, contavam-se várias personalidades de destaque na vida cittadina. A referir a presença do engenheiro Brito e Cunha, governador civil do distrito, que apesar de doente já há algum tempo, esteve na junta de Massarelos cerca das 11 horas. O interesse manifestado por muitos eleitores nestas eleições foi demonstrado por pessoas de idade de ambos os sexos, algumas com 90 e 80 anos, que compareceram nas respectivas mesas eleitorais.

Onde as eleições decorreram, realmente, com grande entusiasmo foi nas freguesias de Pedroso (Carvalhos) e Grijó, no vizinho concelho de Gaia, onde houve a par dos nomes propostos pela União Nacional, as listas indicadas também pelo presidente da Câmara. Em Grijó, a mesa funcionou no antigo mosteiro. Foram ali apresentadas três listas — A, B e C. A lista A, que foi patrocinada pelo presidente de Câmara e presidida por Manuel Domingues Carvalho e Silva, quase não teve votantes por ter

sido anunciada há dias a sua desistência. Presume-se que os seus partidários se juntaram á lista B, presidida por António Alexandre Oliveira Neves. A lista C é presidida por Joaquim Assis de Oliveira e Silva. Devemos esclarecer que todas as listas foram constituídas por membros da União Nacional. A luta que se estabeleceu entre elas deve-se ao facto de a freguesia estar dividida em duas zonas (Alta e Baixa). Como á frente da mesma têm estado, desde há oito anos, os elementos da Baixa, foram os da Alta que estabeleceram a luta pela supremacia. Entretanto, tudo decorreu na melhor ordem, não obstante a fiscalização exercida pelos contadores. A realização de três jogos de futebol, nos quais tomava parte a Associação Desportiva de Grijó, foram concorridíssimos, vendendo-se na estrada centenas de bicicletas motorizadas e automóveis, o que, de forma alguma, tirou interesse á luta eleitoral.

As eleições também tiveram invulgar interesse e concorrência na freguesia de Pedroso, onde foram apresentadas ao sufrágio duas listas, uma patrocinada pelo presidente da Câmara, e presidida por José Oliveira e Silva Junior e a outra apresentada pela Comissão Paroquial da União Nacional e presidida pelo dr. Joaquim Oliveira Lopes. Junto a esta mesa encontramos o dr. Carlos Ramos Pereira, delegado do Governo Civil junto de todas as mesas eleitorais do concelho de Gaia e presidente da Comissão Conciliadora da União Nacional. Junto da mesa, talvez a mais concorrida de todas as que visitámos, encontravam-se delegados das listas opositoras, verificando-se, contudo, a maior compostura entre os eleitores.

O 59.º ANIVERSÁRIO da Cooperativa «A Familiar»

A Sociedade Cooperativa de Pão, Crédito e Consumo «A Familiar», com sede na Rua dos Cordoeiros, 39 e 43, comemorou hoje o 59.º aniversário da sua fundação, com uma romagem de saudade ao cemitério da Ajuda ás campas dos sócios falecidos. Depois todos se dirigiram ao terreno onde vai ser construída a nova sede, no Largo da Princesa, onde houve uma reunião de trabalhos, seguindo-se um almoço de confraternização na antiga sede, presidido pelo sr. Joaquim da Assunção, vice-presidente da assembleia-geral.

CURSO SUPERIOR

POR LICENCIADO E ENGENHEIRO

Matemáticas Gerais, Geom. Descritiva, Física I e II, Fls. Atómica, Electrónica, Mec. Racional, Análise e Alg Superior, Química Geral, Física-Matem., Probabilidades e Estatística, Cálculo Infinitesimal, Hidráulica Geral e Resistência de Materiais, Electrotécnica, Mecânica Celeste, Rua Silva Carvalho, 52, 3.º, P. Tel. 682040 — Av. Oscar Monteiro Torres, 53, 1.º, Dir. Tel. 764809.



para o seu lanche

Monte Serres
BRANCO OU ROSÉ
um vinho branco cujo espumoso e
é proveniente de uma fermentação natural

DISTINGUIDO COM A MEDALHA DE OURO NO
ULTIMO CONCURSO NACIONAL DE VINHOS DE MARCA

JOÃO CAMILLO ALVES, LDA.



BEBE-O
SEMPRE
FRIO

CASA FUNDADA EM 1888

COIMBRA — tradição e modernidade

(Continuação da 1.ª página)

que avulta a própria cidade onde a academia vive e estuda.

Os universitários de Coimbra serão sempre influenciados pelo meio universitário e pela própria escala da cidade, muito diferentes dos que influenciam os seus colegas do Porto e de Lisboa. A menor dispersão imprime-lhes, não só maior sentido unitário, como lhes exige maior actividade e sentido de auto-suficiência a muitos domínios, para darem satisfação a muitas aspirações que a cidade lhes não pode oferecer. Seja no campo desportivo, seja no campo das artes ou dos espectáculos, os estudantes são forçados, pelas circunstâncias, a bastarem-se a si próprios.

E por muito que as necessidades de quadros do País se faça reflectir por igual nas três universidades portuguesas, a de Coimbra sempre terá aspectos diferenciados em relação às restantes, tal como a de Lisboa se diferenciara sempre da do Porto. A tendência poderá ser no sentido de diminuição de importância dessas diferenças, mas seria avançar muito afirmar, com ênfase, que elas terminarão por desaparecer de todo.

O ambiente das «repúblicas»

Mesmo em plena época de exames de Outubro, quando ainda não há aulas e se aguarda a normalização da actividade académica, a única realidade viva no ambiente da academia coimbrã é a das «repúblicas». Existem, de facto, funcionam e estabelecem um elo forte e indelével entre a tradição do passado, distante e o presente.

De geração em geração, guardam-se cuidadosamente as recordações, os vestígios da vida boémia, os símbolos da praxe, mesmo daquelas facetas que, pelos seus aspectos demasiado violentos e fora da época, foram abandonadas.

O lado pitoresco, brincalhão e típico da velha academia continua patente nas «repúblicas», verdadeiros museus da vida académica passada. Nas paredes há caricaturas, frases, cartazes, «decretos», brincadeiras de toda a ordem; placas de sinalização, indicativas das ruas e de vielas «transferidas» para as paredes da «república».

Nas portas dos quartos de banho sempre se acumularam os letreiros, dizeres e símbolos graciosos ou grotescos. Numa delas, uma placa metálica, que pertenceu a uma caruagem dos caminhos de ferro, avisa: «Não abrir em andamento». E uma outra: «Não se debruce».

Mas para além deste lado picaresco, saudosista ou anedótico, que representam hoje as «repúblicas» da academia coimbrã? Como funcionam? A que correspondem?

Uma forma de cooperação

Para responder com a maior precisão possível a estas perguntas, não nos limitamos a falar do assunto a vários estudantes. Visitámos diversas «repúblicas» e juntámos numa das mais características. Não foi difícil averiguar o interesse de tais soluções, que abrangem o aspecto económico, social, cultural e, até, pedagógico.

Ultra passando a característica boémia, que no passado tinha primordial importância, as «repúblicas» são hoje, fundamentalmente, formas concretas de cooperação dos estudantes. Entrando numa «república», o estudante encontra imediatamente uma série de facilidades e vantagens. Em primeiro lugar, é admitido numa casa com uma hierarquia e um sentido apurado de entejada.

Numa vulgar pensão, o estudante terá um quarto e um lugar à mesa, mediante um pagamento fixado. Na «república» estará em «sua» casa, administrada pelos próprios estudantes de forma a gastarem o menos possível. Criam-se entre eles fortes laços de camaradagem e solidariedade e um sentimento de responsabilidade.

do colectivo de responsabilidade.

Umas melhor, outras pior apetrechadas, todas dispõem, porém, de instalações suficientes para se bastarem a si próprias como lar autêntico. O chefe da casa é o «mor» — por eleição dos colegas ou por antiguidade — e em cada semana ou mês há um responsável pela administração. É a ele que compete fazer as compras e os pagamentos, dar as «ordens» para as refeições e tratar, como «dona de casa», dos problemas quotidianos.

As «repúblicas» decidem em conjunto os diversos problemas, auxiliam-se entre si e prestam solidariedade a outras, quando nestas se acaba o dinheiro. É frequente os membros de uma «república» falarem em certo mês, acolherem-se às sotas de outra com mais capacidade financeira, ou que teve, nessa altura, menos dificuldades.

Este sentido de solidariedade interna e externa foi-se acentuando progressivamente, dando às «repúblicas» cada vez maior prestígio entre a academia. Isso explica que o «Conselho das Repúblicas» constitua actualmente uma representatividade respeitada, dado até o seu eclectismo.

Uma cooperativa abastecedora

São hoje já bastantes as «repúblicas» que possuem bibliotecas próprias e se preocupam, cada vez mais, com o conforto e a higiene dentro de casa.

Agora que abriu a cantina da Universidade, cuja exploração foi entregue à Sociedade Filantrópica, renasceu uma aspiração antiga: a formação de uma cooperativa abastecedora das «repúblicas», ligada ao respectivo conselho.

As refeições da cantina, para estudantes, custam 900; o pequeno almoço 200 e o café 100. Não sendo caro, fica, entretanto, mais caro que em certas pensões e «repúblicas». É certo que o lucro se destina à Filantrópica, que subsi-

fitas e grelo. É curioso, também, verificar que a capa passou a ser obrigatória para as raparigas que queiram ostentar as insígnias, e nos sarais e digressões pela província e estrangeiro, do Teatro, coros mistos, etc.

A extensão da praxe às universitárias compreende-se. A utilização da praxe só é admitida de capa e batina (ou correspondente saia e casaco, nas raparigas). Mas, paradoxalmente, a praxe intransigente e tirânica perde os seus adeptos.

Mantém-se um certo ritual, típico e característico de Coimbra, mas desaparece, a pouco e pouco, uma forma anacrónica de viver e de agir.

A seguir:

«A música e o teatro no meio estudantil»



O aspecto tradicional do pátio da velha Universidade, com os estudantes de capa e batina, ostentando as suas vistosas fitas

VIDA RELIGIOSA

O bispo de Tiava assistiu à festa do Cristo-Rei

O mundo católico celebra hoje a realza de Jesus Cristo, na comemoração de uma festa litúrgica criada por Pio XI. Em Portugal, esta data festiva do Calendário da Igreja — último domingo de Outubro — marca também o começo de cada ano social da Acção Católica. As cerimónias deste ano, por motivo das obras actualmente em curso na capela-mor da Sé Patriarcal, decorreram na igreja de S. Roque e foram presididas pelo bispo de Tiava, D. José Pedro da Silva,

assistente-geral da A. C. P. Foi solenemente recebido ali, às 10 e 30, pelos dirigentes daquele organismo católico e clero, a frente do qual se viam: mons. dr. Sisenando Rosa, secretário-geral da Acção Católica; beneficiado Vitor Franco, assistente das enfermeiras e padre Julio Marinho, capelão da igreja de S. Roque.

O bispo orou em frente do altar-mor, após o que se paramentou e, de mitra e baculo, tomou lugar no faldistório, donde presidiu à cerimónia da proclamação e promessa jurada. Em lugares especiais, sentavam-se separadamente os dirigentes da Acção Católica masculinos e femininos.

Os rev. dr. Sisenando Rosa e Aurélio Granada, assistente da J. C. F., procederam respectivamente à chamada dos novos dirigentes dos planos nacional e diocesano.

Terminado o interrogatório que precede o juramento, toda a assistência leu, em voz alta, a fórmula da praxe. Abeiraram-se, então, do bispo de Tiava os novos presidentes nacionais: sr. D. Marta Meyer Pina, da Liga Católica Feminina; dr. D. Maria Celeste Costa, da Juventude Católica Feminina e eng. Carlos Martins Portas, da Juventude Católica, que prestaram solene juramento assim como mais vinte novos presidentes gerais e outros tantos presidentes diocesanos, além de outros dirigentes que exercem outros cargos.

Seguidamente, o rev. José Pedro da Silva proferiu uma alocução em que destacou o significado do acto que acabava de realizar-se, falando do alto valor da Acção Católica pe-

rante a Igreja, apontando a necessidade do seu maior desenvolvimento.

Foi depois celebrada a missa de pontifical, sendo oficiante o bispo de Tiava, acolitado pelos rev. pad. Agostinho Jardim e Serrão. Foi acompanhada a cânticos por toda a assembleia.

Ao ofertório solene, prestaram a sua colaboração os presidentes nacionais, da Junta Diocesana e gerais. As cerimónias foram dirigidas pelo rev. padre Granada. Durante a missa foi distribuída a comunhão a elevado numero de fiéis.

No Santuário de Cristo-Rei em Almada

A festa litúrgica da realza de Jesus Cristo foi celebrada, no Santuário de Cristo-Rei, em Almada, com exposição solene do Santíssimo Sacramento, seguida de hora Santa de reparação nacional, consagração a Cristo-Rei e bênção. Depois, às 16 e 30, houve missa solene cantada pelo coro do Seminário Patriarcal de Almada, com sermão pelo rev. reitor do Santuário.

Inauguração de melhoramentos na igreja da Pena

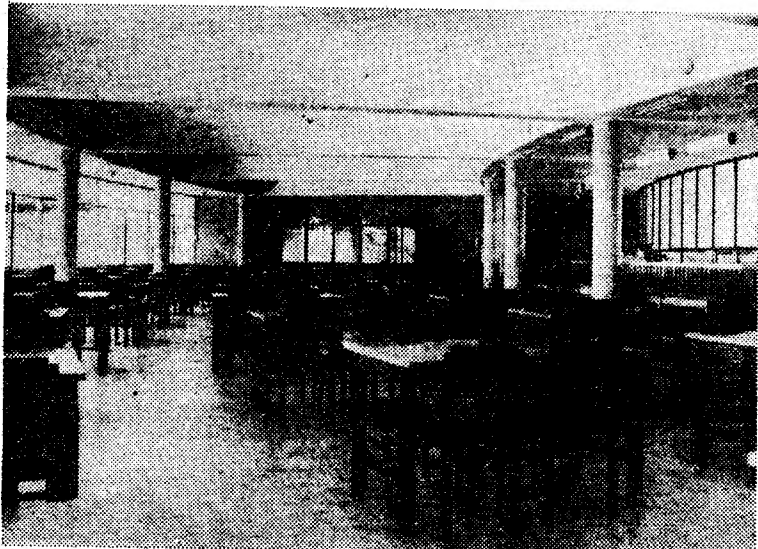
Na igreja da Pena foram hoje inauguradas as casas mortuárias, na cave.

Ao meio-dia houve missa cantada, oficiando o rev. dr. Honorato Monteiro, que representava o sr. cardeal-patriarca de Lisboa. O grupo coral «Stela Vitae» executou uma missa de Perosi, a vozes.

Missa de acção de graças

Na capela de S. Pedro do Estoril, mandam a respectiva Irmandade e as zeladoras celebrar missa em acção de graças a S. Judas Tadeu, pelo feliz êxito do Concílio Ecuménico e pela paz a todo o Mundo.

A missa será rezada amanhã, às 11,30 horas, pelo sacerdote salesiano rev. v. padre Amador dos Anjos.



Um aspecto novo da Universidade: perspectiva da recém-aberta cantina, no moderno edifício destinado aos estudantes e seus organismos

dia estudantes pobres e estabeleceu bolsas de estudo. Mas a capacidade da cantina é, evidentemente, limitada. Por isso, a criação de uma cooperativa abastecedora das «repúblicas», o facto constituiria substancial auxílio aos estudantes.

Só admira que tal realização ainda não tenha sido concretizada. A esperança reside, agora, na possibilidade de a própria Filantrópica auxiliar as «repúblicas» num abastecimento por junto, a preços especiais.

As raparigas e a praxe

Resta dizer, sobre este particular sector da vida académica de Coimbra, que a praxe vai perdendo virulência, crueza e brutalidade, mas está longe de ter desaparecido.

Se é certo que a capa e batina deixou, cada vez mais, de ser traje quotidiano, mantém-se como traje de cerimónia, obrigatório para certas ocasiões e uso das insígnias —

AMANHÃ, CERCA DAS 23 HORAS

BRILAN

A MARAVILHOSA LÃ DE AÇO QUE DÁ MAIS BRILHO

REALIZA NA RTP,

O

2.º GRANDE SORTEIO

DOS

101 PRÉMIOS MENCIAIS

BRILAN É LÃ DE AÇO, MAS... MELHOR E MAIS ECONÓMICA



Vilarinho & Sobrinho, L.^{da}
Janelas Verdes — LISBOA

SELECTION



Exclusif
Sélection

BATON

FIXO

MAS

UNTUOSO

O «NACIONAL»
DE FUTEBOL
DA 1.ª DIVISÃO

Guimarães, Varzim e V. Setúbal alcançaram resultados expressivos

Prosseguiu, hoje, o Campeonato Nacional de Futebol da 1.ª Divisão, tendo-se efectuado em Lisboa, Matosinhos, Barreiro, Évora, Póvoa do Varzim, Setúbal e Olhão os jogos respeitantes à segunda jornada, os quais decorreram com invulgar interesse.

Seguem-se os respectivos relatos:

OLHANENSE-BENFICA

Jogo realizado no estádio Padinha, em Olhão, com direcção de Virgílio Baptista, de Setúbal.

OLHANENSE — Filhó; Rui, e Nunes; Marciano e Reira; Inácio, Matias, Campos, Espírito Santo e Carvalho.

BENFICA — Costa Pereira; Cavém e Cruz; Neto, Luciano e Humberto; J. Augusto, Santana, Yauca, Serafim e Simões.

A primeira descida do encontro pertenceu aos jogadores da «casa» que, no entanto, deixaram escapar o esférico pela linha de cabeceira.

Os «encarnados» reagiram de pronto e Serafim tentou aproximar-se das redes contrárias, marcando, porém, oportuno desfecho o perigo.

A bola foi, no entanto, aos pés de Yauca, que rematou ao lado.

O primeiro lance de grande perigo registou-se pouco depois, aos 3 minutos. Matias endossou o esférico a Campos, que, isolado, o atirou à figura de Costa Pereira.

Pouco depois uma descida de Campos levou a bola a Gralho, que foi desarmado por Luciano, gorando-se, assim, a oportunidade.

Novo centro de Matias foi desperdiçado. Desta vez por Espírito Santo que rematou, de cabeça, para fora.

Coube a vez a Santana, aos 25 minutos, de perder uma boa ocasião de abrir o activo. O remate, no entanto, foi à figura de Filhó, que não teve dificuldades para captar o esférico.

Novo remate de Santana se verificou, aos 28 minutos, mas ao lado do poste.

Uma boa abertura de José Augusto a Serafim, aos 34 minutos, proporcionou a este último a marcação de um tento, que o árbitro anulou por deslocação.

Depois da defesa algarvia anular, com facilidade, um canto apontado por Simões, Costa Pereira foi chamado a intervir para neutralizar um remate desferido por Gralho.

Já perto do intervalo, aos 40 minutos, Humberto cometeu falta sobre Madeira. O castigo foi apontado por Espírito Santo, que deu a bola a Matias. O remate não se fez esperar mas Costa Pereira defendeu bem.

Assim, ao intervalo, Olhanense, 0-Benfica, 0.

Reatado o jogo, os lisboetas apa-receram mais ao ataque e, aos 7 minutos, após uma troca de passes entre os seus atacantes, Serafim, a passe de Yauca, marcou o primeiro golo do desafio.

Jamba chegou a Lisboa com destino ao Belenenses

Mais um ultramarino vem à Metrópole experimentar as suas possibilidades futebolísticas. Trata-se de um jovem moçambicano, de quem se dizem maravilhas e se destina a reforçar a turma de Belém.

Descoberto por dois dedicados adeptos do belenenses, o jovem Juma Mussa (Jamba), que conta 20 anos, actuava numa modesta equipa do interior da província — o clube de Quiparalho.

O promissor elemento, que vem à experiência, joga na linha avançada e na opinião de alguns desportistas de Moçambique pode ser uma verdadeira revelação no futebol metropolitano.

O jogador chegou ontem a Lisboa, num avião da TAP, sendo aguardado no aeroporto pelo sr. dr. José Vale e outros dirigentes dos «azuis».

Um falta de Luciano sobre Gralho, aos 10 minutos, foi castigada com livre. Espírito Santo marcou-a, atirando a bola contra a barreira benfiquista.

Aos 12 minutos, José Augusto teve uma boa oportunidade de alvejar as balizas de Filhó. Depois de ter dominado o esférico deixou-o, porém, escapar pela linha de cabeceira.

Depois dos lisboetas terem sido punidos com um «corner», Cavém organizou um contra-ataque levando o esférico até Simões, que, no momento de remate, se deixou desarmar.

Aos 17 minutos, no entanto, os «encarnados» aumentaram a vantagem.

José Augusto rematou forte. Filhó não captou o esférico e na recarga, Yauca, apontou o tento.

Aos 23 minutos, Yauca, depois de excelente trabalho de bola entre Simões e José Augusto, rematou forte. Filhó não segurou a bola. José Augusto fez a recarga, mas Marciano conjurou o perigo.

Logo a seguir Campos, com Costa Pereira fora das redes, rematou ao lado.

Uma falta de Cruz sobre Madeira obrigou este último a abandonar o rectângulo. O livre, apontado por Gralho, foi defendido por Costa Pereira.

Aos 36 minutos, José Augusto ultrapassou dois adversários, abriu a Santana que fez passar a bola sobre a cabeça de Filhó, obtendo o terceiro golo dos visitantes.

Até final ambas as equipas tentaram modificar o resultado, o que não se verificou.

Assim: Olhanense, 0-Benfica, 3.

C. U. F. - BELENENSES

Jogo no campo de Santa Bárbara, no Barreiro.

C. U. F. — José Maria; Durand e Abalroado; Carlos Alberto, Palma e Mário João; Madeira, Ferreira Pinto, Medeiros, Vieira Dias e Uria.

BELNENSES — Nascimento; Rosendo e Alberto Luís; Adelino, Rodrigues e Abdul; Angeja, Palico, Estêvão, Pelezinho e Peres.

Árbitro: Alvaro Rodrigues (Coimbra).

A saída pertenceu aos locais que logo desenharam um ataque com perigo para os lisboetas quando Medeiros rematou com força, de fora da área, a bola embateu na barra e a recarga perdeu-se. O Belenenses replicou de pronto, mas o jogo voltou a pender para o seu meio campo.

Aos 14 minutos Medeiros recolheu um passe a meio campo, correu em direcção à baliza belenense e já dentro da grande área foi derrubado por Rodrigues. A respectiva grande penalidade foi transformada por Vieira Dias no primeiro golo dos locais.

Aos 25 minutos Ferreira Pinto desperdiçou uma oportunidade de novo golo, atirando ao lado e na jogada seguinte Palma, apertado por Pelezinho, ia marcando na própria baliza, mas o golo iminente foi salvo por Durand.

Abalroado, aos 36 minutos salvou a sua baliza, defendendo um perigoso remate de Abdul. Dois minutos decorridos os barreirenses aumentaram a sua vantagem para 2-0, com um golo apontado por Ferreira Pinto. Nascimento ainda tocou no esférico mas acabou por cair com este dentro da baliza.

Ao intervalo: C. U. F., 2-Belenenses, 0.

Os primeiros lances de perigo da segunda parte couberam aos locais em remates de Mário João e Medeiros, mas os visitantes, agora mais animados, passaram a dominar e aos 7 minutos reduziram a diferença com um golo marcado por Adelino, a passe de Palico. Pouco depois, o mesmo jogador teve o empate à vista mas rematou ao lado da baliza.

Finalmente, aos 18 minutos, Angeja colocou o marcador em 2-2, com um remate de cabeça, na sequência de um «canto» apontado por Estêvão.

Apesar dos esforços de ambos os grupos o resultado não se alterou pelo que, no final: C. U. F., 2-Belenenses, 2.

SPORTING - SEIXAL

Jogo no Estádio «José Alvalade», em Lisboa, arbitrado por João Calado, de Santarém.

SPORTING — Carvalho; Lino e Saturnino; Mendes, Lucio e José Carlos; Figueiredo, Bé, Mascarenhas, Geo e Louro.

SEIXAL — Vítor Manuel; Aurélio e Hermenegildo; Caldeira, Aniceto e Serra Coelho; Cambalacho, José Carlos, Neças, João Pereira e Ferrão.

O encontro iniciou-se com toada ofensiva do Sporting e dois remates, um de Mascarenhas e outro de Bé, não atingiram o alvo.

A equipa do Seixal acantonou-se no seu meio campo, embora em contra-ataques tenha obrigado, por duas vezes, a defesa da casa, a ceder «cantos». Marcados estes, não resultaram.

Depois de insistentes ataques da equipa leonina, sem resultado positivo, Mascarenhas quando se encaminhava para as balizas contrárias, aos 24 minutos, foi derrubado por Serra Coelho dentro da grande área.

Apontado o castigo máximo, Lucio atirou a contar, fazendo o 1.º golo do Sporting.

Ao aproximar da meia hora, Mendes teve um bom cruzamento, mas Vítor Manuel, em voo, defendeu.

No ultimo quarto de hora, o Seixal continuou a actuar com auto-riedade, na defesa, embora se continuasse a evidenciar a inoperancia do sector ofensivo do Sporting.

Próximo do termo desta parte, Ferrão foi expulso do campo.

Ao intervalo: Sporting, 1-Seixal, 0.

Recomeçada a partida, o Sporting enleou a defesa adversária, mas esta, atenta, não se deixou lograr.

Aos 6 minutos os visitantes beneficiaram de um «livre», mal concretizado por João Pereira, que rematou à figura de Carvalho.

No minuto seguinte o Sporting elevou a marca para 2-0, numa descida de Mascarenhas, que atirou fora do alcance do guarda-vizitante.

Os «leões» continuaram a jogar sem garra e desunidos, enquanto o Seixal, mesmo em inferioridade numérica, não deixou de lutar, embora com pouca afoiteza nos lances de ataque. Aos 23 minutos Mascarenhas teve um remate à trave.

Ao aproximar-se o fim do encontro, a ineficácia dos dianteiros leoninos continuava a ser a nota dominante do encontro.

Aos 33 minutos, Bé, de cabeça, a passe de Figueiredo, marcou mais um golo.

No final: Sporting, 3-Seixal, 0.

LUSIT. DE ÉVORA - V. GUIMARÃES

Jogo no Campo Estrela, de Évora, arbitrado por Joaquim Campos, de Lisboa.

LUSITANO — Vital; Mitó e Paixão; Cordeiro, Falé e Filipe; Faustino, Caraca, Coutinho, José Pedro e Pató.

GUIMARÃES — Roldão; Caiçara e Silveira; Daniel, Pinto e Virgílio; Teodoro, Mendes, Rodrigo, Perez e Paulino.

Logo nos primeiros momentos do desafio o Guimarães mostrou melhor estruturação e, aos 3 minutos, Mitó, sobre o risco, salvou um remate de cabeça de Pinto. Logo a seguir, aquele jogador rematou, de longe, salvando Vital com a ponta dos dedos.

Aos 9 minutos, Vital saindo para defender a soco, fora da sua área, originou «livre» directo que Mendes converteu no primeiro tento do desafio. Cinco minutos depois, Paulino aumentou a vantagem para os minhotos. Aos 17 minutos, Rodrigo pôs a conta em 0-3.

Aos 21 minutos, os eborenenses reduziram a desvantagem por intermédio de Caraca, com culpas para Caiçara, que endossou o esférico, em más condições, ao seu guarda-redes.

Aos 28 minutos, Teodoro repôs a diferença; e cinco minutos decorridos, aquele jogador minhoto fixou o resultado da primeira parte em: Lusitano, 1-Guimarães, 5.

No segundo tempo, o Lusitano entrou com melhor disposição atacante e, aos 22 minutos, Caraca fez o segundo tento dos locais.

Aos 32 minutos, Rodrigo chegou a introduzir a bola nas redes à guarda de Vital, tento invalidado.

A Taça de Portugal em hóquei em patins

Prosseguiu, ontem e hoje, no Pavilhão de S. João da Madeira, a Taça de Portugal, de hóquei em patins. Os resultados foram os seguintes:

Marítimo, 0-C. U. F., 4
Sanjoanense, 3-Oeiras, 4
Marítimo, 0-Benfica, 9
Sanjoanense, 0-Sporting, 4

pelo árbitro sem motivo aparente. No final: Lusitano, 2-Guimarães, 5.

VARZIM - BARREIRENSE

Jogo no Estádio do Varzim, arbitrado por Edmundo Carvalho (Aveiro).

VARZIM — Justino; F. Ferreira e Quim; Sidónio, Fonseca e Jatinho; Jorge, Fernando, Noé, Salvador e Rogério.

BARREIRENSE — Braulio; Faneça e Carlos; Canário, Silvino e Lança; Garrido, Festas, Ludovico, Mira e Costa.

A saída pertenceu aos visitantes, mas o Varzim logo passou a dominar, criando perigo para a defesa forasteira.

Aos 6 minutos, Fernando lançou o esférico para a zona de perigo onde Noé logo o recebeu e rematou, de cabeça, apontando o 1.º golo do Varzim.

Aos 20 minutos, o Barreirense, por intermédio de Costa, fez chegar o esférico ao fundo da baliza local, mas o árbitro invalidou o golo, por deslocação de Ludovico.

Até à meia hora o Varzim exerceu maior domínio, chegando a ter oportunidades de aumentar a vantagem, o que não sucedeu.

Aos 40 minutos Jorge, a passe de Rogério, marcou o 2.º golo dos locais, na sequência da pressão que vinha exercendo sobre a defesa barreirense. Ao intervalo Varzim, 2-Barreirense, 0.

Aos 9 minutos da segunda parte o Varzim aumentou a vantagem, após intermédio de Fernando que, por ter driblado toda a defesa, rematou, marcando o 3.º golo da sua equipa.

Aos 16 minutos Fernando, a passe de Salvador apontou o 4.º golo dos locais.

Até à meia hora o Barreirense, sempre que lhe foi possível, tentou organizar contra-ataques, mas os locais logo anulavam qualquer tentativa e mantinham o domínio.

No ultimo quarto de hora a feição do jogo não se modificou apesar de ambas as equipas se empenharem em alterar o marcador.

Aos 43 minutos o Barreirense por intermédio de Garrido obteve o seu golo, mercê do seu esforço em obter o ponto de honra.

No final Varzim, 4-Barreirense, 1.

LEIXÕES - F. C. PORTO

Jogo em Leixões, no campo Santana.

LEIXÕES — Rosas; Marçal e Raul; Benedito, Ribeiro e Moreira; Geraldinho, Veiga, Wagner, Ventura e Esteves.

F. C. PORTO — Américo; Festa e Vasconcelos; Pinto, Almeida e Paula; Carlos Duarte, Jaime, Azumir, Romeu e Nóbrega.

Árbitro: Eduardo Gouveia (Lisboa).

O Leixões manteve-se ao ataque durante largo período de tempo, obrigando a defesa do F. C. Porto a grande actividade e muitos lances de recurso.

Raras vezes os portuenses organizaram jogadas de contra-ofensiva, mas essas não apoquentaram a defesa do Leixões.

Por altura da meia hora o jogo equilibrou-se e as duas equipas desenvolveram, então, lances de muita desenvoltura, mas perderam-se oportunidades de marcar, em ambos os lados.

E assim o fim da primeira parte chegou, sem golos.

A três minutos do recomeço o F. C. Porto marcou o primeiro golo do jogo, por Azumir.

O Leixões empatou, aos 20 minutos, por intermédio de Ventura.

E o jogo terminou com o empate: Leixões, 1-F. C. Porto, 1.

V. SETÚBAL - ACADEMICA

Jogo no Estádio do Bonfim, arbitrado por Salvador Garcia, de Lisboa.

V. SETÚBAL — Mourinho; Polido e Valente; Jaime Graça, Morato e Herculanio; Quim, Teixeira, José Maria, Carlos Manuel e Serafim.

ACADÉMICA — Maló; Curado e Castro; Rui Rodrigues, Torres e Piscas; Almeida, Jorge, Rocha, Gaio e Oliveira Duarte.

Decorridos que foram os primeiros quinze minutos de jogo, com maior insistência de ataques por parte dos locais, surgiu o primeiro golo, exactamente ao quarto de ho-



Vítor Manuel, o «keeper» seixalense anulou um dianteiro sporting

Resultados da Campeonato da Prim

Sporting	3 - Se
Lusitano	2 - G
Cuf	2 - Be
Leixões	1 - Po
Varzim	4 - Ba
Setúbal	4 - A
Olhanense	0 - Be

Campeonato da Segu

ZONA NORTE:

B. Mar, 1-Oliveirense, 2	Mon
Espinho, 2-Boavista, 1	Atlé
Braga, 5-Famalicão, 0	Saca
Sanjoanen., 0-Marinhen., 3	Port
L. Vildemoin., 1-Vianen., 2	C. P
Covilhã, 2-Feirense, 0	Luso
Salgueiros, 3-Leça, 1	Peni

ra, marcado por José Maria, que recebeu o esférico do extremo-direito pa, m Quim, para, de cabeça, obter o tento po to com certa facilidade.

Com os sadinos a vencerem, a isolad toada de jogo, que vinha sendo len ta, passou a ser mais enérgica e quart Maló foi obrigado a várias intervenções, a colmatar lances de certo perigo.

Aos 40 minutos, José Maria conduziu o esférico desde o meio-campo, após um passe de Carlos Manuel, aproximou-se de Maló, saindo este da baliza para evitar o golo. Porém, o avançado sadino escorregou, gorando-se o lance.

Três minutos depois Quim fez um excelente passe a Carlos Manuel, que passando dois defesas, obteve o segundo golo da sua equipa.

Até ao intervalo o resultado não sofreu modificação, pelo que os setubalenses venciam por 2-0.

No início da 2.ª parte, em dois ataques sucessivos, os dianteiros Carlos Manuel e José Maria, tiveram oportunidade de marcar, mas os remates saíram por cima da barra.

Aos 12 minutos, na transformação de um «canto», marcado por Serafim, José Maria, de cabeça, obteve o terceiro golo dos setubalenses.

Aos 23 minutos, Gaio esteve pres-

Classificação actual

	J.	B.	P.
BENFICA	2	8-2	4
Sporting	2	4-1	3
Belenenses	2	5-2	3
Guimarães	2	6-3	3
Porto	2	4-2	3
Leixões	2	4-2	3
Setúbal	2	6-5	2
Varzim	2	4-3	2
Académica	2	2-4	2
Seixal	2	2-4	2
C. U. F.	2	3-5	1
Barreirense	2	2-7	0
Lusitano	2	2-8	0
Olhanense	2	1-5	0

BRILHANTES

De qualquer tamanho e preços compramos

Pagamos muito bem

GRANDE OURIVESARIA

DA MODA

RUA DA PRATA, 257



seixalense anulou com segurança um remate dianteiro sportinguista

los da jornada

da Primeira Divisão

3 - Seixal	0
2 - Guimarães	5
2 - Belenenses	2
1 - Porto	1
4 - Barreirense	1
4 - Académica	0
0 - Benfica	3

da Segunda Divisão

ZONA SUL:	
Montijo, 6-Farense, 2	
Atlético, 3-Alhandra, 0	
Sacavenen., 3-L. V. Real, 0	
Portimonen., 3-Torriense, 1	
C. Piedade, 2-D. Beja, 2	
Luso, 3-«Os Leões», 1	
Peniche, 3-Oriental, 0	

tes a abrir o activo para a sua equi-
pa, mas frente a Mourinho, rema-
ou por cima da barra.
Aos 30 minutos Serafim surgiu
isolado na grande área e perto das
redes rematou forte, marcando o
quarto gol da sua equipa.
Até final o resultado não se alte-
rou: V. Setubal, 4-Académica, 0.

A «CHAVE» DO TOTOBOLA

Para que os nossos leitores
possam, rapidamente, verificar o
acerto ou erro dos seus prognós-
ticos enviados ao Totobola, nu-
blicamos, a seguir, a «chave» re-
ferente às apostas deste domín-
go.

Lusitano-Vit, Guimarães ..	2
C. U. F.-Belenenses	X
Leixões-F. C. Porto	X
Varzim-Barreirense	1
Vit. Setubal-Académica	1
Olhanense-Benfica	2
Lusitano V. M.-Vianense ..	2
Sanjoanense-Marinense ..	2
Spt. Espinho-Boavista	1
Salgueiros-Leça	1
Beira-Mar-Oliveirense	2
Portimonense-Torriense	1
Peniche-Oriental	1

atual

B. P.

2 8-2 4

2 4-1 3

2 5-2 3

2 6-3 3

2 4-2 3

2 4-2 3

2 6-5 2

2 4-3 2

2 2-4 3

2 2-4 2

2 3-5 1

2 2-7 0

2 2-8 0

2 1-5 0

FRIGORÍFICOS

AS MELHORES MARCAS

MUITO MAIS BARATO

PAGANDO A PRONTO

CASA M. L. FERREIRA

R. D. Estefânia, 48, 1.º andar

(Junto ao Largo)

Salgueiros e Atlético, jogando «em casa» obtiveram justas e merecidas vitórias

O «NACIONAL»
DE FUTEBOL
DA 2.ª DIVISÃO

SPT. BRAGA-

-FAMALICÃO

Jogo no Estádio «28 de Maio», em Braga, arbitrado por Caetano Nogueira, do Porto.

SP. BRAGA — Moreira; Mota e José Maria; Coimbra, Juvenal e Armando; Quim, Moraes, Teixeira, Ferreirinha e Dino.

FAMALICÃO — Santaca; Sampaio e Domingos; Carneiro, Janela e Ferreira; Neto, Sarmiento, Ernesto, Romeu e Bartolo.

Ao intervalo: 3-0. Golos de Teixeira, aos 8 minutos; e Coimbra, aos 12 e aos 15 minutos.

Na segunda parte, aos 14 minutos Moraes aumentou a vantagem para 4-0 e aos 25 minutos, Teixeira fixou o resultado final em 5-0.

SP. COVILHÃ-

-FEIRENSE

Jogo no campo «Dr. Santos Pinto», na Covilhã, arbitrado por Herminio Soares, de Lisboa.

SP. COVILHÃ — Arnaldo; Nogueira e Graça; Courelas, Diu e Lázinha; Hugo, Leite, Osvaldo, Madaleno e Manteigueiro.

FEIRENSE — Zeferino; Dinis e Gonzalez; Jambane, Lopes e Campanhã; Germano, Adventino, Brandão, Ramalho e Rui.

No intervalo, 0-0.

Aos 15 minutos Madaleno, e aos 43 minutos, Osvaldo, marcaram para o Covilhã. Resultado final: Covilhã, 2-Feirense, 0.

SALGUEIROS-

-LEÇA F. C.

Jogo no campo «Eng.º Vidal Pinheiro», no Porto, arbitrado por Pinto Ferreira, do Porto.

SALGUEIROS — Vieira I; Taco e Borges; Mário Campos, Chau e Fernando; Amadeu, Vieira II, Carvalho, Claudio e Dario.

LEÇA — José Henriques; Gentil e Pinhal; Albano, Peixoto e Feijão; Cambota, Rocha, Pedro, Martinho e Rato.

Ao intervalo: 1-1. Golos de Rocha, no primeiro minuto; e aos 35, por Carvalho.

No segundo tempo, Dario e Carvalho, fizeram os golos dos salgueiristas pelo que a partida terminou com o resultado de 3-1.

SPT. ESPINHO-

-BOAVISTA

Jogo no campo da Avenida, em Espinho, arbitrado por António Amaro, de Coimbra.

SPT. ESPINHO — Arnaldo; Alberto e Massas; Silva, Alcobia e Adriano; Amorim, Padrão, Quim, Daniel e Luciano.

BOAVISTA — Avelino; Ramalhão e Pacheco; Saul, Nicolau e Sousa Ribeiro; Germano, Adriano, Silva Pereira, Adérito e Celestino.

Ao intervalo: 0-0.

Na 2.ª parte, Padrão, aos 20 e aos 40 minutos marcou pelos locais e Adriano, aos 8 minutos pelos visitantes.

No final: Espinho, 2-Boavista, 1.

LUSITANO V. M.-

-VIANENSE

Jogo no Estádio do Fontelo, em Viseu, arbitrado por Costa Martins, do Porto.

L. VILDEMOINHOS — Jorge; Fernando e Contreiras; Amaral, Luís e Rodrigues; João Carlos, Sousa, António, Alfredo, Mirita e Pinheiro.

VIANENSE — Desidério; Ramos e Nunes; Valdemar, Serra e Gerardo; Manuelzinho, Pepe, Amaral, Marques e Palhares.

Ao intervalo: 1-1, golos de Marques e de Mirita, respectivamente aos 33 e 43 minutos.

Amaral, aos 20 m marcou o golo da vitória do Vianense.

J. Vildemoinhos, 1-Vianense, 2.

SANJOANENSE -

-MARINHENSE

Jogo no campo de treinos da Sanjoanense, arbitrado por Jovino Pinto, do Porto.

SANJOANENSE — Sardinha; Carlos e Oliveira; Ivan, Gaspar e Calhau; Medeiros, Coelho, Augusto, Vasco e Nelson.

MARINHENSE — Serrano; Pinto e Luís; Parada, Zeca e Reis; Duarte, Cadete, Eduardo, Casaca e Carapinha.

Aos 35 minutos Eduardo marcou um golo, pelo que o Marinhense venceu por 1-0 ao intervalo.

Na 2.ª parte, Carapinha aos 11

e Eduardo aos 16 minutos, marca-
ram pelos visitantes.

No final: Sanjoanense, 0-Marinhense, 3.

BEIRA-MAR-

-OLIVEIRENSE

Jogo no Estádio Mário Duarte, em Aveiro, arbitrado por Braga Barros, de Leiria.

BEIRA-MAR — Adelino; Brandão e Evaristo; Nenê; Liberal e Sena; Miguel, Diego, Alberto, Fernando e Romeu.

OLIVEIRENSE — Ferdinando; Vitor e Armindo; André, Branca e Costa; Valente, Resende, Vaz, Correia e Amandio.

Ao intervalo: 0-1. Golo de Correia, aos 3 minutos.

Na segunda parte, aos 12 e aos 29 minutos, Romeu e Valente marcaram pelas suas equipas.

No final: Beira-Mar, 1-Oliveirense, 2.

LUSO. F. C.-

-«OS LEÕES»

Jogo no campo da Quinta Pequena, no Barreiro, arbitrado por F. Aguiar Costa, de Lisboa.

LUSO — Guimarães; Gaiolas e Julio; José António, Batata e Esteves; Correia, Capitão-Mor, Faia, Michael e Nuncio.

«OS LEÕES» — Franklim; Isidro e João Domingos; Castanheira, Jaime e Carritos; Lucio, Paixão, Carlos, Gomes e Domingos.

Ao intervalo: 1-1, golos de Gomes e de Capitão-Mor, respectivamente aos 10 e aos 34 minutos.

Na segunda parte, Faia e Nuncio, aos 5 e aos 34 minutos, marcaram para o Luso.

No final: Luso, 3-«Os Leões», 1.

PENICHE-

-ORIENTAL

Jogo no campo do Baluarte, em Peniche, arbitrado por C. Alberto Neves, de Setubal.

D. PENICHE — Balacó; Medeiros e Lúcio; José Artur, Lino e Carlos Silva; Correia Dias, Carapinha, Manuel Jorge, Peres e Totó.

ORIENTAL — Azevedo; José António e Azevedo; Leonardo, Zóimo e Fragona; Ferrão, Marques, Nogueira, Cristóvão e Faustino.

Ao intervalo: 2-0, golos de Peres e José Artur, respectivamente, aos 7 e aos 20 minutos.

No segundo tempo, Carapinha marcou mais um golo.

No final: Peniche, 3-Oriental, 0.

C. PIEDADE-

-D. BEJA

Jogo no campo Silva Nunes, na Cova da Piedade, arbitrado por João Banheiro, de Lisboa.

C. PIEDADE — Aleixo; Castro e Assis; Laranjeiro, Sim Sim e Jurado; Torres, Rui Silva, Pedro Silva, Bambo e Tito.

D. BEJA — Alves; Madeira II e Madaleno; Dionísio, Francellino e Madeira I; Quinto, Nunes, Fernandes, Joab e Diogo.

Ao intervalo, 0-1, golo de Fernandes, aos 17 minutos.

Na segunda parte Pedro Silva, aos 2 minutos, estabeleceu a igualdade, tendo Fernandes, aos 26 minutos, passado para 1-2.

JUNIORES DA A. F. S.

Resultados dos jogos de hoje

Prosseguiu hoje o campeonato de juniores da 1.ª Divisão da A. F. Setubal. Disputaram-se os encontros da 2.ª jornada, com os seguintes resultados:

Barreirense-C. Piedade ...	5-0
Almada-Seixal	3-0
C. U. F.-Seixal	1-0
Luso-Montijo	1-1
Moitense-V. de Setubal ...	1-2

RAGUEBI

Começou hoje a nova época

Principiou hoje o «Torneio de Abertura» de raguebi, tendo o jogo principal sido disputado no Estádio Nacional, entre as equipas do Belenenses A e do Sporting, com vitória dos «azuis» por 27-3.

Nos outros jogos, os resultados foram os seguintes:

Benfica (A), 52-C. D. U. L. (B), 0.

Benfica (B), 3-C. D. U. L. (A), 19.

Rui Silva, aos 31 minutos, esta-
beleceu a igualdade.

Assim: Cova da Piedade, 2-Desp. Beja, 2.

SACAVENENSE-

-LUSITANO V. R.

Jogo no campo de Sacavém, arbitrado por Manuel Lousada, de Santarém.

SACAVENENSE — Jesus; Fernandes e Jorge; Costa, Mota e Américo; Oliveira, Mega, Malveiro, Inácio e Macedo.

LUSITANO V. R. — Santos; Vicente e José Pedro; Gonçalves, Salas e Araujo; Torres, Jaruga, Djanca, Silva e Baptista.

Aos 6 minutos Mega marcou o primeiro golo do Sacavenense.

Ao intervalo: Sacavenense, 1-Lusitano de Vila Real, 0.

Na segunda parte Mega, aos 12 e aos 39 minutos, elevou a vantagem para 3-0 favorável ao Sacavenense.

ATLÉTICO-

-ALHANDRA

Jogo no campo da Tapadinha, arbitrado por J. Mendonça Rocha, de Lisboa.

ATLÉTICO — Vítor; Lobo e Moreira (ex-Beira-Mar); Luz, Orlando e Craveiro; Carapinha (ex-Salgueiros), Márinho, Pinho, Vítor Silva (ambos ex-Lus. Évora) e Santos.

ALHANDRA — Ribeiro; Tomás e Sousa; Julião, Vítor e André; Carritos, Mário, Nunes Pinto, Melo e Rui.

Ao intervalo, 1-0, a favor do Atlético, com um golo de Vítor Silva, aos 33 minutos.

Na segunda parte Marinho fez o segundo golo, de grande penalidade, aos 12 minutos, e aos 42 minutos o mesmo jogador fez o terceiro golo alcantarense.

No final: Atlético, 3-Alhandra, 0.

MONTIJO-

-FARENSE

Jogo no campo «Luís Fidalgo» no Montijo, arbitrado por Rogério M. Paiva, de Lisboa.

MONTIJO — Redol; Faustino e Manuel Joaquim; Garoa, José António e Sabino; Galambas, Celestino, Gorgulho, Serralha e Pataca.

FARENSE — Rodrigo; Reina e Larguito; José António, Armando e Dias; Justino, Oscar, Marco, Waldeimar e Vítor.

Ao intervalo, 2-1, a favor do Montijo. Golos de Garoa e Pataca, aos 40 e 48 minutos, para a equipa da «casa» e de Oscar, aos 24 minutos.

No final: Atlético, 3-Alhandra, 0.

O CASTELO BRANCO

jogou com o Plasência

CASTELO BRANCO, 27. — Disputou-se hoje, nesta cidade, um encontro entre o S. B. e Castelo Branco e o clube espanhol do Plasencia. Os grupos formaram:

CASTELO BRANCO — Carujo; Juca e Sebastião; Neto, Saraiva e David; Lagarto, Fernando, Graça, Silvino e Martanga.

PLASENCIA — Labis; Paquito e Borges; Erro, Cuartango e Salva; Beltran, Miguel, Del-Alamo, Molano e Vaquero.

Ao intervalo os espanhóis ganhavam por 1-0, golo marcado por Beltran.

No segundo tempo, aos 6 m. Erro, nas próprias balizas, marcou, para o C. Branco e aos 8 m. Dado apontou o golo da vitória dos espanhóis.

No final: Plasencia, 2-C. Branco, 1.

de grande penalidade, para os visi-
tantes.

Mergulho, Galambas, Celestino e Pataca, aos 5, 24, 34 e 36 minutos e Marco aos 43 minutos, marcaram no segundo tempo. Resultado final: Montijo, 6-Feirense, 2.

PORTIMONENSE-

-TORRIENSE

Jogo no Estádio do Portimonense, disputado, esta manhã, sob a arbitragem de Marcos Lobato, de Setubal.

PORTIMONENSE — Daniel; Líno e Celestino; Arquimínio, Jorge e Santos; Pais, Lecas, Tónica, José António e Afonso.

TORRIENSE — Varatojo; Narciso 2.º e Telmo; Carlos António, Humberto e José da Costa; Níneu, Belmiro, Rodrigues, Penetra e Narciso 1.º.

Ao intervalo, 2-0, golos de Tónica e de Lecas, aos 27 e 42 minutos.

Na segunda parte Jorge, aos 25 minutos, fez o terceiro golo do Portimonense.

Quase a terminar o jogo Telmo marcou o golo do Torriense.

CLASSIFICAÇÕES

ZONA NORTE — 1.º, Braga, Salgueiros e Marinhense, 4 pontos; 4.º, Leça, Feirense, Famalicão, Boavista, Covilhã, Oliveirense, Vianense e Espinho, 2; 12.º, Vildemoinhos, Sanjoanense e B. Mar. 0.

ZONA SUL — 1.º, Peniche, 4 pontos; 2.º, Desp. Beja, 3; 3.º, Oriental, Farense, Alhandra, «Os Leões», Torriense, Atlético, Luso, Montijo, Portimonense e Sacavenense, 2; 13.º, Cova da Piedade, 1; 14.º, Lusitano V. R., 0 pontos.

I Divisão da A. F. L.

Resultados dos jogos de hoje

Prosseguiu hoje, com os jogos correspondentes à 4.ª jornada, o «Distrital» da I Divisão, tendo-se apurado os seguintes resultados:

Estoril-Arroios	1-1
Reservas	2-2
Vitória-Casa Pia	1-1
Reservas	0-1
Vila-Franquense-Sintrense	0-0
Reservas	4-0
Palmense-Olivais	2-1
Reservas	0-0
Desp. Olivais-Loures	1-2
Reservas	1-1

Campeonato de Juniores de Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 27. — Prosseguiu ontem á noite o campeonato de juniores de futebol com os seguintes resultados: Ferroviário, 3-Sporting, 0 e Desportivo, 3-Benfica, 1.

A duas jornadas do fim, o Ferroviário comanda a classificação com 12 pontos, seguido pelo Desportivo com 10, o Sporting com 6 e o Benfica com 4. — (A. N. I.).

11 JIMENEZ

formaram uma equipa de futebol

HUESCA (Norte de Espanha), 27. — Uma equipa de amadores, que se apresentou para jogar num torneio local de futebol, é composta inteiramente por jogadores chamados Jimenez — apelido muito comum na Espanha. — (R.).

NAS ACTUAIS LOTARIAS POPULARES AUMENTOU O VALOR DO 1.º PRÉMIO E BAIXOU O PREÇO DA FRACÇÃO

«TALUDA» 1.200 CONTOS

3 terminações

2 algarismos finais

NA PRÓXIMA QUINTA-FEIRA

No próximo domingo A 3.ª jornada dos «Nacionais»

Os Campeonatos Nacionais de Futebol prosseguem, no próximo domingo, com os encontros correspondentes à 3.ª jornada, a efectuar nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

I Divisão

Sporting-Lusitano, V. Guimarães, C. U. F., Belenenses, Leixões, F. C. Porto-Varzim, Barreirense, V. Setúbal, Académica-Olhansense e Seixal-Benfica.

II Divisão

ZONA NORTE—Lusitano V. M., Sanjoanense, Marinhense-Espinho, Boavista-Salgueiros, Leça-Beira-Mar, Oliveirense-Spt. Covilhã, Feirense-Spt. Braga e Vianense-Famalicão.
ZONA SUL—Sacavenense-Montijo, Farense-Luso, Leões-Portimonense, Torriense-Atlético, Alhandra-C. Piedade, Desportivo Beja-Peniche e Lusitano V. R.-Oriental.

BASQUETEBOL

Campeonatos Regionais

Proseguiram, esta manhã, os campeonatos regionais das 2.ª e 3.ª Divisões e, bem assim, de juniores e infantis, tendo-se verificado os seguintes resultados:

II DIVISÃO

Lisboa Ginásio-C. D. U. L. ... 30-22

III DIVISÃO

Série A — 1.ª Categ. ... 34-15

Série B — 1.ª Categ. ... 78-18

JUNIORES

Série A

Queluz (A)-Oriental ... 32-06

C. D. U. L. (A)-Carnide ... 12-23

Benfica (A)-Nacional (A) ... 36-26

Série B

Alges (A)-C. I. F. ... 29-40

Casa Pia-Campolide ... 10-46

Série C

P. Arcos-C. D. U. L. (B) ... 28-42

Sacavenense-Sporting (A) ... 22-50

Alges (B)-Cascais ... 26-16

Ateneu-Moscavide ... 29-16

Tabacos-Sporting (C) ... 16-29

Nacional (B)-Pedrouços ... v. f. c.

INFANTIS

Série A

Queluz (A)-Oriental ... 63-05

C. D. U. L. (A)-Carnide ... 5-14

Benfica (A)-Nacional (A) ... 16-35

Série B

Casa Pia-Campolide ... 16-20

Alges (A)-C. I. F. ... 34-22

Série C

Paço Arcos-C. D. U. L. (B) ... 20-24

Sacavenense-Sporting (B) ... 9-39

C. Quebradense-Pedrouços ... 16-15

Campeonato de Setúbal

Os jogos realizados hoje, de 1.ª categoria, terminaram com os seguintes resultados:

Mundet-Barreirense, 23-45; Montijo-Luso, 80-38.

Os «Nacionais» de «snipes» começam amanhã em Luanda

LUANDA, 27 — Começam amanhã, na baía de Luanda, as regatas a contar para o campeonato nacional de «snipes» que serão disputadas por velejadores da Metrópole, de Moçambique e de Angola, incluindo os campeões nacionais Orlando Sena Rodrigues e Adriano Silva, de Luanda.

Ontem, á noite, procedeu-se á medição das velas no Clube Naval e no dia 3 de Novembro realiza-se a festa da distribuição dos prémios.

Devido ao brilhante comportamento em representação de Portugal nos II Jogos Luso-Brasileiros e no Campeonato do Mundo da classe de «snipes», recentemente realizados, o Conselho Provincial de Educação Física de Angola resolveu louvar os velejadores Orlando Sena Rodrigues e Adriano Silva, anunciando um despacho daquele organismo. — (A. N. I. e L.).

Seguiram hoje para Luanda os restantes velejadores que vão disputar os campeonatos

Num avião da TAP seguiram hoje para Luanda os restantes componentes da representação metropolitana nos Campeonatos Nacionais de «Snipes».

Este segundo grupo de velejadores é composto por Gilberto Sousa, Jaime Sacadura, José Godinho, Fernando Santos, Jorge Leiria, Mário Baptista e Mário Macedo.

Fixa-se assim em vinte o número de velejadores metropolitanos, que se deslocaram á capital de Angola.

Fernando Adrião

mais uma vez foi castigado!

LOURENÇO MARQUES, 27 — Fernando Adrião, campeão do Mundo de hóquei em patins, foi novamente suspenso, pela Associação de Patinagem, desta vez por se ter envolvido em desordem, na sexta-feira, com espectadores que o insultaram no final de um jogo.

O seu clube, o Malhangalense, disputa na terça-feira contra o Sindicato, um jogo decisivo para o «Torneio de Preparação». — (A. N. I.).

HANDEBOL DE SETE

O Sporting perdeu na Suíça

No encontro que iniciou a digressão da equipa do Sporting, de handebol de sete, disputado na cidade de Baden, o Grasshoppers, campeão da Suíça, venceu o grupo «leonino», por 26-15.

Marçaram os golos lisboetas: Aires (6), Patrício (6), Martins (1), Marques (1) e Feist (1).

Os campeões lisboetas disputam esta noite os seus primeiros jogos na Alemanha, no Torneio de Dortmund, em que participam vários campeões regionais, o campeão nacional alemão e o Dukla, campeão europeu.



Um «chimpanzé fardado» que foi mascote dos soldados e que os acompanhou para Lisboa



O pequeno clandestino da Guiné que veio com os soldados por se lhes ter afeiçoado

UM RAPAZ DE 12 ANOS VEIO DA GUINÉ

por se ter afeiçoado
aos soldados

Quando as tropas que chegaram hoje no «Índia» vinham já a meio caminho da viagem descobriram, escondido, um rapazito de cor, natural da Guiné, de nome Celestino da Silva, de 12 anos, que foi entregue ao capitão-de-mar-e-guerra, comandante de bandeira.

Interrogado sobre a maneira como se introduziu a bordo e por que pretendia vir para Lisboa, o rapazito declarou que durante o tempo em que aqueles soldados estiveram na Guiné andou com eles. Afeiçoou-se e viveu com os soldados no quartel e, ao saber que vinham para Lisboa, não tendo pai nem mãe, decidiu acompanhá-los não só para vir estudar, trabalhar e ver se poderia ingressar nas equipas infantis do Sporting Clube de Portugal. É que ele diz saber jogar a bola e afirma que fazia parte do Sporting Clube de Bissau.

ESGRIMA

Do novo calendário de provas da Federação de Esgrima, só ontem, até às 21 horas, se disputou, no salão do Centro Espanhol, a 1.ª Prova de Pré-Seleção de Espada, na qual se classificaram como segue:

1.º — Francisco Jesus da Silva, do C. D. U. L., com 6-2; 2.º — Tomás Baltasar, do C. Shell, 5-3 e 27 t. r.; 3.º — Helder Reis, do C. D. U. L., 5-3 e 28 t. r.; 4.º — J. Gonçalves Gomes, do C. N. E., 5-3 e 30 t. r.; 5.º — J. A. Santos Silva, do C. N. E., 5-3 e 32 t. r.; 6.º — Eduardo Corvo, do C. D. U. L., 3-5 e 32 t. r.; 7.º — Tristão da Cunha, do C. D. U. L., 3-5 e 36 t. r.; 8.º — Sebastião Mendonça Garcia, do C. D. U. L., 2-6; 9.º — J. C. Tavares Cabral, do C. M., 1-7.

Regressou da Guiné um contingente de tropas que havia sido rendido na semana passada

No paquete «Índia», regressaram hoje da Guiné, onde estiveram em defesa da soberania daquele território ultramarino, 470 praças, sargentos, cabos e oficiais, sob o comando do tenente-coronel José Alves Moreira. Estas tropas estiveram ali 27 meses. O desembarque foi feito no Cais de Alcantara, onde se encontravam formações de comboios de camiões, para conduzirem os recém-chegados aos centros de desmobilização. Dali serão, depois, levados para as terras das suas naturalidades nos distritos de Caldas da Rainha, Porto, Braga, Beja e Lisboa. No cais, eram aguardados por muitas pessoas de família e em todos os rostos havia uma expressão de alegria. Alguns dos militares traziam consigo macacos.

Os soldados, antes da hora marcada para a chegada do representante do ministro do Exército, desembarcaram com as respectivas bagagens. Um soldado, que andava no cais, de um lado para o outro, com um chimpanzé vestido de pára-quedista e com óculos, deu uma nota pitoresca e curiosa. O chimpanzé dá pelo nome de Zé e foi adquirido pelo soldado Armindo José Teixeira, de Silves, no concelho de Fafe. Comprara-o por 1250\$00. Já está familiarizado com os militares, mas nunca deixa o seu dono.

Apresentação de cumprimentos

O contingente de tropas formou no Largo de Alcantara, em frente do cais, onde o sr. brigadeiro Pires Barata, em representação do ministro do Exército, passou revista á formatura, após o que abraçou o comandante, dizendo-lhe: «Boas-vindas. Felicito-os pelo dever cumprido».

Em seguida, o sr. brigadeiro Pires Barata subiu a um estrado e fez uma alocução, afirmando: «Falo-vos em nome de outro soldado, que é o vosso chefe — o ministro do Exército, que me encarregou de vos apresentar as boas-vindas neste momento em que acabais de cumprir a vossa missão em defesa dos territórios pátrios. O ministro do Exército acompanhou o vosso esforço, mas não foi apenas ele: foi a Nação. Isto prova que este contingente foi capaz de representar Portugal na missão delicada que lhe havia sido confiada. E' por isso que somos fortes e nada nos abalará, porque temos a consciência das virtudes cristãs. Deveis sentir hoje uma grande alegria por poderdes abraçar as vossas famílias. Todos compartilhamos da mesma alegria e estamos aqui a receber-vos com orgulho».

O comandante do contingente, sr. tenente-coronel José Alves Moreira, pediu licença para produzir algumas palavras e, dirigindo-se ao sr. brigadeiro Pires Barata, agradeceu-lhe as palavras dirigidas ás suas tropas, afirmando: «Todos nós, oficiais, sargentos e praças, subimos cumprir o nosso dever e não há lugar para agradecimentos. Sabemos bem quanto a Pátria, hoje mais do que nunca, precisa de todos. Sentimos grande alegria. Entregamos aos que nos foram ren-

der a continuação da defesa duma parcela do território português».

E, depois: «Não devemos esquecer que alguns dos nossos camaradas morreram nos campos de batalha, cumprindo o dever e a honra. Por isso, é justo recordá-los com saudade».

A terminar: «Mais uma vez, agradeço a V. Ex.ª e ao ministro do Exército e a todos os oficiais, sargentos e soldados, que serviram sob o meu comando, o esforço que todos fizeram. De todos me despeço com saudade, desejando-lhes muitas felicidades».

Por fim, o sr. brigadeiro Pires Barata abraçou o sr. tenente-coronel José Alves Moreira, dizendo que abraçava simbolicamente todos os recém-chegados.

MILITARES QUE REGRESSAM à Metrópole

portadores de Cruzes de Guerra

LUANDA, 27.—No campo militar de Grafanil, realizou-se a cerimónia de despedida de alguns contingentes militares que, após o cumprimento da missão de soberania em Angola, regressam á Metrópole. Assistiram á cerimónia os srs. general Reverendo da Conceição, comandante da Região Militar de Angola, e coronel Lino Ferreira, comandante do campo.

O comandante da Região Militar fez a entrega de testemunhos de apreço aos representantes das unidades que agora regressam e que, entre condecorados e louvados, levam consigo, vinte Cruzes de Guerra e três medalhas de Valor Militar com Palma.—(L.).

Aumenta a gama de produção da Companhia de Celulose do Ultramar

ALTO CATUMBELA (Angola), 27.—Utilizando exclusivamente matérias-primas locais, a Companhia de Celulose do Ultramar Portuguesa começou, há dias, a produzir papel alcatroado, que se destina designadamente, a embalagens, coberturas, contra a chuva, protecção dos terreiros de café e tabaco, etc.

Anuncia-se, para breve, igualmente a produção de papel parafinado, que tem grande aplicação em embalagens e substitui, com vantagem em alguns casos o papel vegetal.—(A. N. I.).

Capital argentino interessado em investimentos em Angola

LUANDA, 27.—Capitalistas argentinos estão interessados em fazer investimentos em Angola.

A Imprensa de Luanda informa que a Junta do Comércio Externo fo já sondada, neste sentido, por entidades argentinas.—(A. N. I.).



Depois do navio, o comboio... Os soldados que chegaram hoje da Guiné, ao tomarem as composições ferroviárias que os conduziram ás suas terras

MARCOS VIEIRA GARIN
capitão-de-mar-e-guerra
AVIADOR
MISSA 1.º ANIVERSARIO

Sua família participa que amanhã, segunda-feira, dia 28, será celebrada a Santa Missa, pelo eterno descanso de Sua Alma, na Igreja de S. Domingos, ás 11 horas, rogando Sua Mulher, a todos que tão carinhosamente a ampararam, lhe desculpem por não lhe ter sido ainda possível agradecer suas inesquecíveis provas de amizade, muito agradecendo a quem se dignar assistir ao piedoso Acto.

Visconde de Giraúl
MISSA DO 7.º DIA

OS CORPOS GERENTES DA SOCIEDADE YUVA BASTOS & FILHOS participam que amanhã, dia 28, ás 11,30 horas, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, será rezada Missa pelo eterno descanso do seu saudoso sócio-gerente, sr. Visconde de Giraúl, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

Incidente racial em Filadélfia

FILADELFIA, 27 — Houve um grave incidente racial nesta cidade, onde a morte de um negro por um agente da Polícia ia provocando um motim.

Segundo a versão das autoridades, um tal Willie Phillyaw teria roubado um relógio num grande armazém. Ao ser preso, sacou de uma navalha e tentou ferir o raptor. Este viu-se obrigado a disparar a pistola, em defesa própria, matando o negro com um tiro na cabeça. Minutos não eram passados, e já uma enorme multidão de negros se encontrava aglomerada em frente do estabelecimento, em atitude hostil. Os manifestantes começaram a apedrejar as montras e janelas. Chegaram reforços policiais, que puseram os negros em debandada. Foram presas sete pessoas. — (F. P.).



A GREVE DOS CAMINHOS DE FERRO EM FRANÇA — Soldados ajudando civis a descer de um dos 300 caminhões militares usados para suprir a falta de transportes motivada pela greve dos caminhos de ferro, em França. A greve durou 24 horas

A Espanha pretende um empréstimo francês de 4 500 000 contos

MADRID, 27. — Prosseguem as negociações económicas hispano-francesas para a concessão de importantes empréstimos à Espanha.

Nos círculos financeiros de Madrid espera-se que estas negociações estejam terminadas na primeira quinzena de Novembro, e que os acordos possam ser assinados em Paris, entre os ministros das Finanças dos dois países, na segunda quinzena do mesmo mês.

Oficialmente guarda-se reserva absoluta em torno do desenvolvimento das conversações. Porém, nos círculos económicos, afirma-se que as condições gerais do acordo são: empréstimo equivalente a 4 500 000 contos para a aquisição de material diverso, 80 por cento do qual teria de ser comprado na França; o empréstimo venceria o juro de 4,75 por cento ao ano, e seria pago no período de 20 anos.

As conversações hispano-francesas foram iniciadas na Primavera passada, quando o ministro francês das Finanças visitou Madrid. — (A. N. I.).

«Crise do pão» em Moscovo

MOSCOVO, 27 — Os padeiros desta cidade, depois de hesitarem dias a fio, decidiram ontem fazer broa de milho. E começaram a vender esse pão cinzento escuro. Continua a haver pão branco. Mas para o comprar é preciso perder horas e horas em bichas intermináveis. E não deixou de se manufacturar pão de trigo de segunda, muito escuro.

Por vezes, falta o pão nalgumas padarias. E assiste-se a verdadeiras maratonas. As famílias dividem-se e cada membro vai a correr a outros bairros, em tentativa desesperada para encontrar pão, seja ele branco, escuro ou cinzento. Pelas «bichas», é fácil reconhecer onde se encontra uma padaria. Entretanto, a cor do pão moscovita escurece à medida que os dias passam. Continua a «crise do pão», declarada há precisamente um mês. Por enquanto, não tem havido protestos. — (F. P.).

Bom ano agrícola na China Popular

HONG-KONG, 27. — Este foi o ano mais próspero no domínio agrícola desde 1958 na China Popular segundo afirma Rádio Pequim, captada nesta cidade.

Com efeito, a população rural — 500 milhões de indivíduos numa população de 700 milhões — beneficiou este ano de excelentes colheitas e os mercados rurais conheceram intensa actividade. Os camponeses estão actualmente a terminar as colheitas do Outono, diz Rádio Pequim, que insiste no facto de que cerca de 40 milhões de trabalhadores agrícolas são intelectuais enviados para o campo para dirigirem os aspectos técnicos da agricultura. — (F. P.).

Ferrovário morto em Moçambique vítima de acidente

LOURENÇO MARQUES, 27 — Quando procedia ao engate de duas carruagens ficou entalado e morreu em consequência dos ferimentos recebidos, o ferrovário Diamantino Casimiro Silva, de 28 anos. Natural de Abrunheira da Serra era casado com Angela Rocha Cadina e deixa um filho nascido há dias. — (A. N. I.).

Explosão de um petardo CIDADE DO MEXICO, 27. — Explodiu um petardo de construção caseira, na I Exposição Industrial Espanhola, nesta cidade. Não houve vítimas e os estragos materiais são mínimos. — (F. P.).

Os mineiros soterrados

PEINE (Baixo Saxe), 27. — As equipas de socorros prosseguem febrilmente os trabalhos para libertarem os quatro mineiros da Ilse de Huette que se supõe estarem ainda vivos, a 70 ou 90 metros de profundidade. Por outro lado, foi hoje celebrado um serviço fúnebre nas comunas de Broistedt e de Lengede à memória dos outros 39 mineiros desaparecidos. — (F. P.).

Explosão espectacular

CLEVELAND (Ohio), 27. — Gigantesca explosão destruiu, a noite passada, uma fábrica de fogo de artifício, em Bellaire. Há um morto e um ferido. A vila foi iluminada subitamente por enorme quantidade de foguetes de todas as cores, enquanto que todo o género de projecteis subiam nos ares. Sobre Bellaire caiu uma autêntica chuva de cinzas. — (F. P.).

A FALTA DE CHUVA no Huambo

NOVA LISBOA (Angola), 27. — Na região do Planalto Central as chuvas próprias da estação estão atrasadas, pelo que as sementeiras, nomeadamente as do milho, começam a ressentir-se. Noutras regiões, já chove desde fins de Setembro, mas em torno de Nova Lisboa os campos ainda apresentam o capim amarelo e ressequido. — (A. N. I.).

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS AO SERVIÇO DO PAÍS

DO ESTRANGEIRO EM POUCAS LINHAS

● O Governo do Dahomé foi dissolvido

COTONU, 27. — Anuncia-se oficialmente que foi dissolvido o Governo do Dahomé, presidido por Hubert Maga, o chefe do Estado. Parece que o Governo de Maga foi dissolvido consequentemente a pressões dos sindicatos e de membros do Partido da Unidade. A população da capital aclamou o nome de Apithy, vice-presidente da República. Entretanto anuncia-se que o presidente Maga, que continua no Poder, procederá a uma remodelação ministerial. — (F. P.).

● Os barcos de pesca malaio passam a ser escoltados

KUALA LAMPUR, 27. — Os barcos de pesca malaio passam a ser escoltados por navios armados, isto para os proteger de ataques de navios de guerra indonésios — anunciou o ministro da Agricultura da Malásia. Indicou que esta decisão foi tomada consequentemente aos múltiplos casos de pirataria cometidos estas últimas semanas por indonésios contra barcos de pesca malaio. — (F. P.).

● A África do Sul vai fabricar mísseis

JOHANNESBURG, 27. — Foi anunciado nesta cidade que a África do Sul vai construir um instituto de pesquisas de foguetes para desenvolver um míssil teleguiado terra-ar. O professor Le Roux, vice-presidente do Conselho para as pesquisas científicas e industriais, declarou ao fazer esta comunicação: «A República é forçada pelos acontecimentos em África a entrar no campo dos mísseis». — (R.).

Violento incêndio num monte próximo de Lamego

LAMEGO, 27. — Ontem à noite, ateou-se violento incêndio num monte que circunda a povoação da Pousada, a cerca de 10 quilómetros desta cidade, e que pertence a Manuel Pinto Espanhol. Chamados os bombeiros voluntários locais, estes compareceram ali prontamente com dois pronto-socorros e comandados pelo subchefe Santos. O fogo lavrava com grande intensidade e logo se verificou que seria difícil combatê-lo, dado ser muito íngreme o caminho de acesso ao monte, o que impossibilitava a aproximação dos pronto-socorros. O incêndio que chegou a atingir uma frente de 500 metros, foi, mesmo assim, atacado com denodo pelos bombeiros e pelo povo que logo acorreu. Arderam grandes quantidades de tojo e de giesta de grande altura, bem como uma vinha próxima, e os prejuízos são elevados.

A certa altura chegou a temer-se que o sinistro se propagasse à povoação. Bombeiros e populares lutaram até à exaustão, pelo que alguns tiveram de ser socorridos no próprio local. Entre eles conta-se o subchefe Santos que dirigiu os trabalhos. O incêndio foi dado como extinto à 1 e 30 da madrugada, desconhecendo-se, ainda, qual terá sido a sua causa. Dado que ali passa próximo um caminho público, aventase a hipótese do sinistro ter sido provocado por qualquer fósforo ou ponta de cigarro deixada por algum transeunte.

O dia desportivo

PORTO, 27. — Prosseguiram esta manhã, as competições desportivas das associações portuenses, tendo-se efectuado mais uma jornada, que forneceu os seguintes resultados:

FUTEBOL — Juniores — Série A — Amarante-Freamunde, 5-2; Lousada-Lixa 0-1; P. Ferreira-Penafiel, 1-3. **Série B** — Maia-Trofense, 2-2; Tirsense-Castelo, 3-4; Boavista-Aves, 5-0. **Série C** — Paredes-Ermesinde, 1-1; Valonguense-Sousense, 1-1; Gondomar-Pedrouços, 0-3. **Série D** — Varzim-Perafita, 7-0; P. Rubras-Rio Ave, 0-0; Leça-Leixões A, 3-2. **Série E** — Foz-Padrense, 3-0; Infesta-Custóias, 2-1; Senhora da Hora-Leixões B, 1-2. **Série F** — Gervide-Leverense, 1-1; Sandinense-Oliveira do Douro, 1-2; Crestuma-Avintes, 4-4. **Série G** — Candal-Salgueiros B, 2-2; Vilanovense-Coimbrões, 6-1; Progresso-F. C. do Porto A, 0-3. **Série H** — Serzedo-Perosinho, 1-1; Grijó-S. Félix, 1-6; Canidelo-Valadares, 1-2. **Série I** — D. Portugal-Salgueiros A, 0-1; F. C. do Porto B-Académico, 7-1; Ramaldense-Cruz, 0-2.

Principais — Série A — Leixões A-F. C. do Porto B, 8-0; Ermesinde-Infesta, 0-1; Freamunde-Maia, 8-0. **Série B** — Leixões B-Salgueiros V-F C.; Boavista-Pedrouços, 4-3; Ramaldense-Varzim, 1-2. **Série C** — Coimbrões-Candal, 1-1; Perosinho-Foz, 0-1; Grijó-Académico, 6-0.

BASQUETEBOL — II Divisão — Académico-Nun'Alvares, 26-12. **Juniores** — Leixões-Guifões, 12-26; F. C. Porto (B)-Vasco da Gama, 33-32; Gaia-Nun'Alvares, 23-24; Vilanovense-Académico 33-21; Boavista-Centro, 29-52. **Infantis** — Leixões-Guifões, 17-22; Vasco (A)-E. F. do Norte, 20-7; Porto (A)-Leça, 30-12; Porto (B)-Vasco (B), 32-18; Gaia-Nun'Alvares, 7-9; Boavista-Centro, 8-34.

ANDEBOL — I Divisão — Porto-Bonfim, 23-7; Figueirense-Centro, 12-12; Vilanovense-Salgueiros, 10-19. **II Divisão** — Mocidade-Invicta-Boavista, 15-13; Progresso-Invicta, 8-3; Académico-Senhora Hora, 11-16. **Juniores** — Porto-Académico, 14-6 e Leixões-Boavista, 2-12.

Cairam das bicicletas

PORTO, 27. — Recoilheram ao Hospital de Santo António o serralheiro Manuel Martins Teixeira, de 36 anos, casado, de S. Pedro da Cova, que caiu de uma bicicleta sofrendo fractura do crânio; e o funcionário camarário Adriano Castro Alves, de 23 anos, residente em Gondomar, que também caiu de uma bicicleta e sofreu ferimentos no couro cabeludo e escoriações pelo corpo.

Espectáculos de amanhã

COLISEU — As 15 e 30 e 21 e 30: «West Side Story» (17 anos). RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30: «Os irmãos corsos» (17 anos). SA DA BANDEIRA — As 15 e 30 e 21 e 30: «Patrulha 109» (12 anos). S. JOÃO — As 15 e 30 e 21 e 30: «A respeitável carcaça» (12 anos). BATALHA — As 15 e 30 e 21 e 30: «Agente implacável» (17 anos). AGUIA DE OURO — As 15 e 30 e 21 e 30: «Fuga sem rumo» (17 anos). TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30: «As noivas do papá» (12 anos).

Os estudantes ingleses

em visita a Lisboa Os estudantes ingleses, que ontem à noite chegaram a Lisboa a bordo do paquete «Devonia», visitaram durante o dia de hoje Cascais e Sintra.

Os jovens, em numero de trezentos, embarcam ao fim da tarde no «Devonia», que larga horas depois com rumo a Liverpool, onde termina o seu cruzeiro.

FUTEBOL INTERNACIONAL

A Suécia e a Hungria empataram

GUTENBURGO, 27. — A Suécia e a Hungria empataram 2-2, resultado feito no 1.º tempo, num encontro internacional de futebol, contando para a classificação com vistas aos Jogos Olímpicos.

A Hungria venceu o 1.º encontro por 4-0, disputado em Budapeste na Primavera passada. — (F. P.).

Os juniores da Hungria venceram os da Áustria (2-1)

BUDAPESTE, 27. — Os juniores da Hungria venceram os da Áustria por 2-1 (intervalo 1-1) num encontro internacional amigável de futebol. — (F. P.).

OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30: «As três espadas do Zorro» (12 anos). CARLOS ALBERTO — As 15 e 15 e 21 e 30: «O conde de Monte Cristo» (12 anos). JULIO DINIS — As 21 e 30: «A furia dos Vikings» (12 anos). VALE FORMOSO — As 15 e 30: Espectáculo para senhoras. As 21 e 30: «O fosso e o pêndulo» (17 anos). NUNO ALVARES — «A milionária» (17 anos).

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

D. Maria Ifigénia Cachulo Faria

FIGUEIRA DA FOZ, 27 — Após algum tempo de sofrimento, faleceu nesta cidade, de que era natural e onde era muito estimada, a sr.ª D. Maria Ifigénia Cachulo Faria, viúva do saudoso figueirense Adelino Joaquim de Faria, mãe do sr. Arsénio Faria, solicitador encartado e um dos administradores da Sociedade Figueira-Praia proprietário do Grande Casino Peninsular e Grande Hotel da Figueira, e da sr.ª D. Julia de Ascensão Faria, casada com o sr. Carlos Humberto Mendes.

O funeral, que foi muito concorrido, realizou-se para o cemitério Ocidental.

Henrique Santos

Após prolongado sofrimento, faleceu na sua residência, Rua Luís Monteiro, 22, o sr. Henrique Santos. O extinto era casado com a sr.ª D. Maria da Nazaré Vera Santos e irmão das sr.ªs D. Laura Santos Infante da Camara, Maria Jesus Santos Martins, Alice Santos e Ernestina Santos Soares Franco.

O funeral realizou-se pelas 16 horas, da igreja da Penha de França, para o talhão dos Combatentes, no cemitério do Alto de S. João.

António José Osório Flamengo

BISSAU, 27 — Faleceu nesta cidade o sr. António José Osório Flamengo, presidente da Associação Comercial e Industrial da Guiné.

SUFRAGIOS

D. Adelaide Guimarães Martins

Mandada rezar por suas irmãs, celebra-se amanhã, às 12 horas, na Basílica dos Mártires, missa do 90.º dia do falecimento de D. Adelaide Guimarães Martins.

Comandante Marcos Vieira Garin

Mandada celebrar por sua família, reza-se amanhã, às 11 horas, na igreja de S. Domingos, missa do 1.º aniversário por alma do comandante Marcos Vieira Garin.

Fernando Raul Fonseca Dias Canto

FALECEU

A Firma GUILHERME GRAHAM JÚNIOR & C.ª cumpre o doloroso dever de participar a todos os seus Clientes e Amigos o falecimento deste seu colaborador e que o funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, da Basílica da Estrela, para o Cemitério dos Prazeres.

Fernando Raul Fonseca Dias Canto

FALECEU

Os seus colegas e amigos, empregados da FABRICA DE PAPEL DA ABELHEIRA, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento deste seu companheiro de trabalho e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas da Basílica da Estrela, para o Cemitério dos Prazeres.

Deu à luz cinco gémeos e viu-os morrer um a um por lhes faltar tudo

LUIZANA (Brasil), 27. — Numa cabana desta localidade, apenas a 80 quilómetros de Brasília, uma camponesa deu à luz cinco gémeos, mas o acontecimento passou sem qualquer publicidade e as crianças morreram, uma a uma, no intervalo de três dias, por falta de assistência médica e alimentação adequada.

A mãe das crianças, Maria da Conceição Teixeira, deu à luz no dia 8 deste mês, assistida apenas por uma irmã.

«Ficamos ambas assustadas, quando a primeira criança nasceu por ser tão pequena» — recorda a camponesa. «Mas logo a seguir senti mais dores e nasceu a segun-

da, que vinha morta. Depois nasceram mais três».

Quando à noite, Adelino Teixeira, o pai das crianças regressou do trabalho, fez uma pequena cova e enterrou a criança morta colocando sobre a campa uma tosa cruz de bambu.

Nos dias seguintes, os gémeos morreram um a um e em breve, junto à cabana, havia cinco cruzeiros de bambu.

«Eu não tive leite» — diz Maria da Conceição — «e em casa não havia nada para os alimentar. Nem sequer um pouco de açúcar para lhes dar com água».

A notícia do nascimento dos cinco gémeos foi dada em primeira mão por uma estação de rádio local, mas ninguém lhe deu crédito. Quando a notícia chegou a Brasília, alguns jornalistas decidiram deslocar-se a esta região para verificar se os gémeos realmente existiam, mas encontraram apenas cinco pequenas cruzeiros de bambu.

As autoridades procederam então à exumação dos corpos e ordenaram a autópsia para se determinar a causa da morte. — (A. N. I.).

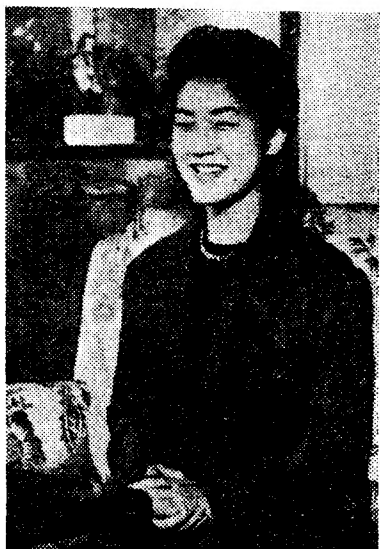
A Polícia japonesa fez malograr um projecto de rapto de Suga a filha mais nova de Hirohito

TÓQUIO, 27. — A Polícia fez, sem dificuldade, abortar a primeira tentativa da História japonesa de rapto de um membro da família imperial.

Foram presos três indivíduos: Ichiro Kamibayashi, de 43 anos, presidente de uma sociedade imobiliária; Isamu Ishikawa, de 25 anos; e Asahiko Usami, de 28. Era para tentar escapar à bancarota que Kamibayashi tentou raptar a ex-princesa Suga, a filha mais nova do imperador Hirohito, pela qual tencionava pedir 50 milhões de yens de resgate. O plano falhou porque um dos cúmplices, Usami, desvendou-o a um grande jornal, que avisou imediatamente a Polícia. «Usami deve ter-se aterrorizado ao tomar conhecimento do projecto» — declarou um polícia.

A roda da casa da ex-princesa Suga, casada com o banqueiro Hisanaga Shimazu, foram colocados 50 polícias, que não tiveram qualquer dificuldade em prender os três homens quando chegavam de automóvel.

Kamibayashi confessou que estudava a topografia do local penetrando na casa disfarçado de empregado da companhia de electricidade municipal. Comprara um sabre, facas, cordas, uma mordaca para a vítima designada e luvas, para evitar deixar impressões digitais. — (F. P.).



A EX-PRINCESA SUGA

A senhora Nhu chega ao fim da sua viagem pelos E. U. A.

LOS ANGELES, 27 — A sr.^a Ngo Dinh Nhu afirmou, no fim da noite passada, nesta cidade, não possuir quaisquer informações sobre notícias vindas a lume na Imprensa e segundo as quais os Governos do Vietnam do Sul e do Vietnam do Norte (comunista) estariam em conversações para uma possível reunificação do país.

Todavia, a sr.^a Nhu afirmou que não lhe causaria qualquer surpresa que o dirigente comunista vietnamiano Ho Chi Minh procurasse entrar em contacto com o Governo de Saigão «para conseguir salvar o máximo que puder, pois sabe que tem a guerra perdida».

O AUXÍLIO A TITO É MAIOR QUE O RECEBIDO PELO VIETNAM DO SUL

A sr.^a Nhu, cunhada do presidente Ngo Dinh Diem, do Vietnam do Sul, falava no decurso de um banquete que lhe foi oferecido no termo da viagem que tem vindo a efectuar pelos Estados Unidos.

Para poder ver as 1600 pessoas presentes, por cima da bateria de microfones, a sr.^a Nhu empoleirou-se literalmente na cadeira. Começou por pedir um minuto de silêncio em memória dos norte-americanos e dos vietnamitas mortos na luta contra o comunismo. Lamentou que o Governo norte-americano continue a fornecer mais armas e auxílio a Tito do que ao Vietnam do Sul.

Enquanto a cunhada do presidente Diem falava, na rua, em frente do hotel, uns 50 manifestantes protestavam contra o regime vigente em Saigão. — (F. P. e R.).

Emissão «pirata»

(Continuação da 1.ª página)

trabalhistas. «Os dois partidos têm medo» — frisou — «pois sabem que a maioria do povo da Escócia acredita num Governo autónomo. E se tivéssemos liberdade, dentro de um ano haveria um parlamento escocês em Edimburgo». — (F. P.).

A ARISTOCRACIA CONDENADA PELO «OBSERVER»

LONDRES, 27 — O semanário independente «Observer», à propósito da nomeação de «sir» Alexander Douglas-Home para o cargo de primeiro-ministro, analisa a atitude social e política da aristocracia britânica, condenando-a pelos preconceitos e anacronismos que origina.

«Seria muito melhor para a nação, incluindo as famílias da mais alta sociedade» — escreve o jornal dominical — «que os títulos fossem abolidos. Os títulos animam um pensamento e uma vida que se afastam da realidade. E aumentam, sem qualquer necessidade, a confusão. Embora a Câmara dos Lordes tenha sido útil no decorrer dos séculos, não há qualquer razão para que continue a existir nos nossos dias «uma segunda Câmara». Quanto à Monarquia — que conserva um valor político inestimável, limitando as ambições políticas e actuando como símbolo da unidade comum — pode muito bem continuar a viver sem a aristocracia, como acontece na Escandinávia e nos Países Baixos». — (F. P.).

O discurso de Rusk em Francfort

(Continuação da 1.ª página)

vez mais manifestos da ressurreição da consciência nacional nos países comunistas, do perigo atómico, das dificuldades económicas e do interesse que existe numa mais ampla liberdade individual. No entanto, frisou, seria errado pensar-se que vão surgir mudanças rápidas.

Deve pôr-se de lado o recurso à força, devem aumentar-se as trocas comerciais com o Leste e, por fim, deve chegar-se a acordo sobre a reunificação da Alemanha, «em liberdade, pois esta é indispensável ao estabelecimento de uma paz duradoura». Esta a razão por que os Estados Unidos nada farão que possa ter a aparência sequer da aprovação do «statu quo» actual, ou possa vir a ser uma ameaça para a unidade do mundo ocidental.

FORAM DADOS PASSOS ÚTEIS MAS LIMITADOS EM DIRECÇÃO À PAZ

Passando à cooperação política e militar, o secretário de Estado afir-

mou que «os dirigentes soviéticos não abandonaram nem o seu objectivo de domínio mundial, nem a sua determinação de atingir esse domínio, por todos os meios, excepto os que ponham em perigo a própria U. R. S. S. O acordo que acabamos de concluir com eles não constitui um desanuviamento. A linha de emergência entre Moscovo e Washington, a suspensão das experiências nucleares na atmosfera, no espaço e na água, a declaração contra a colocação em órbita de armas de destruição em massa são passos úteis, mas limitados, em direcção à paz. Não pode haver verdadeiro desanuviamento sem progresso em direcção à solução de questões políticas vitais.

«Nenhum acordo será concluído sem consultas com os aliados» — declarou.

No domínio da defesa, Rusk afirmou que a protecção da zona atlântica exige elementos nucleares e não nucleares. Os fardos — disse — devem ser partilhados equitativamente e cada nação deve contribuir fielmente para o poderio total da aliança. Lamentou que algumas potências não tenham cumprido os seus compromissos e deixem a República Federal e os Estados Unidos aguentarem a parte mais pesada do fardo da N. A. T. O. — (F. P.).

VAO SER REDUZIDAS AS FORÇAS AMERICANAS NA GRÁ-BRETANHA?

LONDRES, 27 — O «Sunday Telegraph» noticia hoje que o programa da ponte aérea das forças americanas na Europa, que já causou desassossego diplomático no continente, estava agora a ser calmamente aplicado no que respeita à Grã-Bretanha.

A notícia, da autoria do correspondente diplomático deste jornal conservador, diz saber-se que duas das quatro bases americanas de bombardeiros «B-47» na Inglaterra passariam ao estado operacional para o de «conservação» em Julho próximo. As outras duas continuariam ainda em operação.

A notícia acrescenta que os substitutos reais dos «B-47» — os submarinos com mísseis «Polaris» — continuariam estacionados na Grã-Bretanha. Estas alterações teriam

provavelmente como resultado uma redução de mais de 10 por cento nos 35 000 homens da Força Aérea e seus dependentes que actualmente se encontram na Grã-Bretanha — conclui o «Sunday Telegraph». — (R.).

Outro sacrifício pelo fogo (o sétimo) no Vietnam

(Continuação da 1.ª página)

dral de Saigão chamava-se, segundo documentos de identidade que se encontraram no corpo, Ho Dan Van e tinha 45 anos.

Em Saigão ainda se não sabe como conseguiu chegar ao centro da cidade sem despertar a atenção da polícia que é bastante numerosa no local, perto do qual se encontra o Secretariado do Interior.

Vestido de túnica de açafrão, o bonzo, que se sentou na posição de Lotus, incendiou-se à vista de umas 30 pessoas que assistiam à missa. Dois polícias ainda tentaram extinguir o fogo com cobertores, mas estes também se incendiaram. Algumas mulheres presentes caíram de joelhos a orar.

O bonzo permaneceu calmo e impassível.

Alguns minutos depois, chegava um carro de bombeiros, mas o bonzo já tinha morrido. O corpo foi imediatamente levado e menos de um quarto de hora depois estava restabelecida a circulação. No passeio apenas se via uma mancha negra com um metro de diâmetro, assinalando o local onde decorreria o sacrifício.

O SACRIFÍCIO DEVIA COINCIDIR COM A PASSAGEM DA MISSÃO DA O. N. U.

Este sacrifício devia coincidir, ao que parece, com a passagem da missão de informação da O. N. U. Com efeito previa-se que esta devia abandonar o hotel onde reside pelas 10 horas, para visitar o pagode An Quan, passando pela catedral. Mas a partida da missão

atrasou-se um quarto de hora, sem dúvida em virtude deste novo sacrifício, que eleva para sete o número de bonzos e sacerdotizos que se imolaram pelo fogo no Vietnam desde os incidentes de 8 de Maio último em Hué, que assinalaram o princípio do caso budista.

Este novo sacrifício não surpreendeu os habitantes de Saigão, que já esperavam uma manifestação deste género durante a visita da missão de informação da O. N. U. — (F. P.).

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado, com sol encoberto nas regiões junto ao litoral, e geralmente pouco nublado nas regiões do interior. O vento era fraco e havia nevoeiro em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS: Porto, 16°; Penhas Douradas, 14°; Coimbra, 17°; Faro, 19°; Sagres, 19°; Funchal, 23°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS NA COSTA SUL: na atmosfera, 20°; na água do mar, 17°.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS: máxima, 23°; mínima, 16°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 23°; mínima, 17,2.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ — Nas regiões, junto ao litoral, períodos de céu muito nublado, vento fraco predominando de sudoeste, nevoeiros ou neblina e possibilidade de chuviscos para norte do cabo Raso.

Nas regiões do interior, céu geralmente pouco nublado e vento fraco.



ÚLTIMAS NOTÍCIAS

As percentagens de eleitores nos primeiros resultados oficiais

No Ministério do Interior, funcionou um serviço de recolha de informações acerca dos resultados do acto eleitoral.

Desse serviço desempenharam-se funcionários orientados pelo sr. dr. António Pires de Lima, secretário-geral do Ministério.

Às 16 horas, já se sabia que, na cidade de Lisboa, freguesia da Madalena onde, dos 267 eleitores inscritos, votaram 166 (62,1%); e na da Ameixoeira, respectivamente, com 313 e 159, ou sejam 50,7%.

No distrito de Lisboa, era conhecido o resultado global do conselho de Arruda dos Vinhos: 1969 inscritos, 1130 votantes (57,3%). Quanto a outros distritos, haviam-se recebido já as seguintes informações:

Beja — Almodovar, 1840 inscritos, 1331 votantes (72,8%); Cuba — 1163, 1059 (91,5%); Ferreira do Alentejo — 1749, 1316 (75,2%); Ourique — 1123, 901 (80,2%); Vidigueira — 2047, 1669 (81,5%).

Bragança: Bragança (Sé) — Em 586 eleitores, 217 votantes na lista «A» (37%), e 170 na lista «B» (29%); Vimioso — Freguesia de Vale de Frades — Em 131 inscritos, 44 votantes na lista «A» (33,5%), e 51 na lista «B» (38,9%).

Castelo Branco: Belmonte — 1220 inscritos, 854 votantes (70%).

Portalegre: Alter do Chão — 1514 inscritos, 1028 votantes (68%); Arronches — 989 — 816 (82,5%); Avis — 1455 — 1102 (75,7%); Castelo de Vide — 1857 — 1462 (78,7%); Crato — 2282 — 1688 (74,8%); Elvas — 2215 — 1670 (75,4%); Fren-

teira — 1501 — 893 (59,4%); Gavião — 2280 — 1545 (67,7%); Nisa — 4692 — 2590 (55,2%); Souzel — 2328 — 1635 (68,8%).

FOI ADIADO

o encerramento

da Feira Industrial de Luanda

LUANDA, 27 — Atendendo ao enorme êxito e ao entusiasmo que despertou em Angola e nos territórios vizinhos, a Feira Industrial de Luanda decidiu-se mantê-la aberta ao público mais uma semana, fechando, portanto, no dia 3 de Novembro. O importante certame que devia encerrar oficialmente, hoje, tinha sido já visitado até ao dia 20, por mais de 125 000 pessoas. — (L.).

O pânico causou treze mortos

TAIPE, 27. — Cinco crianças e oito mulheres morreram esmagadas dentro de um autocarro quando se declarou incêndio no veículo e os passageiros, tomados de pânico, lutaram entre si para saírem pela porta.

Durante o «salve-se quem puder», as crianças e as mulheres foram derrubadas, pisadas, ficando debaixo de um monte de corpos que se debatiam. — (A. N. I.).

R O N D A

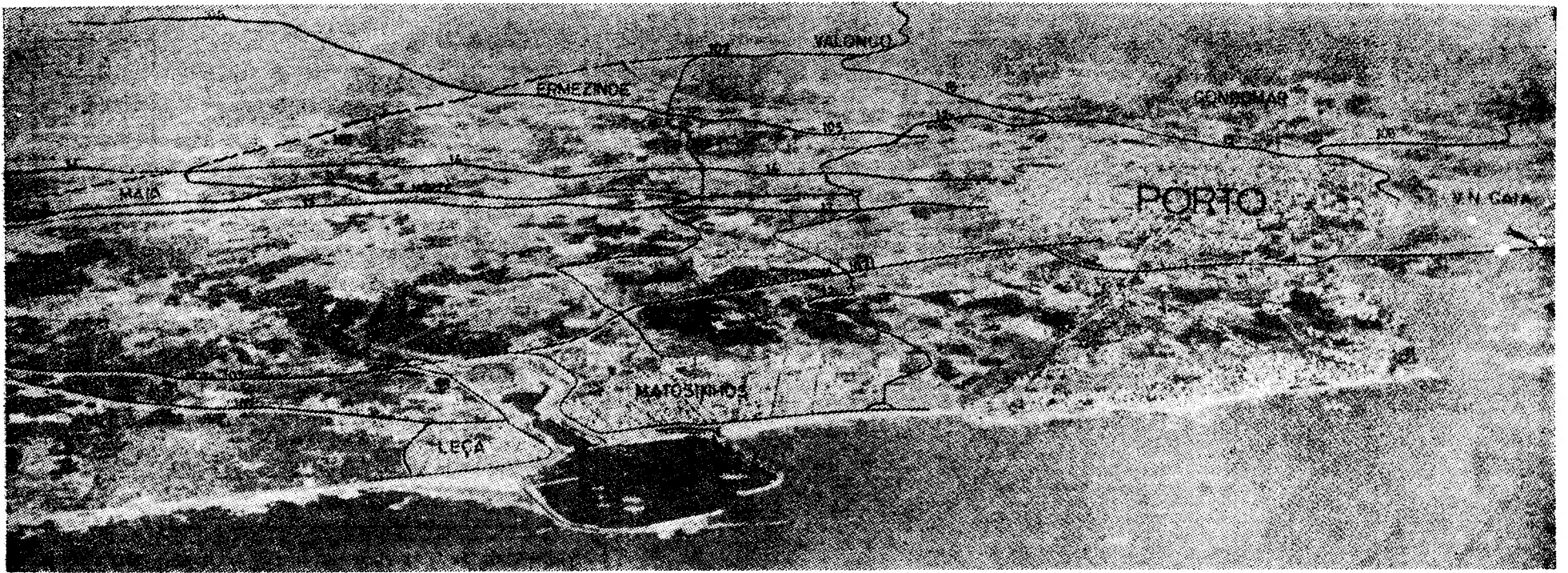
ÊXITO ABSOLUTO

LUCIENE FRANCO

E O SEU PIANISTA RAUL MASCARENHAS

O SUCESSO DO MOMENTO NO BRASIL

MAIORES DE 17 ANOS



A importância económica da nova doca de Leixões

A história do porto comercial de Leixões começou praticamente com a construção do cais acostável do molhe sul, em 1914, interrompida em 1916 para recomençar em 1921 e terminar em 1929. Tratava-se de um cais de 386 metros, tendo 22 pés de profundidade, mas só praticável na extensão de 70 metros. Só em 1938-40 foi prolongado mais 90 metros com 23 pés de profundidade.

Em 1932 iniciou-se a construção da Doca n.º 1, concluída em 1939. Tem 500 metros de comprimento por 175 de largura e uma profundidade de 10 metros em relação ao nível médio da água.

Foi com estas duas instalações que se atingiu, em 1961, o movimento de carga de 1 656 760 toneladas. Sendo ainda insuficiente para as necessidades, já em 1955 havia sido aprovado um Plano Geral de Ampliação, que define todo o conjunto de obras que era possível realizar no reduzido vale do rio Leça, no sentido de aumentar a capacidade do porto.

Nessa altura, admitia-se que tal conjunto de obras poderia servir o Norte do País até ao fim do século, mas, passados oito anos, o desenvolvimento económico levou a antecipar grandemente essa data.

3.100 metros de novos cais

Lê-se num magnífico trabalho do sr. eng. Enrique Schreck, director-geral dos Portos do Douro e Leixões, que dos 3100 metros de cais, que é possível construir no vale do Leça, para além da Doca n.º 1, foram construídos já 730 e está adiantada a construção de mais 300. Quer

dizer, em 9 anos, faz-se um terço do total da obra. E, por isso, provável que, dentro de 20 ou 25 anos, estejam esgotadas todas as possibilidades do plano.

Diz aquele técnico, que ao porto de Leixões se tem dedicado com paixão: «Por isso, começamos a

renos e a construção completa do sistema de estradas e avenidas circundantes. As obras executadas e em curso no conjunto do aproveitamento do vale do Leça compreendem os seguintes empreendimentos:

Canal de acesso à Doca n.º 2 e

Pensa-se numa ligação de Leixões com o Douro

procurar novas soluções para a futura expansão do porto, que pode ser, ao longo da costa, com quebra-mares longitudinais, para Norte e Sul. Neste último caso, os dois portos — Leixões e Douro — fundir-se-iam num só mediante um pequeno canal de ligação. Seria um canal eclusado a montante para o despejo das cheias do Douro, com os seus milhões de metros cúbicos de aluviões, se não fizesse dentro do anteporto comum. Pode parecer demasiada preocupação esta de pensar no que faremos daqui a 20 ou 25 anos, mas há um certo numero de realizações a longo prazo, não só portuárias mas principalmente urbanísticas, que, se não forem a tempo orientadas no sentido que convém, podem comprometer gravemente a solução do grande problema».

A grandeza das obras

Incluído nos I e II Planos de Fomento, o aproveitamento do vale do Leça começou a ser executado em 1956. A 1.ª fase foi sobrecarregada com a compra de todos os ter-

obras complementares. — O canal de entrada na Doca n.º 2 é delimitado por duas cabeças em que se apoiam os dois tramos levadiços da

Fotografia aérea da região de Leixões vendo-se em primeiro plano a bacia exterior, a doca n.º 1 e, ao fundo, a penetração das águas na zona da nova doca — a n.º 2 — bem como o vasto «interland» que o grande porto nortenho já serve e passará a servir em muito mais larga escala, quando as obras estiverem concluídas

ponte móvel. Essas cabeças são caixões de betão armado assentes no terreno firme, a do sul á cota e a do norte em pleno talvegue geológico do rio Leça.

O empedrado que anteriormente rematava o topo da Doca n.º 1 foi aberto para dar lugar ao canal e retido dos lados por caixões metálicos cheios com pedra.

Para abrir o canal houve que remover a cortina de estacas metálicas cravada em 1933 para a construção, a seco, da Doca n.º 1, trabalho moroso em que alternam a dragagem para descobrir as estacas e o corte a maçarico feito por mes-

(Continua na página seguinte)

TRÊS PROBLEMAS PORTUGUESES VÃO SER ESTUDADOS EM GENEVRA PELA COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO DA E. F. T. A.

— revelou o conde de Caria numa entrevista em Estocolmo

ESTOCOLMO. — Pouco tempo depois da reunião do Conselho Ministerial da E. F. T. A., realizaram-se também na capital sueca os trabalhos da sua Comissão Consultiva, os últimos antes do início da actividade da Comissão de Desenvolvimento Económico, criada em Lisboa, na Primavera.

«Não se tomaram decisões espectaculares» — afirmou-nos o ministro sueco do Comércio, Gunnar Lange, no final da reunião.

Esta resposta, porém, não nos satisfaz. E recorremos a um dos membros da delegação de Portugal para obter esclarecimentos mais completos, sobretudo quanto à posição do nosso País dentro da zona da associação.

Foi nosso pronto e amável informador o sr. conde de Caria, dr. Bernardo Mendes de Almeida, presidente da Associação Comercial de Lisboa e, como se sabe, figura predominante na vida social e financeira portuguesa.

Depois de sublinhar o interesse prático dos trabalhos, considerando-os como um passo em frente, disse-nos o conde de Caria:

— Os países da E. F. T. A. ficaram perplexos ante o desabar das ilusões de uma entrada próxima no Mercado Comum. Mas nós não tanto. Fomos talvez até os únicos que pugnámos por que o grupo tratasse de aproximar cada vez mais os seus membros e procurasse não só ser um bloco económico, baseado numa zona de livre cambio e circulação de mercadorias, mas realmente uma força, e não sete forças dispersas.

«Ainda há países da E. F. T. A. que não desejam que ela se fortaleça»

— Considera possível, de facto, a concretização dessa força?

Cartas do Brasil

por CHIANCA DE GARCIA

A ÚNICA DOUTRINA

PETROPOLIS, Outubro — Não sei se sabem o que é não ter água em casa — um, dois, três dias seguidos. Não se pode mesmo ir tomar banho nos lares amigos porque lá também a seca é total. Resolvi então subir para Petropolis. Paisagem verde. Céu azul. Água em abundancia. E aqui estou.

Tive agora ocasião, na serenidade destas manhãs na serra, de ler a carta que o sr. Felner da Costa enviou há tempos ao «Diário de Lisboa», a propósito de — bem, a propósito de nada, porque o assunto, sejamos francos, não era com ele.

Tudo começou porque saiu em toda a Imprensa carioca um (chamemos-lhe assim generosamente) «roteiro das comemorações do 4.º centenário».

Saiu, quer dizer: foi publicado. Não era confidencial. Não era segredo. Resumia o estudo e o esforço de pessoas ou entidades, desejosas de lançarem no papel as ideias básicas e naturalmente essenciais daquilo que seria óbvio fixar nas comemorações da fundação de uma cidade.

Era lógico que nesse «início de conversa» (chamemos-lhe ainda generosamente assim) fosse lembrado o país de onde vieram os fundadores do Rio de Janeiro. Mas não. Nem uma palavra. O que ali apareceu com destaque foi o negócio cômico das gôndolas de Veneza. Isso deu margem ao meu comentário humorístico, que, felizmente acertou no alvo.

Pretendi, com isso, censurar o Brasil, ou antes, o Estado da Guanabara?

Não. Já há meses, em Maio, eu escrevi nestas colunas, a propósito do 4.º centenário: — «Não sei se Portugal já foi convidado

(Continua na página central)

(Continua na página central)

DO «CARNET» DO REPÓRTER Documentos inéditos do malogrado «raid» aéreo Lisboa-Nova York

Dizem certos homens da nossa época que o jornalista é um homem frio, mecanizado, dentro da rotina da profissão. Por meu lado, repudio a apreciação e bem desejaria que todos os jornalistas a desmentissem. Pessoalmente, nesta ronda evocativa de figuras e factos, ligados à minha profissão, algumas vezes dominado pela emoção, senti os olhos marejados de lágrimas. Como agora, ao recordar essas duas simpáticas e amáveis figuras de pilotos italianos, Giovanni Brondello e Camillo Barioglio, que conheci em Lisboa, em Setembro de 1949 e com os quais convivi durante alguns dias — esses dias ansiosos que precederam a descolagem do pequeno monomotor «Beschcraft», «Santa Susana», para a realização do «raid» directo Lisboa-Nova York, ponto básico da fundação humanitária da Cidade dos Rapazes «Cristóvão Colombo», que na ideia de Brondello, acolheria milhares de rapazes órfãos de guerra...

A meio da noite de 31 de Agosto de 1949 aterramos no aeroporto de Lisboa o pequeno motor. A bordo vinham Giovanni Brondello, engenheiro, antigo combatente dos exércitos de Chang-Kai-Chek, na Finlândia, na guerra contra a Rússia, e o capitão Camillo Barioglio, mestre no voo á vela... O «Santa Susana», de alumínio, com as cores vermelha e negra ficou acomodado no hangar e, entretanto, por entre a recordação das primeiras palavras trocadas com Brondello, sobre o arriscado «raid» de 5670 quilómetros, sentimos que esse aviador corajoso e humano regressa em toda a altitude quando nos dizia (ou diz ainda): «Não é nada do outro mundo... Não sou o primeiro...». Apenas com 36 anos, Brondello tinha nos olhos lumes de ingenuidades corajosas, como as de certos homens que se deixam enredar pela teimosia demoníaca da tração humana e sorria para o jor-

(Continua na página central)

Diário de Lisboa

PUBLICA DURANTE A SEMANA OS SEGUINTE SUPLEMENTOS E PÁGINAS ESPECIAIS

2.ª FEIRA:
«Suplemento Desportivo»
3.ª FEIRA:
«Éxito» e «Juvenil»
4.ª FEIRA:
«Da mulher e da criança»

5.ª FEIRA:
«Vida literária»
6.ª FEIRA:
«Automobilismo» e «Vida económica»
SABADO:
«Magazine»

As possibilidades do porto de Leixões depois de concluída a sua ampliação

(Continuação da página anterior)

gulhadores. Andamento deste trabalho:

Em Julho de 1962, a cortina ficou cortada até (-4.00); em Dezembro de 1962, (-6.50); em Julho de 1963 (-9.50) e em Dezembro de 1963, até (-11).

O corte até (-9.50), que ficará concluído em Julho próximo, dará entrada na Doca n.º 2 a quase todos os navios que actualmente frequentam Leixões.

Ponte móvel e seus viadutos. — Foram construídos para o trânsito local entre Matosinhos e Leça. A solução tunnel, também encarada, era desproporcionadamente cara por causa da profundidade do canal (-11) e do relevo em Matosinhos e Leça.

A ponte móvel tem 58,56 metros de vão e largura de 8,00 metros. Abre em 105 segundos. A extensão total da ponte com os seus viadutos é de 382,10 metros. Foi aberta ao trânsito em Agosto de 1960.

Cais da 700 metros do lado Sul da Doca n.º 2 — Tem a profundidade de 11 metros abaixo do zero hidrográfico. É do tipo gravidade, assente em rocha e revestido de cantaria de granito na parte emergsa. Começou a ser utilizado pela navegação de comércio em Julho de 1962.

É apetrechado com seis linhas férreas, três ao longo do cais, duas por trás dos armazéns e uma de circulação geral. Começa em Julho a montagem de 12 guindastes eléctricos para 5 toneladas. Estão em curso a sua pavimentação, vedação e iluminação e começará, em breve, a construção de um armazém de 180 m de comprimento e 40 m de largura, sem apoios intermédios.

Escavação da Doca n.º 2 — Durante a época da construção do cais de 700 metros foram retirados, a seco, 578 682 m³ de terras, até à cota definitiva de (-11) numa área suficiente para a manobra dos na-

vios de tamanho médio. O restante, 960 980 m³, estará a ser removido por dragagem.

Os acessos e as ligações

Avenidas circundantes do porto e suas ligações com Matosinhos, Leça e a Via Rápida. — Tem duas faixas de rodagem com largura de 8 m cada, para automóveis, e faixas independentes para ciclistas e peões. Estas faixas comunicam entre elas, com o porto e com as zonas urbanas de Matosinhos e Leça em cinco nós, dois do lado de Leça e três do lado de Matosinhos. Nas extremidades de nascente ligam com a Via Rápida por nós de auto-estrada. Este conjunto de obras está concluído, excepto quanto ao nó de ligação com o lado Sul que será executado pela A. P. D. L.

Viaduto da E. N. 107 (Via Rápida) sobre os terrenos do porto — Tem 405 metros de comprimento e 28,10 m de largura e fica integrado na E. N. 107 (auto-estrada) que será a espinha dorsal das comunicações do porto de Leixões com a cidade do Porto e com o seu «hinterland». Está aberto ao trânsito desde Julho de 1960.

Rede eléctrica. — Foi consideravelmente ampliada a rede eléctrica do porto. Quatro novos postos de transformação totalizando 1265 kVA foram instalados para accionamento dos guindastes dos novos cais, pontes, etc. e para iluminação dos terraços das avenidas e do viaduto.

Cais de 300 metros do lado norte da Doca n.º 2 — Começou em Agosto de 1962, deve ficar concluído em Junho de 1964. O seu custo total, incluindo o apetrechamento com vias férreas e 6 guindastes de 5 ton, será de 48 000 contos.

A descarga do pescado

Pontes-cais para a descarga da sardinha. — Velha aspiração dos

pescadores e armadores para acelerar a descarga das traineiras e para evitar os perigos do processo actual da descarga (varagem das chalandras no empedrado da Rampa).

Como procuram a lota de Leixões traineiras de todos os portos do País, chegam a juntar-se, para descarga, à volta de 200. Daí, que as 3 pontes-cais tenham o comprimento acostável de 1740 metros, sensivelmente o mesmo de que o porto dispõe para os navios de comércio.

As três pontes-cais dão acostagem simultânea a 72 traineiras. Tem 15 metros de largura no corpo e 30 metros na cabeça para facilitar a manobra dos carros de transporte.

A construção está adjudicada e depende só de cobertura financeira.

O custo será de 62 000 contos. Se a obra puder começar, como se espera, em Julho próximo, ficará concluída em 1967.

A acostagem de navios-tanques

O pósto de acostagem para navios-tanques foi começado em 1960, destinando-se a barcos até 28 000 toneladas «deadweight», para abastecer as novas instalações de armazenagem das companhias distribuidoras situadas em Real (Matosinhos). Dificuldades técnicas retardaram um pouco a sua execução e, entretanto, anunciou-se a nova refinaria de Leixões. Resolveu-se, então, ampliá-lo para poder receber os grandes navios-tanques que transportam ramas (até 65 000 ton. «deadweight»). Espera-se retomar a obra ainda este ano. O novo custo está avaliado em 25 000 contos.

Apetrechamento geral. — Além dos 18 guindastes para os novos cais da Doca n.º 2 cuja montagem começa em Julho próximo (31 000 contos) e do rebocador de 900 CV que os Estaleiros de Viana entregaram em Agosto (8100 contos), foram recebidos em Janeiro 2 locomotivas (2800 contos) e diverso material de transporte portuário. Desenvolveu-se o sistema de telecomunicações marítimas portuárias e adjudicou-se a instalação de um radar de porto.

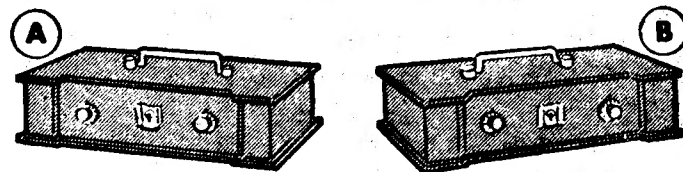
Entretanto, o movimento comercial do porto continua a crescer rapidamente. Em 1963, deverá atingir cerca de dois milhões de toneladas de mercadorias manuseadas.

Apesar disso, o congestionamento do porto baixou consideravelmente a partir da entrada em serviço da Doca n.º 2. No inverno 1962-63 houve ainda uma «ponta» de congestionamento provocada já não por falta de cais acostáveis, mas pelo acréscimo de mercadorias (sobretudo algodão e sisal), para as quais não havia ainda terraços e armazéns suficientes. Também essa última crise foi já vencida.

CONCURSO DA R. T. P. OU SIM OU NÃO

6.^a SESSÃO
2-11-963

BOLETIM - PALPITE



☐ VENDE

☐ VENDE

☐ NÃO VENDE

☐ NÃO VENDE

NOME

MORADA

ATENÇÃO: Indicar com uma cruz X qual o seu palpite do cofre que o concorrente vai escolher e se vende ou não a chave. O palpite refere-se sempre ao ultimo concorrente de cada sessão. De entre os votantes no boletim vencedor será sorteado um televisor Philips. Recortar pelo tracejado e remeter até à próxima quarta-feira, às 12 horas, para CONCURSO «OU SIM OU NÃO» — RADIOTELEVISÃO PORTUGUESA — Alameda das Linhas de Torres, 95 — LISBOA-5

ARTES PLÁSTICAS

Das cerâmicas de Natércia G. de Moraes Sarmento e da Arte Cerâmica

A cerâmica é uma arte com tradições em Portugal, tradições que vêm de muito longe e que se reavivaram no final do século passado, com Rafael Bordalo Pinheiro e seus discípulos, e, mais recentemente, ainda se reavivaram, de novo, com mestre Jorge Barradas e toda a grande sementeira de seus discípulos ou imitadores, com todos aqueles que aproveitaram a lição de entranhado amor à Arte, de trabalho intenso e digno que tem sido a desse pintor e ceramista, verdadeiro exemplo de dignidade profissional. Não vale a pena citar nomes de seguidores de Jorge Barradas, mas a verdade é que os ceramistas estão a multiplicar-se e ainda bem, já que «quod abundat non nocet».

Parceira ter-se criado a impressão em muitos artistas e amadores de que a cerâmica é uma arte fácil. Não é. Mas é uma arte que ilude muita gente que toma por autêntica obra de arte o que não passa da sua imitação. Há um misto de

inspiração popular e de funda estrutura, com solidez, gosto e espontaneidade, nas verdadeiras obras de arte cerâmicas; mas não haja ilusões, que as figuras simples e populares, se traduzem uma inspiração, estão, geralmente, muito longe da obra de Arte.

Na exposição de Natércia G. de Moraes Sarmento encontramos sobretudo essa inspiração popular, sendo clara a sua falta de gosto e de estrutura. A ceramista, pela quantidade de peças expostas, depois de uma recente exposição na Junta de Turismo da Costa do Sol, trabalha de mais e não faz uma selecção conveniente de suas obras, já que nem tudo o que sai das mãos do artista é para apresentar em público. Um que outro painel, uma que outra peça pequena, com movimento e vida, dizem-nos que Natércia de Moraes Sarmento pode vir a ser uma boa ceramista; haja em vista aquela série de músicos, sobretudo a que tem o n.º 75, com os pratos. Há uns painéis pequenos de boa escolha. Mas o geral é muito fraco, dando a impressão que a artista acha a cerâmica uma arte fácil. Verdade seja que por vezes tende para o complicado, tirando unidade e leveza à obra. Essa falta de gosto e de leveza vêmo-la, por exemplo, nos painéis de relevo — «Barco Oriental», «A Merenda», «Ave do Paraíso», «Barco à Vela» e outros — naquele «Nascimento de Venus», em «Gaiolas» e outros.

Exposição de amadora que poderia seleccionar mais seus trabalhos se quiser realmente entrar na Arte.

O Salão de Outono da Costa do Sol inaugura-se na próxima terça-feira

O Salão de Outono da Costa do Sol, a realizar na sede da Junta de Turismo, na Arcada do Estoril, é inaugurado na próxima terça-feira à noite. Compreende obras de pintura, escultura, cerâmica, desenho e guache.

Novos arruamentos

Está concluída a obra de ligação Rua da Graça-Rua Damasceno Monteiro, arruamento por onde já passou a fazer-se a circulação normal de peões e veículos.

VIDA MUSICAL

Concerto da Pró-Arte em Beja

Na delegação de Beja da Pró-Arte, realiza-se amanhã um concerto em que são executantes o violinista Vasco Barbosa e a pianista Grazi Barbosa.

PIANOS

Verticais e de Cauda
Alugam-se
CUSTÓDIO CARDOSO
PEREIRA & C.
RUA DO CARMO

Diário OUTRA BANDA

ASSALTOS E ROUBOS

NA BAIXA DA BANHEIRA DEVIDO À INEXISTÊNCIA DE AUTORIDADES POLICIAIS

Há tempos foi publicada nos jornais a notícia de que havia sido autorizada a criação de um subposto da G. N. R. na Baixa da Banheira. Os habitantes daquele importante lugar — cuja promoção a freguesia se aguarda a todo o momento — ficaram satisfeitos com a resolução do Governo, pois a presença constante daquela corporação daria tranquilidade e asseguraria a ordem.

A população banheirense não pode garantir, só por si, isto é, sem a vigilância das autoridades, a segurança dos bens e o bom comportamento cívico. E tanto é assim, que os roubos e os assaltos na Baixa da Banheira se verificam com frequência, apesar daquelas gentes fazerem polícia por si mesmos. A G. N. R. da Moita do Ribatejo só lá faz serviço quando requisitada para espectáculos públicos. Quer dizer: o subposto da G. N. R., oficialmente criado para a Baixa da Banheira, não está a funcionar, porque não existe. Os inconvenientes deste facto reflectem-se na segurança de pessoas e haveres. Já são de ponderar se tivermos em conta que aquela localidade, com 14 000 habitantes, não pode prescindir de um serviço de policiamento que contrarie roubos e assaltos, para os quais serve de estímulo, entre a malandragem que ali polula, a inexistência de autoridades policiais.

Eis um problema que bem merece a atenção do comandante-geral da Guarda Nacional Republicana.

Cinemas

ALMADA — Invernal — Às 21 e 15: «Barrabás» (12 anos); «Académia» — Às 21 e 15: «Viver é o que importa» (17 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine-Contacabana — Às 21: «Liberdade

vigiada» e «Um crime em Havana» (17 anos).

BARREIRO — Gândia — Às 21: «Adorável Julia» (17 anos); «Cine-Barreirense» — Às 21: «A posse do amor» (17 anos).

TRAFARIA — Pavilhão Jardim — Às 21: «Pintor e os modelos» e «Um dólar de medo» (12 anos).

COVA DA PIEDADE — Clube Recreativo — Às 21 e 15: «Uma rapariga chamada Tamiko» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — Largo António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

ALMADA — Cristo-Rei — Av. Cristo-Rei, 31.

BARREIRO — Pimenta — Rua Conselheiro Joaquim A. Aguiar, 258 (Tel. 2273012).

COVA DA PIEDADE — Atlântico — Quinta do Pombal, 1 (T. 274365).

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16 (Tel. 239029).

MONTIJO — Moderna — Tur. Bulhão Pato, 60 (Tel. 230156).

SESIMBRA — Leão — Av. Salazar (Tel. 229025).

SETUBAL — Rosado Pinto — P. do Bocado (T. 22484); Nova — Rua General Gomes Freire (Tel. 22052).

ALHOS VEDROS — Portugal — Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250).

SEIXAL — Godinho — Largo da Igreja, 51 (Tel. 2218580).

BAIXA DA BANHEIRA — Novo Fátima — Estrada Nacional, 221-B (Tel. 224141).

PENHORES

ALMADA

Cruzamento D. Nuno-O. Salazar
PARAGENS: PANCAO E AQUARIO

Linha de SINTRA

Uma determinação pouco simpática da C. P. na estação do Cacém

Em virtude de uma exposição feita à C. P., era facultada há anos a muitos passageiros dos comboios, a saída pelo lado oposto da estação do Cacém.

Esta permissão, de favor, beneficiava centenas de passageiros residentes em Cacém de Baixo e de Cima, evitando-lhes a passagem pelo estreito e perigoso túnel de intenso trânsito rodoviário, e ainda que estivessem largo tempo de baixo de chuva, por falta de abrigos, à espera que os comboios deixassem as linhas desimpedidas, para as atravessarem sem perigo.

Por determinação superior foi agora suspensa a passagem por aquela saída, sem que se vislumbre razão que justifique tal decisão.

Não havendo, como parece, a mais pequena parcela de prejuízo para a C. P., se a referida saída continuar facultada ao público, visto daquele lado só existirem linhas de resguardo, apela-se para as entidades superiores daquela Companhia, para que seja revogada tão prejudicial determinação, evitando-se assim, também, os atropelos constantes provocados pela aglomeração de passageiros na estação.

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — Às 21 e 15: «O sinal secreto de d'Artagnan» e «Férias em Lisboa» (12 anos).

QUELUZ — Queluz-Cine — Às 21 e 15: «O conde de Luxemburgo» e «Gigantes na planície» (12 anos).

CACÉM — S. João — Às 15 e 30 e às 21 e 30: «A última esperança» (12 anos).

MEM MARTINS — Cine-Chaby — Às 21 e 30: «A única esperança» (12 anos).

SINTRA — Carlos Manuel — Às 15 e 30 e às 21 e 30: «Bela recordação» (12 anos).

ERICEIRA — Cine-Teatro — Às 21 e 15: «Tarzan e a tribo Nagazi» (12 anos).

VENDA NOVA — Cine-Portugal — Às 21 e 15: «Os dois faz-tudo» e «Todos podem matar» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA — Campos — Rua Elias Garcia, 185 (Tel. 930072); Clavel — Rua António Sardinha, lote 5, loja B (Tel. 931551).

QUELUZ — André — Avenida Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); Queluz — Avenida Miguel Bombarda, lote 4 (Tel. 9518441).

SINTRA — Marrazes (vila) — Largo Rainha D. Amélia, 20 (Telefone, 980155).

S. PEDRO DE SINTRA — Va lentim — (Tel. 980456).

BURACA — Vaz Martins — Rua António Ferro, M.A.D. (T. 931690).

MEM MARTINS — Química — Est. de Mem Martins, 285 (T. 2910012).

COLARES — Colares — Abreja (Tel. 299088).

DAMAIA — Lemos — Rua de Goa (Tel. 932121).

A produção da 20th Century-Fox

O vice-presidente da 20th Century-Fox, Richard Zanuck, acaba de anunciar a preparação de mais seis grandes filmes para 1964, que importarão em 40 milhões de dólares.

«The Day the Custer Fell», baseado no livro de Humphrey Miller, seguirá os principais episódios das lutas do famoso general Custer. Será filmado em grande parte no Wyoming.

«Hose Magnificent Men in Their Flying Machines», baseado na novela de Jack Davis, que também escreverá o argumento, que se ocupa da famosa corrida aérea sobre o canal da Mancha, em 1910. O elenco será formado pelos melhores nomes da França, da Itália e da Alemanha e a acção será filmada em Paris, em Londres, e na própria zona do canal.

Produção de William Wilder «The Sound of Music», da peça de Ernest Lehman. Será filmada na Áustria, com interiores em Hollywood.

O melhor romance de Richard McKenna «The Sand Pebbles», cuja produção e realização foi confiada a Robert Wise, terá exteriores feitos no Oriente e o restante em Hollywood.

«The Agony and the Ecstasy», de Irving Stone, será rodada em Itália e em Hollywood. Os intérpretes de Miguel Angelo, do Papa Julio XI e da principal figura feminina serão brevemente anunciados.

«Justine», de Lawrence Durrell, será filmado no Próximo Oriente e em Hollywood.

Além destas, outras doze grandes produções serão apresentadas pela 20th Century-Fox na próxima temporada.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- Um dos actores brasileiros contratados pelo empresário Vasco Morgado é Sérgio Viotti, que conquistou na última temporada o prêmio da crítica instituído pela Associação Brasileira de Imprensa.
- A atriz Isabel de Castro será uma das primeiras figuras femininas da comédia «Criadas da alta roda», que já entrou em ensaios sob a direcção do encenador Manuel dos Santos Carvalho.
- O cancionista António Calvário gravou recentemente um novo disco com alguns êxitos internacionais, incluindo uma nova canção de Joaquim Luís Gomes, com versos do poeta António de Sousa Freitas.
- A cantora Beatriz Ferreira será uma das atracções nacionais da revista «Elas são o espectáculo» que, em breve subirá à cena no Variedades.
- Um dos intérpretes do filme de Manuel Queirós «Nove rapazes e um cão», dirigido por Constantino Esteves, será Dário de Barros, da Casa da Comédia.
- O popular artista madeirense Max, que faz parte do elenco teatral dirigido por José Viana, gravou oito novas canções que, em breve, vão aparecer num disco de longa duração, com o título «Da Madeira para o Mundo».

NO ABC

A revista «Chapéu alto», foi valorizada

Revestiu-se de grande brilho a reaparição de Maria do Espírito Santo, no palco do ABC. Fazendo a sua estreia como atriz, representou muito bem um hilari-

ante dueto com Nicholson, acompanhados por Manuela Maria e Braga Santos. Além destes, fazem parte do elenco da revista de César de Oliveira, Francisco Nicholson e Rogério Bracinha, os artistas: Ivone Silva, António Calvário, António Anjos, os famosos bailarinos internacionais Rodolfo Leinée e Renée Simon e ainda Mariano Franco, Branca Amorim, Simone Maria e Maria Julieta, á frente de um grupo de belas mulheres.

Sessões às 20 e 45 e 22 e 45.

NO AVENIDA

Prossegue a carreira triunfante de «Vamos contar mentiras»

A comédia «Vamos contar mentiras» constituiu, sem dúvida, o acontecimento teatral do ano, atestado pela sua permanência em cena.

Trinta semanas no palco do Avenida são o melhor cartaz de propaganda, atingindo um «record» difícilmente igualado.

Na sua interpretação — um dos motivos do êxito — intervêm Raul Solnado e Florbela Queirós. Ele trouxe para os palcos um novo estilo de humorismo, um novo toque na arte difícil de fazer rir. Florbela, vinte anos completados agora, revela-se um dos nomes firmes da «constelação» artística nacional.

NO MONUMENTAL

«O gato» é um espectáculo alegre e bem interpretado

Um grupo de artistas cómicos, dos mais queridos do nosso público, fazem do palco do Monumental um cenário ideal para uma plateia rir à gargalhada. Henrique Santana, Irene Isidro, António Silva, Costinha, Luísa Durão e Luís Horta esmeram-se na arte de lograr as

mais risonhas situações. O público menos afeito ao sorriso é obrigado, queira ou não, a passar duas horas sob o impulso frequente de uma onda de boa disposição. No elenco de «O Gato», avultam ainda Maria Helena, Alina Vaz, Fernanda de Figueiredo, Henrique Viana e Palmira Ferreira, num doseamento perfeito de juventude e talento.

NO IMPÉRIO

Êxito absoluto do filme de Bergman «O 7.º selo»

Ingmar Bergman é, actualmente, a personalidade mais apaixonante do mundo cinematográfico sueco e europeu. E, sem dúvida, o realizador de quem, nos últimos anos, mais se tem falado.

As suas realizações artísticas granjearam-lhe uma fama que o seu trabalho justifica.

Mas a sua obra-prima é «O 7.º selo», que obteve o Prémio Especial do Festival de Cannes, o Lábano de Ouro da Semana Internacional do Filme de Valladolid, o Prémio da Academia Francesa do Cinema, a Palma de Ouro da Federação Espanhola dos Cineclubes, etc.

Por isso, público e crítica aplaudiram com entusiasmo «O 7.º selo», que abriu, pleno de dignidade, a nova temporada da elegante sala da Alameda.

São do próprio e genial Bereman

Prosseguem os ensaios de «O mercador de Veneza»

Em bom ritmo de trabalho, prosseguem os ensaios da peça «O mercador de Veneza», de Shakespeare, que subirá à cena na Trindade, abrindo a nova temporada.

A escolha desta peça, devido a motivos alheios à vontade da companhia, ficou apenas decidida em fins de Setembro. Apesar do pouco tempo disponível para se estudar a montagem, cenários e figurinos, tudo está a correr bem, graças ao interesse artístico e mútua colaboração entre dirigentes e artistas.

O cenógrafo Pinto de Campos conseguiu nesta peça um dos seus melhores trabalhos.

«O mercador de Veneza» subiu já à cena dos melhores palcos do Mundo, sob variadas montagens e interpretações. Pinto de Campos situou bem a peça no ambiente faustoso da Renascença italiana. O seu recente trabalho caracteriza-se pelo colorido vigoroso e contrastante, pela luz bem doseada, por juventude e riqueza extraordinárias. Pinto de Campos arrancou desta popular obra-prima de Shakespeare, luminosa como as telas de Veronese e de Ticiano, a pintura do que a magnífica Veneza possui de mais nobre, de mais alegre, de mais romântico. Ambiente cénico de poetas e de apaixonados, será, com certeza, o melhor ambiente para o perfeito desembarço dos actores no palco. A Companhia Nacional de Teatro é subsidiada pelo Fundo de Teatro.

estas lucidas palavras sobre o filme:

«O fim a que me propus foi o de pintar com exactidão, qual pintor da Idade Média, e com a mesma preocupação objectiva, com a mesma sensibilidade, com a mesma alegria. As minhas personagens riem, choram, gritam, têm medo, falam, respondem, brincam, sofrem, fazem perguntas, muitas perguntas. O seu terror é a peste, o Dia Supremo, a estrela cujo nome é Absinto. A nossa inquietação é de outro género, mas as palavras são as mesmas. A nossa dúvida subsiste».

Filme bem digno de um público escolhido, é «O 7.º selo» que o Império está a apresentar com um orgulho bem justificado.

O filme «Júlio César», em tarde clássica

A célebre tragédia de Shakespeare, «Julio César», revive na tela, com excepcional poder de comunicação, na interpretação de Marlon Brando, «sir» John Gielgud, James Mason, Greer Garson e Deborah Kerr.

E o problema da interpretação é fundamental neste filme, pois as personagens de Shakespeare esfumam-se, mais ou menos, atrás dos sentimentos e das ideias. Assim, o caso de Brutus é apenas o núcleo de um horizonte mais vasto, iluminado pelo signo da grandeza de César, tema que domina toda a obra e de que César é a primeira vítima, sombra esmagada pela sua própria grandeza passada... e futura.

Obra de antologia, «Julio César» será exibido pelas 18 e 30 da próxima quarta-feira, na sessão clássica do Império.

CONDES E ROMA

«Processo sensacional» é um filme de invulgar interesse

O segundo programa de exibição em conjunto, no Condes e Roma, é preenchido esta semana com o filme de grande êxito «Processo sensacional».

Trata-se de uma obra cinematográfica invulgar que retrata o valor da excelente programação seleccionada pelos dois cinemas para a presente época. Trata-se de um filme europeu ou, mais propriamente, de uma obra-prima do cinema francês realizada pelo prestigioso Christian-Jaque. Drama judiciário apaixonante, «Processo sensacional» assenta na execução de um crime cuja culpabilidade a justiça tarda em definir, enquanto um advogado brilhante e algo cínico, cúmplice indirecto por razões passionais do crime cometido, faz condenar uma inocente. De princípio a fim, o espectador está perfeitamente identificado com a cadeia de factos que a justiça não consegue esclarecer, tornando-o testemunha muda e revoltada da diabólica trama em que uma pobre rapariga é a grande vítima. No entanto, essa teia de realidades não impede um desfecho inesperado e surpreendente que, entre os muitos méritos deste filme fora de série, não é o atractivo de menor valimento.

CANDEEIROS

LUSTRES E UM VASTO SORTIDO DE ALABASTRO

PRESTAÇÕES MENSAIS 5\$00

DESDE CASA VAPEDRONE

54 — RUA DA VITÓRIA, 56 — TELEF. 325632

A IRMÃ MAIS NOVA DA MEIA DE VIDRO

MAMENIC LINE

Serviço regular mensal de carga em regime de frete corrido com conhecimentos directos, via ANVERS, ROTTERDAM e HAMBURGO de LISBOA e Porto para

AMÉRICA CENTRAL
CRISTOBAL-BALBOA, PUNTARENAS, SAN JUAN DEL SUR, PUERTO SOMOZA, CORINTO, SAN JOSÉ DE GUATEMALA, ACAJUTLA, LA LIBERTAD, LA UNION e AMAPALA

AGENTES GERAIS

LLORET & XAVIER, LDA.

LARGO DO CORPO SANTO, 21-1.

Telef. 324671 e 327258 — Teleg. «LLOXAVE» — LISBOA



Para o regresso às aulas,

ofereça aos seus filhos a escrita incomparável da esfera de carbureto de tungsténio! Cuidado! Lembre-se de que somente a legítima **BIC** possui essa nova esfera! Ao comprar, verifique se a esferográfica traz gravada esta marca: **BIC**

Elegância
e Conforto



só com
robilon

A etiqueta "robilon" é
e será sempre a sua
melhor garantia.

ABC

TEL. 366745

(ADULTOS)

A's 20.45
e 22.45



IVONE SILVA

CONTINUA A CARREIRA
TRIUNFAL

DA NOVA REVISTA POPULAR

**CHAPÉU
ALTO**

UM ESPECTÁCULO CHEIO DE
ARTE, ALEGRIA E RITMO,
COM UM ELENCO DA
NOVA VAGA

NO PORTO

O «Diário de Lisboa», no Porto,
encontra-se à venda, a partir das 21
horas, nas tabacarias de MATOSI-
NHOS, FUZ, AVENIDA DA BOA
VISTA, ROTUNDA DA BOA VISTA,
CARVALHOSA, PRAÇA MARQUES
DE POMBAL, RUA DE COSTA CA-
BRAL, CONSTITUIÇÃO, PRAÇA DA
REPÚBLICA e BONFIM.

TEATRO ADULTOS

MONUMENTAL

HOJE, ÀS 21.45 HORAS
VASCO MORGADO apresenta
A FABULOSA COMÉDIA
DE HENRIQUE SANTANA

O GATO

com

Henrique Santa-
na, Irene Isidro,
António Silva,
Costinha, Maria
Helena, Luís
Duro, Alina
Vaz, Luís Horta,
Henrique Viana,
Fernanda de Fi-
gueiredo e Pal-
mira Ferreira



7.ª SEMANA

Irene Isidro

HOJE, ÀS 18.30 H.

ULTIMO DIA DE

«ADORAVEL MENTIROSO»

ÚLTIMOS DIAS PARA RIR

AVENIDA

onde hoje, às 21.45 h., se exhibe

**VAMOS CONTAR
MENTIRAS**

SOLNADO e FLORBELA
à frente de um
grande elenco

30.ª

SEMANA

de gargalhadas



BALCAO
PARA
O POVO
2550
e 5500

MAIORES
DE 12 ANOS

HERMES PORTELA apresenta

MARTA VITÓRIA

em 2 sessões, às 20.45 e 23 horas
(M/17 anos)

A NOVA REVISTA POPULAR

**«Ó PÁ,
NÃO FIQUES
CALADO!»**

Aida Baptista - Ca-
milo de Oliveira - Ire-
ne Cruz - Emílio Cor-
reia - o actor cómico
Barroso Lopes
e RIBEIRINHO
à frente dum grande
elenco



As atracções nacio-
nais VALENTINA
FÉLIX, Natalina
José, Quarteto Dé-
Ré-Mi-Fá e Trio
Harmonia e a grande
atração internacional
HERMANAS
BENAVENTE

COLISEU

Emp. Ricardo Covões, Herds.

HOJE, ÀS 21.30

(Maiores de 17 anos)

OS GRANDES FILMES

LA PALOMA

E

CONTRABANDO

EM TANGER

AMANHÃ

Espectáculo da moda

A PRESTAÇÕES

IMPERMEÁVEIS, GABARDINAS,

FATOS, ETC.

C/ E S/ FIADOR

Telefone 5 63 76

DIVERSÕES

TEATROS ★ CINEMAS

CIRCO ★ VARIEDADES ★ ÓPERA ★ BAILADO ★ TV ★ RADIO

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

**«Aventuras de Cheyenne,
no Capitólio»**

Este magnífico filme que Ri-
chard L. Bare assina como realiza-
dor é do género «western» (mas
um «western» estilizado, com ma-
ravilhosos primeiros planos e exce-
lentes diálogos) e consta de dois
episódios («Encontro na Rocha
Vermelha» e «O último comboio
para Oeste») sem qualquer ligação
entre si. Isto é, cada um deles nar-
ra-nos uma aventura diferente,
qual delas a mais apaixonante,
interpretada brilhantemente por
Clint Walker, no papel do «cow-
boy» Cheyenne, e outros.

«Facho e Flecha» com Burt Lan-
caster e Virginia Mayo exhibe-se em
reposição e está à altura do exce-
lente filme de estreia. — Visor 88.

**Actividade teatral
da Casa da Comédia**

As actividades teatrais na Casa
da Comédia, dirigida pelo dr. Fer-
nando Amado, continuam em bom
ritmo e traduzem o seu espírito de
iniciativas e realizações. Breve-
mente, apresentará no seu Teatro
de Bolso a peça «Deseja-se mulher»,
de Almada Negreiros.

No próximo dia 30, proporcionará,
na Radiotelevisão, um recital
dedicado ao grande poeta Teixeira
de Pascoais. Serão ditos poemas de
«O Verbo Escuro» pelos elementos
daquele clube de teatro: Fernanda
Lapa, Hermínio Tugal, Manuela de
Freitas, Dário de Barros, Francisco
Ferreira, Luís Mendonça, Marcelo de
Brito, Alexandre Passos, Pedro Pi-
nheiro e Teles Pereira.

UM ESPECTÁCULO

de categoria internacional
em Lisboa: «É fogo novo»

Está sendo aguardada com mani-
festo e compreensível interesse o
novo espectáculo de Badaró, «É
fogo novo». O Cinema da Feira Po-
pular, presentemente em obras de
beneficência, passará a funcionar
como teatro. E, na fachada, decidiu
Badaró recordar o nome de um dos
maiores artistas do nosso teatro de
revista: Vasco Santana.

E, como senão bastasse tão feliz
iniciativa, pois que a nossa capital
passa a contar com mais um teatro
— Badaró apresentará o seu espec-
táculo à altura dos palcos estran-
geiros. A seu lado trabalharão al-
guns dos nossos melhores artistas
e grandes vedetas internacionais.
Em «É fogo novo», ver-se-ão as fa-
mosas «Peter Sisters» e o catego-
rizado «ballet» «Bill Bergman».
Outro motivo de grande êxito será
a presença do cantor Toni de Ma-
tos, sem dúvida, um dos nomes
mais populares da Rádio e da Te-
levisão, e grande cartaz no Brasil.
A artista Manuela Maria, última
revelação do teatro ligeiro, e a
nova orquestra de José Mesquita,
colaboram também neste sensacio-
nal espectáculo de Badaró.

SAPATARIA

ORION

Apresenta as últimas
criações para homem,
aos melhores preços da
concorrência

RUA GARRETT, 42

Lynne Motta:
uma «estrelinha»
em realce



Lynne Motta

Na fileira das
mais jovens es-
trelinhas dos
palcos portu-
gueses, uma figura
gentil, talentosa,
insinuante, le-
vanta cabeça e
galga os maiores
obstáculos em
direcção ao es-
trelato absoluto.
Trata-se de Lyn-
ne Motta, já con-
sagrada além-
fronteiras como
intérprete cine-
mática e como
vedeta dos
grandes «shows»
televisados. Em
Itália, França,
Alemanha, In-
glaterra, Bêl-
gica, Espanha e
Suíça, a artista
deixou um car-
ta: prestígio e
valor de braço dado com uma ju-
ventude que irradia no seu primei-
ro contacto com a mais exigente
das plateias. Lynne Motta, actual-
mente figura básica da intriga de
«Vamos contar mentiras», despede-
se do público português, antes de
uma larga digressão pelo Brasil,
numa série de espectáculos que
marcam uma nova etapa na sua
carreira de comediante.

O «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se
em Vila Franca de Xira na Tabacaria
de D. GUILHERMINA AMOR PAIS
QUINTELA, RUA ALMIRANTE
REIS, 179

*** **CARTAZ DOS CINEMAS** ***

TIVOLI

A's 3. da tarde
e 9.30 da noite
(M. 17 anos)

3.ª SEMANA

Telefone 50595

O 1.º Prémio do
Festival de Cannes

O LEOPARDO

de Visconti
com Burt Lancaster — Alain Delon
e Claudia Cardinale

SÃO JORGE

A's 15.15, 18.15
e 21.30
(M. 17 anos)

Um filme de grande
emoção

Telefs. 54153/54

A FRONTEIRA DA NOITE

O «suspense» começa nos primeiros
segundos!
Com Sophia Loren e Anthony Perkins

EDEN

A's 15.30, 18.30
e 21.45
(M. 12 anos)

Um filme de eleva-
da categoria
em Technicolor

Telefs. 54153/4

OS 9 IRMÃOS

com Henry Fonda e Maureen O'Hara
Um filme audacioso pela força dos
seus delicados problemas.

ODEON

A's 15.15, 18.15
e 21.30

Um filme admirável
sobre a festa dos
toiros

Telefone 326283

com o famoso matador «El Cordobés»

SANGUE NA ARENA

A odisséia de um «diestro», que en-
trava na arena com a morte escondida
no seu «traje de lúces».

Eastmancolor (M. 17 anos)

RESTELO

A's 21.15
(M. 17 anos)

Uma obra impar na
história do cinema

Telefone 610375

O MUNDO CÃO

Uma alucinante volta ao mundo aos
lugares proibidos.

TERRAS

A's 21 horas
(M. 17 anos)

Telefone 320917

ADORAVEL JÚLIA

NAQUELA NOITE

**CASINO
ESTORIL**

A's 21.30
(M. 17 anos)

PARISIENSES
EM FÉRIAS

com: Sacha Distel, Marie Daems, Jean
Carmet e Colette Castel

SÃO LUIZ

A's 15.15, 18.15
e 21.15

Uma obra-prima
(M. 17 anos)

Telefone 327172

Um filme de grande classe!

EM 2.ª SEMANA

Jean Gabin e Alain Delon em

O ASSALTO AO CASINO

CONDES

A's 15.15 e 18.15
e 21.30
(M. 17 anos)

A obra-prima de
Christian-Jaque

Telefone 322523

PROCESSO SENSACIONAL

com Marina Vlady — Pierre Brasseur

— Bourvil — Virna Lisi

MONUMENTAL

A's 15 e 21 horas
(M. 17 anos)

O filme que por
todos era esperado

Telefone 555131

CLEÓPATRA

com Elizabeth Taylor — Richard Burton

e Rex Harrison

AVALEDE

A's 15.45 e 21.45
(M. 17 anos)

2.ª SEMANA

Telefone 763086

O ASSALTO AO CASINO

com Jean Gabin — Alain Delon

ROMA

A's 15.30, 18.30
e 21.45
(M. 17 anos)

Um grande filme

Platela 127778

Balcão 729192

PROCESSO SENSACIONAL

Uma obra-prima de Christian-Jaque

com Marina Vlady — Pierre Brasseur

— Bourvil e Virna Lisi

ROYAL

A's 21 horas
(M. 12 anos)

Telef. 865037

AS AVENTURAS DE D. JUAN

CASABLANCA

**VOZ DO
OPERÁRIO**

A's 21 horas
(M. 17 anos)

ELE, ELA
E O MARIDO

Telefone 862155

O T H E L O

5.ª-feira, 31 — OS INIMIGOS

(Adultos)

IMPERIO

A's 15.15, 18.30
e 21.30

(Adultos)

Telefone 555134

A obra capital de

Ingram Bergman

O 7.º SELO

Premiado em Cannes, Valladolid, Paris,
etc.

POLITEAMA

A's 15.15, 18.15
e 21.30

3.ª SEMANA

TRIUNFAE

Telefone 326305

Uma extraordinária

farsa de grande

espectáculo

CANTINFLAS, FAZ-TUDO

A história de um «João Ninguém»,
convertido num endiabrado conqui-
stador...

Eastmancolor (M. 12 anos)

AVIS

A's 15.30, 18.30
e 21.45
(M. 17 anos)

Continuação de um
grande êxito

Telefone 4 76 63

A HISTÓRIA

DE UM GRANDE AMOR

O maior romance de amor que o

cinema apresentou, em 5.ª semana,

Com Susan Hayward e John Gavin

CAPITÓLIO

A's 21.15
(M. 12 anos)

Telef. 327493

2 grandes aventuras

de CHEYENNE

o cow-boy mais po-
pular da América

«ENCONTRO NA ROCHA

VERMELHA»

e «O ÚLTIMO COMBOIO

PARA OESTE»

Em complemento:

O FACHO E A FLECHA

com Burt Lancaster e Virginia Mayo

**CINEMA
IDEAL**

A's 21 horas
(M. 12 anos)

Telefone 324194

CARTAGO

EM CHAMAS

MARUZZELLA

**VOZ DO
OPERÁRIO**

A's 21 horas
(M. 12 anos)

Telefone 48560

O maravilhoso filme colorido

HATARI

com John Wayne e Elsa Martinelli

BÓTOS AMESTRADOS</

Desenvolve-se em Portugal o Diner's Club

que se propõe contribuir para benefício do turista

Quem viajar conhece, há muito, pelo menos pela frequência com que encontra colados nas montras dos mais variados estabelecimentos as respectivas insignias, a organização do Diner's Club. Mas só há pouco começaram a surgir indícios de que a mesma estendera a sua actividade a Portugal. Foi o mero acaso de um anúncio, há dias publicado neste jornal, que nos despertou a atenção para esse facto, que resultava do pedido de colaboração de senhora ou cavalheiro para o departamento de relações públicas do Diner's Club Português. A circunstância de que se não trata, pois, apenas de uma organização americana — mas de uma nova actividade nacional, agora valorizada pelo novo surto da indústria turística, ainda recentemente posto em foco pela realização, entre nós do Congresso da Federação Internacional de Agentes de Viagens — levou-nos a procurar obter informações concretas acerca do Diner's Club Português.

Foi o presidente do conselho de administração da nova organização, sr. Julio de Vasconcelos e Silva, que amavelmente nos proporcionou em larga troca de impressões, os pormenores que compoem aquela iniciativa. Recebeu-nos nas novas e agradáveis instalações do Diner's na Avenida António Augusto de Aguiar, 32, 7.º, e perante a nossa surpresa logo observou:

— É compreensível o desconhecimento do grande publico em relação à nossa actividade. O Diner's Club Português existe, apenas, há para três anos e aos seus responsáveis pareceu que só em momento oportuno deveria procurar-se dar a conhecer ao País as linhas fundamentais da actividade que se propõe exercer.

— Então acha que viemos no momento oportuno?

— Exactamente. Após um início indefinido, no qual o Diner's Club Português apareceu integrado na actividade de uma agência de viagens, foi possível torná-lo independente alguns meses depois. Deparava-se-nos um imenso trabalho de estruturação: com uma indústria turística a desabrochar; sem qualquer tradição no campo específico da actuação reservada ao Diner's; sem a compreensão da maior parte dos estabelecimentos — consideramos essencial iniciar a nossa actividade silenciosamente, trabalhando mais em profundidade do que em extensão. E mesmo que não fosse esta a nossa maneira de pensar, ter-nos-íamos visto obrigados a assim proceder, tão dispendiosa e incomportável se apresentava uma campanha publicitária em grande estilo.

O problema financeiro

— Referiu o problema financeiro. Pertencendo o Diner's Club Português à grande organização internacional Diner's Club confessamos a nossa surpresa...

— Há de facto uma organização internacional Diner's Club, na qual estamos filiados. Sucede, porém, que em cada país onde o Diner's se estabelece verifica-se absoluta autonomia financeira em relação aos demais, v. g. em relação ao Diner's norte-americano, que foi e é a cabeça da organização. Ora esta autonomia financeira significa, em país pequeno como o nosso e no início de actividade, carência de recursos. Cada Diner's ao nascer conta apenas com o capital próprio, sem qualquer ajuda financeira directa dos restantes. E em Portugal foi o que sucedeu.

— Mas o Diner's Club dos Estados Unidos — insistimos...

— Sim, o Diner's Club norte-americano é hoje um verdadeiro império que conta para cima de dois milhões de filiados. Embora preste a maior assistência aos restantes Diner's, a verdade é que, no sector financeiro, deixa a cada um a solução das respectivas dificuldades. Com elas temos lutado e creio estamos prestes a vencê-las.

— Como assim?

— Orientámos inicialmente o nosso esforço no sentido de obter uma razoável rede de estabelecimentos filiados que pudessem proporcionar aos vários turistas estrangeiros, sócios de Diner's Clubs, a utilização dos seus cartões. Foi assim que conseguimos, nos primeiros tempos, filiar cerca de 300 estabelecimentos — hotéis, restaurantes, boites, lo-

jas e casas, etc. Só depois nos dedicámos sobre o problema dos sócios. Nesta ordem de ideias, sem qualquer propaganda e utilizando praticamente o nosso círculo de relações pessoais, atingimos em Março deste ano os 190 sócios.

— Que comentários merece este numero?

— Tratava-se de um numero irrisório. Era essencial, sob pena de não podermos prosseguir, aumentar o numero de aderentes. Desde então iniciámos uma campanha que embora modesta, produziu já alguns frutos: até Setembro último pudemos contar com um acréscimo de mais de 100% do numero de filiados. E tudo indica que iremos muito além. A Grécia, por exemplo, cuja dimensão territorial e expansão económica se podem assemelhar às nossas, possuía em 1962 cerca de 2000 membros do Diner's contra 860, em 1961. Note, todavia, que naquele país os portadores de cartões só os podem utilizar internamente, o que torna bem mais significativos os numeros que referi. Na Bélgica — país em que já é possível a utilização dos cartões aquém e além-fronteiras — contam-se para cima de 8000 sócios do respectivo Diner's. Gostariamos de poder atingir idêntico resultado.

— E pensa que será possível?

— Respondo afirmativamente sem optimismos delirantes. Fazer parte da organização Diner's Club é um privilégio que acarreta reais benefícios.

— Privilégios?... — atalhamos.

— Sim, privilégios. O facto de se ser portador de um cartão Diner's significa crédito indiscutível e assegurado, dentro e fora do País. Para cada Diner's a concessão de um cartão é um risco enorme a correr, pelo que só são concedidos cartões a pessoas ou entidades que gozem de boa reputação e que cumpram pontualmente os seus compromissos.

Um clube para gente séria

— É, então, um clube de gente rica...

— Nem por sombras. A experiência ensinou-nos que nem sempre são os ricos (ou como tais considerados), aqueles que pagam melhor. Por isso, aceitamos sempre a inscrição de todos os que nos mereçam confiança — ricos ou não. Daí o poder retorquir ao seu reparo que o Diner's não é um clube de gente rica, mas de e para gente séria.

— Temos, como filiados, médicos, advogados, engenheiros, comerciantes que sabemos não serem ricos, mas que ganhando bem a sua vida, à custa de duro trabalho diário pagam pontualmente as facturas que lhes apresentamos relativas às despesas que efectuaram. Gente desta será sempre bem-vinda e o seu melhor fiador a qualidade profissional e a idoneidade moral que alardear.

— Mas falou também em benefícios...

— E são evidentes. Qualquer membro do Diner's à simples apresentação do seu cartão de identificação, poderá gastar livremente, em cada estabelecimento filiado até ao limite de nove mil escudos. Para tanto basta-lhe assinar o respectivo talão de despesa de forma a que coincida com a assinatura constante do seu cartão de identificação. As facilidades assim obtidas afiguram-se decisivas, uma vez que o filiado de qualquer Diner's terá à sua disposição hotéis, meios de transporte, restaurantes, recintos de diversão e vários outros estabelecimentos que lhe permitirão deslocar-se sem necessidade de levar consigo qualquer espécie de moeda.

— Devo ainda acrescentar duas coisas: a primeira é que a utilização do cartão Diner's não encarece nenhum dos serviços utilizados ou qualquer das compras efectuadas, tão certo é que os estabelecimentos filiados estão contratualmente obrigados a não agravar os preços se a que que maneira for. A segunda é que em alguns países (designadamente em França) as compras processadas através do Diner's Club chegam a beneficiar de descontos substanciais, que variam entre 15 e 25%. Aqui tem porque lhe falei em benefícios...

— Poderá indicar-nos os encargos consequentes da filiação no Diner's?

Club Português? Por tudo quanto lhe ouvimos, calculamos que sejam elevados...

— Errou o cálculo — felizmente para todos. Imagine que a todas as vantagens enumeradas (incluindo o risco que potencialmente cada novo sócio para nós representa) corresponde apenas um encargo mensal que não chega a 21\$00 ou seja 250\$00 por ano. Pode-se dizer que é de graça... Pensamos instituir uma participação inicial (joia) logo que se atinja um numero de sócios razoável, mas a verdade é que todos os filiados até essa altura só terão de pagar oito dólares por ano, sem qualquer outro acréscimo de despesa fixa.

Estava assim satisfeita a nossa curiosidade. As informações que nos prestou o sr. Julio de Vasconcelos e Silva revelaram não só a existência de uma nova organização de largo interesse turístico, como os propósitos em que a mesma está de tornar mais amplas e mais evidentes as vantagens que proporciona. Aliás, a actividade do Diner's Club tem alcançado cada vez maior popularidade, como ainda agora se pode verificar pelo novo filme de Dany Kaye, que se exhibirá em breve no Tivoli precisamente com o título de «O homem do Diner's Club». A título de curiosidade, diremos que se trata de uma obra que custou cerca de dois milhões de dólares ao Diner's Clube norte-americano.

Linha de CASCAIS

Cinemas

ALGÉS — Stadium — As 21: «Uma rapariga chamada Tamiko» e «O canal do crime» (17 anos).

OEIRAS — Oeiras-Cine — As 21: «O alegre forasteiro» e «Cheyne, o rei do Oeste» (12 anos).

PAREDE — Royal-Cine — As 21: «Póncio Pilatos» e «Um palco para Marika» (12 anos).

ESTORIL — Casino — As 17 e 21 e 30: «Parisienses em férias» (17 anos); «Cine-Esplanada» — As 21 e 30: «As aventuras maravilhosas de Karim de Bagdad» e «A favorita de Jupiter» (12 anos).

CASCAIS — S. José — As 21 e 30: «A história de um grande amor» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Nifo — Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (Tel. 212070).

CAXIAS — Nova — Rua Bernardino Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 136 (Tel. 2420034).

OEIRAS — Godinho — Rua Candido dos Reis, 98 (Tel. 2430058).

PAREDE — Grincho — Av. da República, 87-A (Tel. 2471204).

ESTORIL — Lopes — Rua Hangar, 3 (Tel. 260008); S. João — Estrada Nacional, 18 (T. 261186).

CASCAIS — Misericórdia — Rua do Regimento 19, n.º 41 (Telefone 280141); Cascais — Rua Conde Monte Real — Bairro Caixas (Tel. 282407).

CURSO JURÍDICO

de Lisboa de 1933-38

Para fecho do programa comemorativo das suas bodas de prata, o curso jurídico de 1933-38, constituído por 70 diplomados pela Faculdade de Direito de Lisboa, quando ainda funcionava no Campo de Santana, reúne-se hoje, à noite, no Casino Estoril. Ali se efectua o jantar de confraternização, a que assistem também as esposas dos componentes do curso, seguindo-se um baile nos salões daquele casino.

HOMENAGEM

Alexandre Rosado da Conceição

Atinge o limite de idade para o exercício de funções públicas, dentro de poucos dias, o sr. Alexandre Rosado da Conceição, actual chefe do armazém de tipos da Imprensa Nacional de Lisboa, que naquele estabelecimento do Estado presta serviço há 36 anos. Por este motivo, um grupo de colegas ofereceu-lhe um almoço no Restaurante Montes Claros.

Dizem os leitores...

Atenção à Alameda D. Afonso Henriques

Um grupo de moradores na Alameda D. Afonso Henriques escreve-nos, afim de que se chame a atenção de quem de direito para o que se passa naquele belo local lisboeta. O caso parece-nos realmente, digno de ponderação, requerendo imediatas medidas que ponham cobro à anomalia. Dizem os leitores:

«É de lamentar que todos os anos alguns moradores na Alameda D. Afonso Henriques, principalmente, do lado do Instituto Superior Técnico, tenham de abordar o mesmo assunto e chamar para ele a atenção do departamento responsável da nossa Câmara Municipal.

«Husinas de rapazolas e até alguns homens vêm todas as tardes até ao jardim à hora de recolher da pas-sarada. Então, com flegas e pedras atiradas as indefesas avezinhas que se acolhem no arvoredo da alameda. Este triste espectáculo prolonga-se às vezes, pela noite fora. Ora, parece-nos que a Câmara Municipal deve pôr cobro a esta manifestação de selvajaria imprópria de uma capital como Lisboa e numa das suas mais bonitas e movimentadas artérias.

Bastaria destacar para este sítio um guarda, que evitaria o desabuso de envergaduras cujas pedradas chegam a pôr em perigo os transeuntes.

Também um outro «cancro» desfeito o belo logradouro da Alameda D. Afonso Henriques, que é o de grupos de rapazolas a jogarem a bola na relva, que estragam, além de darem cabo das flores que se encontram nos canteiros. Que as crianças e os adultos se sentem ali, está certo, mas que o martelar constante de bolas e correrias estrague os relvados, isso parece-nos que pede repressão. É preciso que não se estrague esse magnífico e aprazível logradouro que é a Alameda D. Afonso Henriques.

Em louvor das águas de Lisboa

Apontámos nestes ultimos dias a vantagem do melhor aproveitamento de algumas conhecidas e celebradas águas de Lisboa, cujo valor terapêutico e medicinal se encontra há muito comprovado. Em abono das nossas asserções, escreve-nos um leitor assíduo — o proprietário da empresa «Taxis Netas» — que nos diz:

«...apraz-me ter lido agora a notícia de muito interesse, respeitante às águas de Alfama, e pena é que a Imprensa não se tenha pronunciado contra as barbaridades que se têm cometido com outras tantas águas que tinhamos em diversos locais de Lisboa, com tão óptimos e providíssimos resultados obtidos por pessoas doentes. Entre elas, as do Andaruz, do Intendente, das Laranjeiras, do Poço do Boratém, da Bica e outras mais que, consta estarem presentemente ligadas à rede de esgotos».

Arroz impróprio para consumo

Do sr. Henrique Prata recebemos, com o pedido de publicação, cópia da carta que, no dia 18, remeteu ao Grémio dos Armazenistas de Mercadorias de Lisboa, e na qual se insurge contra a venda obrigatória do arroz importado, há tempo, do Vietnam do Sul, e que se apresenta com más características sanitárias, caso de que o «Diário de Lisboa» se ocupou. Que o assunto está a despertar, cada vez mais, o protesto do publico infere-se da referida epistola que reproduzimos:

«Pela nota, publicada no «Diário de Lisboa» desta data, fico a saber a razão e a origem do arroz impróprio para consumo que, há cerca de um mês, me forneceu o meu merceiro habitual. Além de crime contra a saúde publica, o fornecimento de tal produto constitui crime contra a economia de cada um, que deveria ser severamente punido por quem de direito.

Mas ainda o que mais grave me parece é que, pelo que se compreende da nota publicada, é intenção de V. Ex.º imporem a continuação do consumo de um produto que o publico não quer comprar nem consumir, o que de qualquer forma é abominável. Se realmente o produto foi importado em mal estado, como parece concluir-se não é o publico que deve sofrer as consequências, mas sim os responsáveis por tal operação».

A consideração da C. P.

Da Pórcia de Santa Iria, escrevem-nos o sr. Joaquim Marques da Costa, morador na Estrada Nacional,

n.º 22, 1.º para expor o seguinte, que aqui deixamos à consideração da C. P.:

«As crianças desta região necessitam de se deslocar diariamente a Lisboa, a partir dos 10 anos de idade, a fim de frequentarem o ensino secundário.

«Na sua totalidade elas utilizam o comboio como meio de transporte, aproveitando as facilidades concedidas aos estudantes, graças a redução do preço dos bilhetes. E é a estação de Santa Apolónia o ponto de desembarque de quantos se dirigem aos liceus e escolas secundárias da capital.

«Acontece, porém, que desde tão tenra idade elas têm de sair de casa às 6 horas da manhã para poderem entrar na escola às 8 e 30. Na verdade, e consultando o horário dos comboios tranvias entre Lisboa e Azambuja verifica-se que, antes das 8 e 30, chegam a Santa Apolónia, somente dois comboios: um às 7 e 10 e outro às 8 e 17.

«É aquele comboio das 7 e 10 o utilizado pela quase totalidade dos jovens estudantes, dado que o das 8 e 17 não lhes dá a possibilidade de chegarem aos seus estabelecimentos de ensino à hora fixada para início das aulas.

«Bastaria uma ligeira antecipação de 17 minutos para beneficiar grande numero de crianças, de pequenos estudantes que, principalmente no Inverno, poderiam gozar mais uma hora de merecido e benéfico repouso. Com efeito, desde que houvesse um comboio que chegasse a Santa Apolónia às 8 horas, tudo se resolveria da melhor forma. E supomos que tal não seria difícil».

O sossego público e as músicas nocturnas

Escrevem-nos vários leitores de Cascais sobre o que se passa, «numa artéria de gente modesta», em que, no «espaço de cinco anos se transformou, como por encanto, uma loja de campanha de armadilhas de pesca, em uma «boite».

E os nossos leitores continuam:

«No primeiro ano do seu funcionamento não se tornou incómoda tal vizinhança, com seus fados e guitarradas. Nos anos seguintes, começaram a aparecer grupos musicais de variado gosto artístico, uns aceitáveis, outros, como o deste ano, horríveis, já pelas musicas escolhidas de perfeito batuque, com vozes desagradáveis e um jazz-bandista que prima em solos longos de bumbo e bateria, todo este conjunto ampliado pela aparelhagem sonora, que, podendo limitar-se ao interior, se estende demasiadamente ao exterior. Ora, as gentes precisam de repouso. A tudo isto acresce que, ao aproximar-se a hora de encerramento, maior é o crescendo do ruído nas imediações da «Canoa» e nas ruas adjacentes, pelo bater das portas dos carros, aceleração demasiada, toque de buzinas estridentes e, ainda, pelo porteiro que, em altos berros, chama por este ou aquele empregado, isto numa rua estreita, onde tudo se ouve».

A Lei do Descanso Semanal

A propósito das comemorações do 81.º aniversário de «A Voz do Operário» e das reivindicações dos trabalhadores que, por esse motivo, se evocaram agora, escreve-nos o nosso amigo sr. dr. Francisco Manso Preto Cruz a recordar que é da autoria do dr. Carlos Lopes a Lei do Descanso Semanal, que começou a vigorar em 8 de Agosto de 1907, marcando uma «étape» cheia de esperança para a emancipação social do trabalhador. Lembrando que se encontra, felizmente, ainda vivo, com 89 anos, o autor dessa lei, acrescenta: «O illustre dr. Carlos Lopes, como já escrevi, quis juntar esta bela conquista à abolição da escravatura e da pena de morte, para recordar ao Mundo que só Portugal conseguiu garantir ao homem que a vida é um direito congénito».

ALMOÇO

DOS ANTIGOS ALUNOS DO COLÉGIO DE LAMEGO

Os antigos alunos do Colégio de Lamego, uma instituição que alcançou brilhantes tradições na capital, reuniram-se hoje em mais um almoço de confraternização que, como todos os anos, serviu para avivar recordações e cimentar ainda mais os laços de amizade que unem os velhos educandos daquele estabelecimento.

O almoço deu ensejo à troca de amistosas saudações, tendo decorrido num ambiente de útil e saudável confraternização.



Vocabulário da Lição n.º 16, Parte 5, que a Radiotelevisão Portuguesa transmite amanhã, dia 28, pelas 20 horas:

INGLÊS	PORTUGUÊS
Theater (americana—no)	Teatro
Theatre (inglês)	Teatro
Play	Peça de teatro
Movie (americana—no)	Filme
Film	Filme
Television	Televisão
* to sit	sentar-se
to stand	estar em pé
to prefer	preferir
to need	precisar de
to want	querer
to like	gostar de
to go	ir
to watch	olhar para
to see	ver
to take	tomar
to visit	visitar
to study	estudar

* Reparem nas formas do infinitivo dos verbos.

ticket	— bilhete
money	— dinheiro



POLA NEGRI — A «VAMP» DOS ANOS 20 — VOLTA AO CINEMA — Aos 64 anos, aquela que foi a mulher fatal do cinema e a inspiradora das maiores paixões e desvarios, volta a enfrentar as «cameras» e a pisar os «plateaux». O regresso que toma foros de sensacional, verificar-se-á no filme «Moon-spinners», de Walt Disney. Ao aparecer agora em Londres, Pola Negri provocou admiração. Ainda é bela e, além disso, segurava pela trela, como se fosse um cãozinho de luxo, um leopardo de três anos que dá pelo nome de Kinna e será seu companheiro no filme...

Problemas portugueses a debater em Genebra

(Continuação da 9.ª página)

função de serem consultores do Conselho Ministerial — isto é, de poderem fazer chegar até ao conselho os pareceres em grupo, por sectores, das actividades privadas, para que os ministros fossem orientados pela opinião pública que a comissão representa — e também, por sua vez, para transmitir a essas mesmas actividades particulares mais interesse e mais entusiasmo pela E. F. T. A., maior conhecimento dos seus problemas e da forma de melhor os resolver, para se aproveitar as incontestáveis vantagens que ela hoje já oferece aos exportadores e fabricantes. Por muito grande que seja o mercado nacional, a E. F. T. A. somada representa sempre mais. Mesmo no caso da Inglaterra é quase o dobro do seu próprio mercado. No nosso, dez, doze ou quinze vezes maior.

Máquinas e ferramentas, madeira e frutas e legumes — os três primeiros problemas para a Comissão de Desenvolvimento Económico

Ainda na sequência da nossa pergunta anterior, elucidou-nos o sr. conde de Caria:

— Também a propósito da Comissão de desenvolvimento Económico tivemos uma intervenção de esclarecimento e de defesa, integrada igualmente na ideia de que a E. F. T. A. tem de constituir um bloco forte que possa merecer o respeito do Mercado Comum. Quando o secretário-geral, sr. Figueres, informou que a comissão ia ocupar-se já na primeira sessão de cinco problemas, dois genéricos — planeamento regional e planificação de transportes dentro da zona do Tratado de

Estocolmo — e três específicos a actividade e a pais — máquinas e ferramentas e a sua distribuição comercial, assistência técnica à indústria da madeira e produção e processamento da indústria de frutas e legumes — houve como que uma espécie de sorriso porque os três casos específicos tinham sido apresentados por Portugal...

E prosseguiu com energia:

— É absolutamente lógico que assim seja, pois se a comissão é de Desenvolvimento Económico, e sendo o nosso País o menos desenvolvido industrialmente dos sete, deve começar-se precisamente por favorecer-lo, e não por fazer progredir justamente os que já estão na escala superior, como a Inglaterra, a Suécia ou a Suíça. Só assim, através do desenvolvimento harmonioso do conjunto, as nações mais industrializadas poderão tirar maior proveito da própria E. F. T. A., podendo vender mais, e conseguindo assim que o grupo consiga maior consideração do Mercado Comum. Pela nossa parte, manifestamos alegria devido à criação desse departamento, com a certeza de que virá a contribuir para realizações práticas e efectivas.

— Qual o primeiro tipo de assistência a ser aplicado — o técnico ou o financeiro?

— Suponho que em relação aos problemas já apresentados é mais a assistência técnica que se procura. A comissão, que se reunirá já em 11 de Novembro e que será formada por um ou dois delegados de cada país, funcionários públicos, servirá um pouco de condutora dos assuntos para sectores especializados que ela vai escolher nos países mais desenvolvidos. Como as actividades de maior capacidade técnica são normalmente também as de maior poder financeiro, creio que através, ou por detrás, da assistência

técnica virá igualmente alguma de ordem financeira.

A assistência técnica da E. F. T. A. no turismo

— Para que outros problemas precisa Portugal de mais urgente assistência da Comissão de Desenvolvimento Económico?

— Julgo que há um que vai ser presente muito em breve e que merece um interesse extraordinário: o do turismo ou da assistência técnica no turismo. Nós em Portugal temos todas as condições básicas necessárias para participar nesse formidável movimento turístico e de acompanhar os países mais desenvolvidos, que vêem massas sucessivas de gente chegar todos os anos em busca de sol, de calor, água do mar, luz, cor, paisagens diferentes. Em todos esses aspectos Portugal é das nações mais privilegiadas da Europa, podendo-se comparar favoravelmente — digo-o por experiência própria e sem excesso de patriotismo — com esse outro maravilhoso país que é a Grécia. Nós temos já um princípio de infra-estruturas, mas estamos ainda longe de albergar, em percentagens mesmo pequenas, as massas que se deslocam das regiões nórdicas para o Sul.

E o sr. conde de Caria acentuou, a terminar:

— Todavia, eu tenho uma grande esperança de que essa corrente se vá estabelecendo. Atrás delas há consequências de cadeias extraordinárias de fomento e de aplicações das nossas; próprias indústrias. De melhoria, portanto, das relações económicas entre Portugal e os outros países. E sobretudo uma consequência de maior desenvolvimento do nosso País, como todos desejamos.

CÉSAR FAUSTINO

CARTAS DO BR

(Continuação da 9.ª página)

a tomar parte nas comemorações. Acredito que sim. Mas talvez não. O Brasil talvez não se lembre das obrigações de família. Mas logo que advertido correrá a transformar o esquecimento num sorriso e num abraço».

Isto escrevi meses atrás. Quando o famoso programa saiu recentemente nos jornais eu senti que tinha chegado a hora da advertência. Foi o que fiz. E nada mais. Então, a propósito de um lucido comentário sobre o assunto, do director do «Diário de Lisboa», veio o governador da Guanabara, gentilmente, informar por telegrama que Portugal já estava lembrado.

No uso do seu vocabulário habitual confessou ainda que não esperava que a sua amizade por Portugal pudesse ser vítima de intrigas ou suspeitas.

Ora a verdade é que não houve qualquer espécie de intriga. Houve apenas um facto. E o facto não foi inventado por quem escreve estas linhas, — mas tornado publico por toda a imprensa na publicação, sem o conhecimento do governador, no que eu acredito piamente, do famigerado programa dos festejos, logo depois renegado.

Mas voltando ao sr. Felner da Costa. Quis ele apenas aproveitar a ocasião para participar aos leitores do «Diário de Lisboa», com natural ufania, que tinha sido convidado pelo Governo do Estado da Guanabara, para fazer parte do grupo de trabalho organizado para o planeamento das comemorações do próximo 4.º centenário. Fez muito bem. Tornou publica uma justa e digna homenagem, digna de ser por nós aplaudida. Mas isso nada tem com o meu assunto. Meu leal combate é apenas um: insistir na presença permanente de Portugal no Brasil. Esse o assunto básico das minhas teimosas cartas.

Já há meses, nestas colunas, eu sugeria a oportunidade de ver transformada a actual Embaixada de Portugal (no Rio de Janeiro) num Palácio da Cultura Portuguesa, de modo que, a partir dos festejos da fundação da cidade, em cursos, seminários, exposições, conferências, mesas redondas, congressos, etc., ali fun-

Obras de saneamento em Lourenço Marques

LOURENÇO MARQUES, 27 — As chuvas registadas na quinta-feira provocaram uma subida de três centímetros no nível das águas estagnadas na zona noroeste da cidade, habitada por uma população de poucos recursos.

O problema, debatido com calor nas sessões camarárias, vai ser resolvido: as obras de saneamento da zona levarão dois anos a concluir.

As autoridades municipais prevêem a hipótese da transferência gratuita dos moradores da zona alagada para terrenos da Câmara, a título provisório, até terminarem as obras de saneamento. — (A. N. 1.).

cionasse diariamente, num movimento panorâmico de viagens através dos séculos, — aquilo que se poderia chamar a Universidade da Língua Portuguesa.

Ora isto, sejamos francos, nada tem a ver com o programa definitivo ou provisório, dos festejos a serem oficialmente organizados pelo Governo guanabarrino.

Por mim, repito, o programa que saiu na Imprensa foi mero pretexto para uma oportuna advertência. Só isso.

O que considero de facto importante é a presença permanente de Portugal no Brasil, — mas de Portugal através das suas elites, das suas mais altas expressões de pensamento, saber, arte, e conhecimentos humanos, — na vida quotidiana da cultura brasileira.

Tudo o mais é anedota.

VIDA NA SERRA

Petropolis tinha certa poesia. Era uma cidadezinha romântica, de casas escondidas entre jardins floridos. Mas as casas estão sendo demolidas e com elas desaparecem os floridos jardins. Em seu lugar alçam-se os abomináveis edifícios de muitos andares (Sintira também estará assim?). As famílias saem do Rio, onde vivem fechadas em caixotes, e vão para a cidade que foi das hortênsias, meter-se em caixotes muito mais feios, e muito mais pequenos.

Um meu amigo, que mora pertinho do Museu Imperial, teima em não se render, e continua na casa bonita, escondida numa malazinha de árvores e trepadeiras, que foi dos avós, e vem do tempo do imperador Pedro II. Está ele, o meu amigo, crivado de achaques, cheio de complicações, coração enfermo, irritações nervosas, etc., e, por tudo e por nada, explode em baitas broncas.

Imaginem agora que, mesmo defronte daquela tradicional



«ASSENTO PARA SOGRA» — É o nome dado pelos leigos a esta espécie de cacto, que os botânicos designam por «Echinocactus Grusonii»...

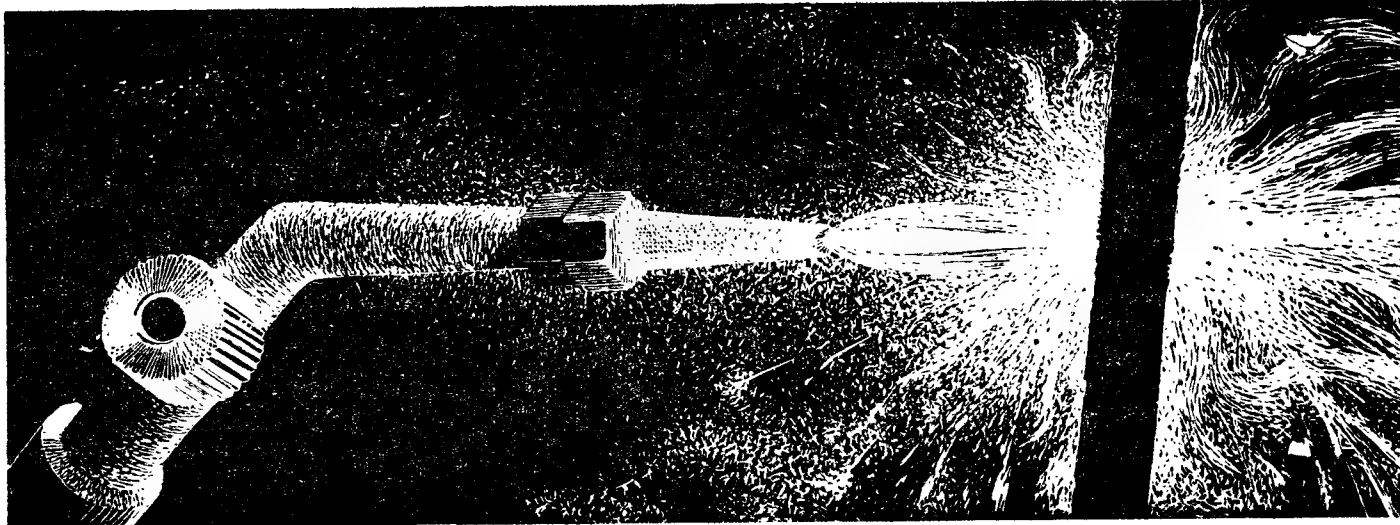
mansão, edifício, seis das t... avinas, juradora dos tum... qualquer homem... males...

Ontem e at com tanto b... a polici... riazinha... se queis... dade, e... ver pare... les vanc... Foi q... anos de... o trau... daquela... ponto fi... — Me... por esc... estives... ria nad...

Ele ob... encabul... MAIS... Dissen... li) que... boa, de... nuou q... para lá... nenand... Brasil: — Isto... dizem-n... Acred... antigam... suítica... mente, da gran... Brasil, e... os port... nentem... brasileiro... notem q... não no... ções lus... Mas i... comprom... cie (ne... pertence... políticas... precisa... apenas... tuguês... que ins... ples, fr... mar (en... tra erro... dos — v... de boa... apareça... mesmas... acusá-l... niador, munista...

Como... pitoresco... sil. Tud... em des... tima, e... insaciã... outro la... Portuga... problem... solvido... isenção... cartas... mente... amo qu... lidade... comum...

protecção contra o calor



BRASIL

um mo-
viagens
quilo que
diversida-
a.
cos, na-
programa
dos fes-
te orga-
guanaba-
programa
foi mero
tuna ad-
acto im-
perma-
Brasil, —
das suas
altas ex-
to, saber,
humanos,
a cultura
ta.

mansão, estão construindo um edifício. E das sete da manhã às seis da tarde é um bafafá de máquinas, de escavadeiras, de perfuradoras, num inferno de ruídos tumultuosos que endoidecem qualquer um, quanto mais um homem vítima de complicados males...

Ontem, estava eu lá de visita, e aí começa ele, revoltado contra tanto barulho, querendo chamar a polícia, insistindo com D. Mariuzinha, a mulher, para que fosse queixar-se ao prefeito da cidade, e pedindo mesmo o revólver para ir dar uns tiros naqueles vândalos...

Foi quando D. Mariuzinha (50 anos de idade) muito calma, com o traquejo de quem está cansada daquelas tempestades, pôs este ponto final na discussão:

— Meu bem, dê graças a Deus por escutar este barulho. Se já estivesse no cemitério, não ouviria nada!

Ele olhou para mim, e sorriu encabulado.

MAIS UMA VEZ

Disseram-se (estou longe e não li) que o correspondente, em Lisboa, de um jornal carioca insistiu que havia por aqui quem para lá mandasse intrigas envenenando os portugueses contra o Brasil:

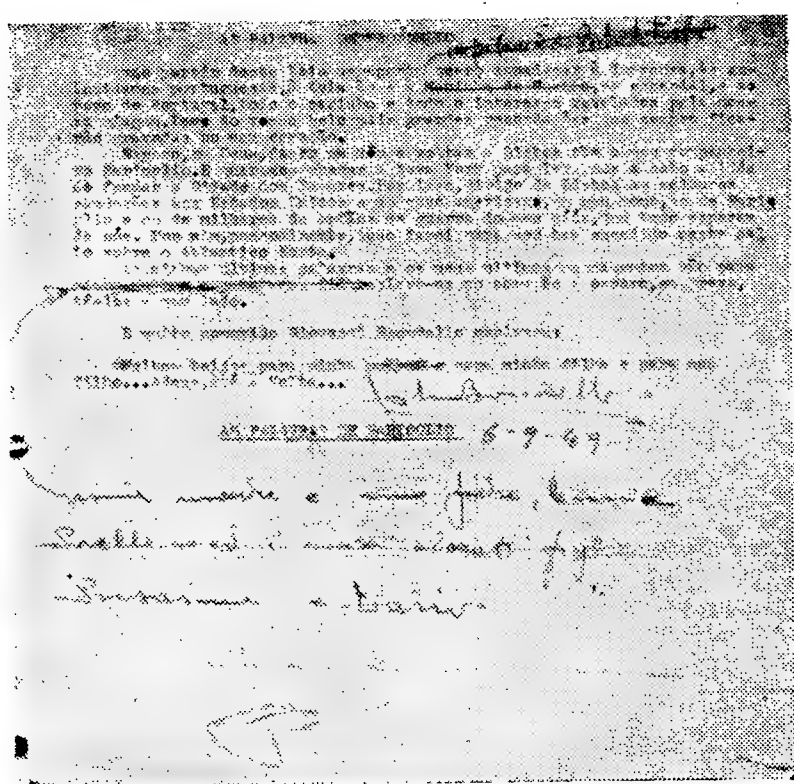
— Isto deve ser contra você! — dizem-me.

Acredito. É a velha técnica, que antigamente se chamava de jesuítica. Se há quem, insistentemente, tente convencer Portugal da grandeza e da importância do Brasil, e da necessidade que têm os portugueses de estar permanentemente presentes na cultura brasileira, esse alguém sou eu. E notem que só falo em cultura, e não noutros aspectos das relações luso-brasileiras.

Mas vá lá uma pessoa sem compromissos de qualquer espécie (nem interesses), que não pertence a grupos, nem a facções políticas, que não recebe nem precisa de subvenções que fala apenas porque tem coração português (e vinte anos de Brasil) e que insiste com liberdade (simples, franca e natural) em clamar (embora amenamente) contra erros que precisam ser sanados — vá lá repito, uma pessoa de boa fé falar assim que não apareça logo alguém (não nas mesmas condições, é lógico) a acusá-lo de intrigante, de caluniador, quando não até de comunista, como está na moda.

Comento nestas cartas casos pitorescos e anedóticos do Brasil. Tudo aliás natural num país em desenvolvimento, apenas vítima, em parte, dos interesses insaciáveis do capitalismo. Por outro lado censura a ausência de Portugal no Brasil que reputo problema que necessita ser resolvido com larga visão e perfeita isenção. É só o que prego nestas cartas. E afirmo-o conscientemente sem para isso servir outro amo que não seja a minha fidelidade aos dois países de língua comum.

C. de G.



As últimas palavras escritas pelos dois pilotos italianos, antes de partirem para a grande aventura

Três documentos inéditos

(Continuação da 9.ª página)

nalista, enquanto lhe mostravam duas minúsculas fotos de seus filhos Dazio e Susana, ao lado das imagens do Sagrado Coração de Jesus e da «Madona di Loretto»... A seu lado, Barrioglio, alto como uma torre, de 33 anos, tinha como Brondello, numerosas condecorações e ao combatente da Rússia se ligou na aventura que infelizmente se malograria...

Durante os enervantes dias de espera em Lisboa, o repórter e os dois aviadores italianos conviveram diariamente. O tempo apresentava-se difícil para a travessia e a despeito das precauções tomadas, seria perigoso levantar voo sem um mínimo de previsões meteorológicas satisfatórias. Brondello e Barrioglio foram conquistando simpatias e amizades dentro do aeroporto, donde acorriam diariamente, também muitos curiosos... O repórter ia anotando factos humanos, pormenores que axaltam o coração humano, que são uma compensação contra todas as amarguras provocadas pela traição e pela desumanidade. Seria interessante até mencionar os votos de «Boa Viagem», a quem ninguém se opôs, com abuso de autoridade, deixando expandir-se a alegria e a solidariedade humanas. A partida foi sendo adiada, pelas razões já mencionadas, e embora tivesse sido decidida para o dia 8 de Setembro, não se chegou a efectuar. O aeroporto enchera-se de gente e não havia nos corações presentes outro desejo que não fosse o de «Boa Viagem!». Desejo que, infelizmente, não se concretizou, a despeito de Brondello e Barrioglio, sorridentes e optimistas, terem dito ao jornalista: «Se quiser escrever-nos, estamos no Waldorf Astoria...». Mas não chegariam lá...

A angustia da espera e a notícia final...

Horas e horas esperou o repórter a notícia que pudesse transmitir aos seus jornais. Todos os serviços estavam a postos, com a colaboração de todos os navios e

aviões que navegassem na rota Lisboa-Nova York. Também os centros de «controles» de Santa Maria, Bermudas e Nova York estavam de prevenção e melhoradas as condições de tempo, o «Santa Susana», frágil e alegre nas suas cores, levantou voo às 19 horas e 18 minutos do dia 11 de Setembro de 1949. Qualquer coisa de muito estranho me anula certa clareza de raciocínio, neste momento evocador, ao rever, diante de mim Brondello e Barrioglio, que me abraçam, optimistas e sorridentes, e me dizem (e ouço-lhes as palavras): «Addio, Gastoni! Grazie mille!». Olho estas palavras escritas a lápis por Giovanni (John) e Camillo, sempre atentos em manterem-me ao corrente do que se passava, até dos seus prazeres de nadar na piscina do Estoril, passo os olhos pelas suas últimas palavras, as de Brondello, por ele próprio emendadas e as de Camillo Barrioglio, escritas pelo seu próprio punho, e sinto que o homem é um ser responsável e não pode trair-se a si próprio na destruição dos demais, para não se confundir com as bestas, que chafurdam no prazer da carne que devoram... Creio mesmo que só com dificuldade conseguiria reconstituir completamente os meus passos lado a lado de Brondello e de Barrioglio: as nossas refeições conjuntas no restaurante do aeroporto, os nossos passeios nocturnos, os nossos diálogos de grande camaradagem, a minha constante exaltação da Itália, que então começara a conhecer nas minhas visitas que não terminarão, por graça de Deus; as palavras de estima por Portugal, a sua admiração pela nossa hospitalidade, os seus gostos pessoais... O pequeno «Santa Susana» continuava aguardando o salto sobre o Atlântico fabuloso, ainda hoje, a despeito da era do jacto, e o dia chegou: 11 de Setembro de 1949, já lá vão 14 anos, por entre o embranquecimento dos cabelos e os golpes dos abutres do nosso tempo.

O «Santa Susana» viu-se rodeado pela multidão como se pessoa humana se tratasse e ainda estamos a rever Brondello, com o seu ar desportivo, ao lado Camillo, de ca-

A Brasileira do Rossio

parece condenada
ao perpétuo abandono

Tem as suas tradições e o nome ligado a acontecimentos significativos da vida da capital, desde 1911, quando abriu, o «extinto» Café da Brasileira do Rossio. As suas mesas podiam contar, se o pudessem fazer, episódios políticos relevantes na história alfacinha e portuguesa. Restaurada em 1938, a Brasileira era um dos melhores e mais amplos estabelecimentos do género no centro da cidade. Entretanto, apesar do seu nome e magnífica situação, encerrou as portas ao seu público fiel, encontrando-se assim, num lamentável ar de abandono, há já bastantes anos. A sua fachada enegrecida e escalavrada pela ausência de vida, tem sido e é ainda uma mancha negra no ponto mais movimentado do Rossio, o palpitante e sempre remojado coração da capital.

Muito perto, paredes meias, um outro café, o Portugal, grande, com dois esplendidos pisos, confrange,

tanto como a encerrada Brasileira, pelo seu ar de abandono e desleixo. E recordam-se, também, com saudade, os seus tempos aureos. Era um café bonito, moderno e agradável, enriquecido com decorações de Jorge Barradas e animado por uma clientela abundante. Agora, é triste e soturno e essa clientela é escassa. Assim, tem-se imposto, por todas essas razões, a «ressurreição» da Brasileira do Rossio e a restauração do Portugal, tornando-os aquilo que devem ser no centro da capital.

Ora, no passado dia 1, a actual gerência da Brasileira do Chiado tomou conta da grande maioria das quotas dos sócios do Café Nacional.

Segundo apurámos, aqueles, juntamente com a nova gerência do Nacional e da Paulistana fizeram uma atraente proposta, cifrada numa verba substancial, para adquirirem a Brasileira do Rossio. Os proprietários desta não a aceitaram, porém, pedindo uma quantia exorbitante. Só pelo trespassse querem nada menos de 10 mil contos.

Entretanto, o Rossio continua com a chaga aberta, a pedir remédio pronto e eficaz.

Confraternização dos elementos do Orfeão Académico de Lisboa

Os componentes do Orfeão Académico de Lisboa, de 1925, reuniram-se hoje, numa jornada de confraternização, que se iniciou com uma missa, na Igreja de S. Domingos em memória dos companheiros já falecidos. Celebrou o acto o orfeonista, rev.º cônego Carreira de Sá (Assesca).

As 11. o grupo partiu para Pedrões, onde os srs. eng.º Rocha Cabral, Conceição Silva, Moreira Lopes e Pina Manique de Albuquerque e dr. Joaquim de Barros, ofereceram um almoço regional. Serviu o repasto para alguns momentos de alegre convívio e sa fraternidade. No final, fizeram-se entusiásticos e saudosos brindes.

Os componentes deste conjunto orfeónico, sob a regência do professor Hermínio do Nascimento, percorreram todas as cidades do País, granjeando louvores artísticos e obtiveram igualmente grande êxito no Brasil.

NOVOS CAPITÃES dos portos de Aveiro e da Nazaré

Foram exonerados dos cargos de capitães dos portos de Aveiro e da Nazaré e de comandantes da Defesa Marítima dos mesmos portos os srs. capitão-de-fragata Amandio Pires Cabral e primeiro-tenente Jacinto Ribeiro Gomes Rosa, respectivamente, e nomeados em sua substituição os srs. capitão-tenente Agostinho Simões Lopes e primeiro-tenente Américo Camacho de Campos.

Foi também exonerado do cargo de patrão-mor da Capitania do Porto de Aveiro o sr. segundo-tenente Joaquim Luzio, substituído pelo sr. subtenente Arnaldo dos Santos.

DUAS LETRAS, DOIS CARRIS
AO SERVIÇO DO PAÍS

MARQUES GASTÃO



Calor excessivo, causa de graves perigos para o seu motor; defenda-o com



X-100 MULTIGRADE

O ÚNICO ÓLEO COM ADITIVOS NÃO METÁLICOS!

EXPERIMENTADO E APROVADO POR TODOS OS FABRICANTES DE AUTOMÓVEIS
PARA OS PERÍODOS MÁXIMOS DE MUDANÇA DE ÓLEO

PODE CONFIAR NA SHELL

DOMINGO, 27 DE OUTUBRO DE 1963

A VIUVA E O CHEQUE DE 600 MIL LIBRAS

Quando a sr. Cecily Mole, viúva, de 61 anos comprou há tempo 22 acções da Leyland Motors esperava, é claro, receber algum rendimento... mas não 600 000 libras, 13 xelins e 5 pence.

Foi um cheque dessa importância que recebeu na sua residência de Birmingham. Mas, afinal, sempre era engano, o que lhe cabia, na realidade, eram apenas 13 xelins e 5 pence.

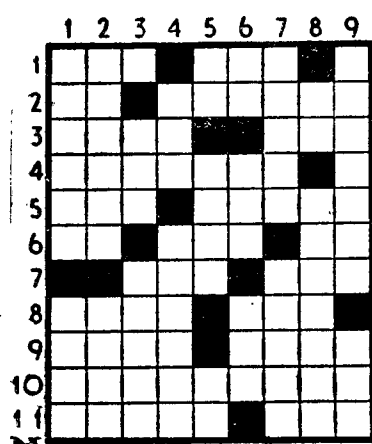


Um representante da Leyland apressou-se a declarar: «Houve engano numa das nossas máquinas de contabilidade. Vamos emitir imediatamente outro cheque».

E a senhora Mole limitou-se a comentar: «Sempre dá certa emoção receber um cheque dessa importância. Mas ainda que fosse verdade, não saberia que fazer a tanto dinheiro. Tudo o que quero é uma casinha no campo...»

Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
Problema n.º 3191



HORIZONTAIS: 1 — A favor. Caminho. 2 — Símbolo químico do ouro. Ópera de Bizet, de intensa comoção dramática. 3 — Unidade correspondente a 25 alitudes (geralmente de vinho). Rio da Ásia central, tributário do lago Baical. 4 — Exatidão. 5 — Sítio pouco fundo de um rio. Conversa. 6 — Artigo (pl.). Causa dor. Em o. 7 — Meio-dia. Pernicioso. 8 — Prender.ilha inglesa no mar da Irlanda. 9 — Capital da Letónia. Junta. 10 — Aprestar. 11 — Venturas. Aselha.

VERTICAIS: 1 — Comia. Lavar. 2 — Escumbros. Indivíduo. 3 — Cateco. Feiticeiras. 4 — Órdo de cálcio. Continuar. 5 — Siga. Arvore de Goa. Pertences. 6 — Caminhar. Parte. Doença. 7 — Planta de amieiros. Sova. 8 — Artigo antigo. Judeu convertido, que cam morto, com sua esposa, por haver mentido a S. Pedro (Bíblia). 9 — Começão. Dama de companhia.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

Solução do problema n.º 3190

HORIZONTAIS: 1 — Clamorosa. 2 — Repisar. 3 — Drenos. 4 — POR. Ver. 5 — Gás. Má. 6 — Dó. Relha. 7 — Ermos. 8 — MAIS. Proa. 9 — Acto. 10 — Ror. Lei. 11 — Ai. SER-VIR.

VERTICAIS: 1 — Cedi. Demora. 2 — Gora. 3 — Arepa. Mar. 4 — MENOS. Ocos. 5 — Opor. Rs. Tre. 6 — Ri. M. Pó. 7 — Os. VALER. LV. 8 — Sabe. Oré. 9 — Ar. Reja. Tr.

(PROVERBIO: POR MAIS SERVIR, MENOS VALER!).

Quinta pequena

Junto vila a 100 km. ao Sul de Lisboa, com moradia, luz, água C. e de poço, esgoto e telefone, região de muita caça e pesca, vende-se, preço 350 contos, suj. a oferta, fac. pag. e troca a propriedade rustica ou urbana em Lisboa ou arredores, pago ou recebe diferença. Próprio ao próprio. Carta para Apartado, 11, Picoas, Lisboa.

Mobiliás tipográficas

Antiga casa Soares & Coelho
Os que mais barato fabricam
R. do Norte, 61 (ao Camões), 1. 3.6550

SIMPLIFICAÇÃO

O Governo britânico, em virtude do que recomendou a Associação Britânica de Viagens, resolveu estender o sistema de passaporte coletivo, simplificar a documentação dos motoristas em visita à Grã-Bretanha e abolir a exigência de visto para cidadãos de vários países. Os serviços ampliarão a sua rede de facilidades com a construção de novos hotéis ou remodelação de outros, enquanto se avança nos programas de modernização das rodovias e estradas de ferro. Apontando as deficiências que precisam ser sanadas, o relatório sugere que até ao fim da década actual, os visitantes estrangeiros poderão ser proporcionalmente tão importantes para outros centros de férias e recreio na Grã-Bretanha quanto já o são para Londres e algumas das grandes cidades de província. São encorajadores os cálculos sobre o que o turismo renderá ao país trazendo-lhe todos os anos este enorme contingente de fregueses adicionais.

A extracção de cobre pode ser acelerada através de... micróbios

Os cientistas do Laboratório Nacional de Química da Grã-Bretanha, fizeram recentemente uma estranha sugestão: A extracção mineira de metais de valor, tais como cobre, por exemplo, pode ser acelerada desde que esses minérios sejam «atacados» por bactérias estudadas. Assim, as minas contendo minério de baixa percentagem de cobre, por exemplo, seriam previamente invadidas por estas bactérias, cuja acção sobre o minério facilitaria a sua extracção. Posteriormente, as bactérias seriam ou eliminadas ou recolhidas no fundo. O processo poderá também ser utilizado para extrair os últimos restos de metal de minérios de elevado índice, cuja percentagem principal de minério aproveitável tenha sido já extraída pelos processos tradicionais de fundição.

Ex.mas Senhoras

As pratas estão na moda e a ourivesaria SANTOS CATITA, LDA., da Rua das Portas de Santo Antão, 44, está a vender tudo a preços muito baratos.

Aproveitem a ocasião e guardem a sua casa com objectos que têm sempre valor.

Salvas, tabuleiros, serviços de chá, fruteiros, candelabros, cestos de pão, etc., etc.

ANDAR

Com garagem privativa, 5 div. ass., 3 c. de banho e local e vista de mar do melhor da linha do Estoril, o unico que resta para vender em moradia só p. 3 inquilinos, para habitar ou rendimento 7 %, preço 450 contos, suj. a oferta, vende-se com fac. pag. e aceita-se permuta por propriedade rustica ou urbana em Lisboa ou arredores, pagando ou recebendo diferença de preço. Próprio só ao próprio. Resp. escrito ao Apartado, 1.011, Lisboa

MAPLES

Os mais baratos e cómodos
Antiga casa Soares & Coelho
Rua do Norte, 61 (Ao Camões)
Tel. 226550

RÁDIO-TELEVISÃO

RESPECTIVAMENTE A:
Esc. \$70 por dia (Campanha de divulgação do Rádio)
e Esc. 5\$30 por dia

CASA FIGUEIRÔA
Rua Macau, 8-B — Telef. 847635 e 832556
CAMPANHA DE FIM DE ANO com
BRINDES

A TODOS OS CLIENTES
CONDICÕES ESPECIAIS DE PRONTO PAGAMENTO
ASSISTÊNCIA DIRECTA



— Esta manhã encontrei alguns cabides vazios no meu guarda-vestidos... —

«Puzzle» de palavras

A 1	B 2	C 3	D 4	E 5	F 6	G 7	H 8	I 9
	D 10	C 11	G 12		F 13		L 14	C 15
T 16	H 17	A 18		L 19	J 20	E 21		K 22
I 23	M 24	J 25	B 26	H 27			J 28	
E 29	H 31	B 32	D 33	J 34		G 35	I 36	C 37
	K 38		F 39	L 40	M 41	A 42	D 43	
L 44	D 45	G 46	B 47	G 48		A 49	B 50	
	T 51	E 52	L 53	J 54				
J 55	D 56	M 57	K 58	J 59				

A resolução deste problema é semelhante à resolução dos problemas de palavras cruzadas. Para cada palavra referenciada por uma maiúscula procura-se o sinónimo que tenha o numero de letras que são indicadas pelas casas numeradas que se indicam. As letras do sinónimo são colocadas sobre os números respectivos que indicam a sua colocação no quadro.

Achados quatro ou cinco sinónimos começam no quadro a esboçar-se

palavras que procuramos completar pelo sentido ou conhecimento do conceito. Estas novas letras são colocadas a frente das palavras-chave na posição que a letra e o numero do quadrado indicam, auxiliando, por sua vez, a encontrar os novos sinónimos.

A — Estima	19 18 12 8 1	K — Surdo	14 23 5 61 38
B — Grupo musical estudantil	47 32 2 52	L — Armadilha para coque	14 27 19 40
C — Cifra	37 11 6 15	M — Muito	41 60 25
D — Fúncio	10 45 33 59		
E — Ávida	3 55 9 21 50		
F — Depressão	39 13 26 22		
G — Vento brando, fresco	12 7 35 46 43 48		
H — Cria	31 17 28 50		
I — Renascer	51 36 21 54 53 56 16		
J — Grande aperto	20 58 29 57 4 34 62		

SOLUÇÃO

A — Preza; B — Tuna; C — Zero; D — Fúio; E — Avara; F — Cova; G — Zefiro; H — Gera; I — Revivem; J — Apertão; K — Mouco; L — Cepo; M — Muí.

PENSAMENTO DE PADRE ANTÓNIO VIEIRA

A Natureza fez o comer para o viver, e a gula fez o comer muito para viver pouco.

O/Y FINNLINE LTD.

Para
VALÊNCIA, BARCELONA, SAVONA, GENOVA, (event.), LIVORNO, CIVITAVECCHIA e SALONICA

recebe carga em 1/2 de Novembro p. f.

O m. s. «FINNALPINO»
(4.000 TONS. DW.)

OS AGENTES GERAIS:

SOC. COM. OREY, ANTUNES, & CIA., LDA.

4, PR. DUQUE DA TERCEIRA, LISBOA
TELEF. 322271/2/3 - 33254/5 PPCA

Um João como tantos outros

Texto de JOAQUIM JOSÉ LETRIA

Ilust. de CARLOS BOTELHO

QUANDO nasceu chamaram-lhe Joãozinho. Do pai não se recordava. Abalara lá para longe, para o estrangeiro, à procura de trabalho, que a vida ali era ruim. Joãozinho ficou só com a mãe. Cresceu e mandaram-no para a escola aprender as letras. A mãe trabalhava em casa de senhoras ricas, e ele só a via à noite, quando ela vinha arrasada, com meia duzia de escudos no bolso e, de quando em quando, com algum resto de jantar na marmitta.

Nesses dias, comia coisas boas, estranhas, de que não conhecia os nomes porque não eram pão nem feijão, nem alhos ou batatas.

Uma vez, a mãe deixou de ir trabalhar por causa da tosse. Era uma tosse má, a dela.

Era tão má, que quando lhe dava forte, fazia-a deitar sangue pela boca. Ao princípio, Joãozinho tinha medo e corria aos gritos para a barraca do Chico funileiro, que ficava ao lado. Depois habituou-se ao sangue, à tosse, à mãe, que parecia outra, muito branca, ossos a esticarem a pele, tão diferente de quando parecia uma menina, cabelos sobre os ombros, sorriso na boca, seios a encherem a blusa.

Um dia, quando voltou da escola, estava deitada, muito quente, cara vermelha, as roupas ensanguentadas.

Chico funileiro, o vizinho, disse que talvez o médico fosse lá, mesmo que só pagassem depois, porque um médico era luxo de ricos. O médico foi mais de uma vez.

Disseram-lhe que a mãe precisava de sossego e foi dormir para casa do Chico.

Dali a dois dias, viu sair de sua casa uma grande caixa preta, que uns homens antipáticos, e também de preto, levaram. Quando o Joãozinho voltou à barraca, chorou porque estava vazia e triste. Chorou mais do que quando perdera uma bola já rebentada que fora de um menino rico e a mãe um dia lhe trouxera.

Ficou a morar em casa do Chico. Este, durante o dia, saía com a caixa de madeira a tiracolo para os bairros quatinham casas de verdade, a gritar: «Funileiro!». Foi mais de uma vez com ele para lhe dar uma ajuda, e gostava de ver aqueles sítios da cidade onde nunca tinha ido, e que eram bonitos. Bem mais bonitos do que o sítio onde morava. Não voltou mais à escola e os livros ficaram abandonados ao pé, para um canto da barraca, triste e vazia.

Mas não podia continuar assim. Era um peso morto, um encargo. O pai também já não escrevia aquelas cartas que às vezes traziam umas notinhas dentro do papel de letra arresvadada.

Joãozinho arranhou emprego na loja do sr. Amândio. Passou a chamar-se João. Às vezes não dava que era com ele, quando o chamavam assim, com voz ríspida e uns «estafermo» à mistura. Mas depressa foi obrigado a habituar-se. Andava numa roda viva, a atender fregueses, ou a levar encomendas, cabaz às costas, a magoar-lhe o ombro, pesado como burro.

Dormia no armazém e comia na cozinha da casa do patrão. Ganhava setenta e cinco escudos por mês. Trabalhava de manhã à noite, porque depois de fecharem a porta, às sete horas, era preciso lavar tudo muito bem, manter aparências, não fossem os fregueses passar a gastar da outra mercearia, que era daquela outro senhor que estava zangado com o sr. Amândio.

João, na rua, cego às costas, vivia-se para trás para ver os meninos de livros de baixo do braço passarem, felizes, a rir. O domingo era o dia de que mais gostava. Por detrás do bairro havia um terreiro onde o rapazão se juntava a fumar ou a dar uns pontapes na bola. Chamavam-se pelos nomes dos ídolos do futebol, de quem viam os retratos nos jornais e ouviam os patrões falar às segundas-feiras depois de terem ido ao jogo na véspera. Mas, o bilhete era caro e os rapazes só iam uma ou duas vezes por ano, quando eram desafios importantes. Assim, ali, naquele terreiro, sentiam-se como se estivessem num grande estádio, com milhares de pessoas gritando, chamando-lhes pelos nomes. E no fundo, todos sentiam um bocadinho de de-

sejo de serem aqueles de que tanto ouviam falar.

João aparecia todos os domingos por lá. Não porque gostasse de jogar, mas porque tinha um amigo. Era bom ter um amigo. Quando conversavam, ele esquecia-se dos ralhos e maus tratos. Gostava muito do Zé Maria. Ele levava-o para longe, com as suas histórias, para onde os homens cantavam canções tristes como a terra do Zé Maria que era onde viviam. E João habituou-se a ouvir falar dos homens, da terra que não era deles e que não rendia. Para ele os heróis não eram os das histórias aos quadrinhos que os outros meninos levavam debaixo do braço misturadas com os livros de estudo, mas sim aqueles homens tristes, da terra triste como eles, lá longe, nos lugares perdidos, para as bandas onde o Zé Maria nascera.

O domingo era por isso, desejado, desejo que crescia de baixo do peso dos cabazes e dos ralhos. E depois, na imensidão daqueles dias iguais e amargos, lá vinha, de fugida, quase sem se dar por ele.

Um dia o sr. Amândio bateu-lhe. Sempre lhe tinha dado uns cachalhões, mas daquela vez foi a sério.

Tirou as garrafas de vinho do Porto de dentro de um cesto de verga e meteu a roupa lá dentro.

Depois, devagar, abriu a porta, lágrimas a correrem-lhe pela cara endurecida, precocemente adulta, saiu para a noite fria e negra, e caminhando com passo firme, olhando em frente, atravessou o terreiro onde passava os domingos, para depauperar nas ruas longínquas da cidade, em busca de uma vida nova onde os homens fossem diferentes e o deixassem ser menino.

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

João não chorou. Deitou-se na cama feita de sacas vazias. Era já noite alta e só de vez em quando uma corrida de rato rompia o silêncio. De olhos abertos, no escuro, João sentia fogo por dentro. Não lhe doíam as pancadas, mas parecia-lhe que tinha uma cãdea atravessada na garganta. Duas lágrimas de raiva queimaram-lhe os olhos.

A lembrança das histórias dos homens da terra do Zé Maria martelava-lhe a cabeça. Levantou-se de vagar. Tremia de frio e raiva nas trevas do armazém. Agarrou nos seus trapitos. Não tinha onde os me-

Tinha-se enganado num troco. — «Há-de sair-te do corpo, malandro!» — gritava, enquanto lhe batia forte.

MAU HUMOR... ...OU TALVEZ NÃO

AS MAIÚSCULAS

Nos tempos que vão correndo, é um caso para invejar, o do Rogério. Está no Hotel Júlio de Matos, a gozar merecidas férias. Praticamente, podemos considerá-lo aposentado. Ocupa as horas disponíveis (que são todas) a recortar florinhas de papel e a registar as suas reflexões num grande bloco. Na última vez que o visitei, cumprindo os meus deveres de velho amigo, ofereceu-me uma florinha e, rasgando várias folhas do bloco, entregou-me «isto»:

Aquele senhor gostava de escrever com maiúsculas. Aquele Senhor Gostava de Escrever com Maiúsculas.

Não se pode falar com maiúsculas; pode apenas escrever-se. É uma variante do orgulho e um sublinhado da cortesia. Não se sabe até que ponto as pessoas se ofendem quando pedimos, em minúsculas, notícias (que não nos interessam) da ex.^{ma} tia, do ex.^{mo} cunhado ou do ex.^{mo} filho. Embora, ao indagar da saúde do ex.^{mo} filho, não nos preocupemos com a mãe, que teríamos de chamar excelentíssima, mesmo que não o seja ou seja outra coisa pior.

Se aquele senhor (Aquele Senhor) tivesse Possibilidades Fisiológicas, tivesse Garganta para falar em maiúsculas — o caso era falado.

Napoleão era minúsculo. E muitos homens notáveis. Entre eles, os conferencistas e cineastas. A mosca tsé-tsé também — e provoca a doença do sono.

O eu dos ingleses tem maiúscula e, ao pronunciar-lo, quase se arrependem: dizem aí! Os alemães usam maiúscula para distinguir os substantivos mais comuns. Os franceses comprazem-se em abusar das maiúsculas em todas as esquinas, quando se trata de proibir a afixação de anúncios: «Défense D'Afficher», que parece, erradamente, uma interdição dos campos de nudismo. Os italianos, a seguir à Guerra, escreveram Dólares com D grande e conseguiram vencer a crise. Nas cartas, os espanhóis desenhavam um V de urbanidade em «Vd.», que significa usted. Nós, portugueses, não poupamos as maiúsculas em vossa excelência, isto sem contar a tia, o cunhado, a mãe, o filho respectivo, etc.

Se os insectos e alguns condutores de povos são minúsculos, o hipopótamo, para compensar, mostra-se por completo maiúsculo. Como a vida é injusta, lemos nos jornais: «Hoje — dia de ir ver o hipopótamo ao Jardim Zoológico».

Caso dependesse do tal senhor (SENHOR), a notícia sairia assim:

«Hoje — DIA de ir ver o HIPOPÓTAMO ao jardim zoológico».

Não porque o JARDIM seja mais pequeno que o bicho; mas porque aí se encontram variados animais minúsculos — as pessoas que lá vão e dão amendoim aos macacos (MACACOS).

E se apresentassem ao mesmo senhor o enigma, que já tem azebre, da escova de dentes, ele, continuando a pensar no hipopótamo e pouco habituado à escova de dentes, dar-lhe-ia a seguinte redacção:

«— Em que se parece o HIPOPÓTAMO com a escova de dentes?»

— É que nem UM nem a outra podem subir às árvores.

O leitor, intrigado, perguntaria: «Quais árvores?». Não é fácil, em tais circunstâncias, decidir quanto a espécie de árvores. Há ARVORES e árvores; E arbustos. E outras plantas, algumas sem planta nenhuma.

Amavelmente, o senhor em questão, a quem submeti as minhas razoáveis dúvidas, esclareceu-me — por escrito, como era de prever.

Meu caro AMIGO: Um carvalho é uma ARVORE. Uma silva é um arbusto. Um manjerico é uma coisa de nada. Mas o MANJERICICO, que ELA me ofereceu pelo Santo António; era maior que o hipopótamo. Maior, sob o ponto de vista do coração e do nariz. O meu CORAÇÃO e o meu NARIZ.

Com o MANJERICICO vinha um GRILLO. Os manjericos cheiram BEM.

Os grilos CANTAM nas janelas, que podem ser JANELAS. Conforme o bairro e a Renda (com R grande, para benefício do Senhorio). O MANJERICICO! O GRILLO! O aroma, a alface, a galola, a RENDA!

No dia em que ELA me deixou (ela), o manjerico desistiu de cheirar e o grilo passou a cantar em minúsculas.

Quanto à RENDA (virgula!...) a renda, se quiserem, já não é comigo.

ELA (ela) chamava-se lucília de carvalho.

Eu (EU) detesto-a. DETESTO-a e estou FURIOSO. E assino — PEDRO DA SILVA.

Compreendi. Não valia a pena responder a esta carta. Espero que o silva DESCULPE.

BASTOS GUERRA
(Do volume, a publicar.
«CLAVE DE SOL... E DE CHUVA»)

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre, de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL GRAVADOR
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha

FOLHA-DE-FLANDRES
SEMPRE A PREÇOS MUITO ACESSÍVEIS
CICC, LDA. — RUA D. JOÃO V, 7-1
LISBOA — TELEF. 69 41 41/2/3

SOCCEL

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CELULOSES, S. A. R. L.

CAPITAL SOCIAL: 180 000 000\$00

SEDE: RUA CASTILHO, 57-3.º, Esq.º — LISBOA

2.º AUMENTO DE CAPITAL — ÚLTIMA PRESTAÇÃO

De acordo com o deliberado pelo Conselho de Administração, a 3.ª e última prestação, no valor de 30%, deverá ser paga até 31 de Outubro de 1963 inclusive.

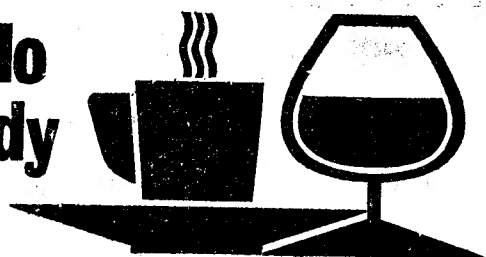
Os Senhores Accionistas apresentarão as cautelas representativas das acções para nelas se consignar o referido pagamento, que poderá ser efectuado na Sede da Sociedade e nos seguintes estabelecimentos de crédito, suas filiais e agências:

- BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
- BANCO FONSECAS, SANTOS & VIANNA
- BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

Lisboa, 21 de Setembro de 1963

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

**pelo preço do
café e do brandy**



AGORA PODE TER UM "TV" NO CONFORTO DA SUA CASA



115\$00 mensais
com antena normal incluída
SEM FIA D O R
UM PRODUTO GARANTIDO PELA



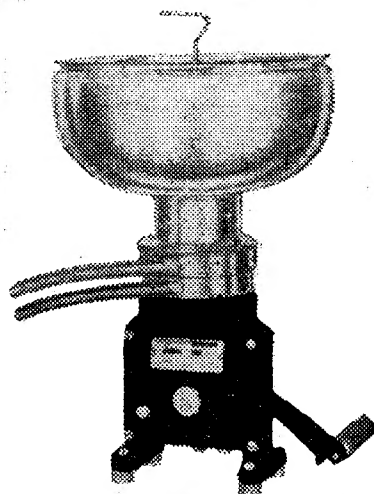
GENERAL ELECTRIC
PORTUGUESA

INFORME-SE DAS NOSSAS CONDIÇÕES DE VENDA



Avenida da Liberdade, 131
Calçada do Estrêlo, 6 (à R. de S. Bento) Lisboa

«ALFA-ROSE»



A nova e pequena desnatadeira para leite tipo doméstica, com as mesmas características e qualidades das famosas máquinas «Alfa-Laval»

UNICOS AGENTES E DEPOSITARIOS:

HARKER, SUMNER & C.A., L.DA
PORTO—38, Rua de Ceuta, 48 ★ LISBOA—14, Largo do Corpo Santo, 18
Telefones 324823 e 35124

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

CALÇADA BENTO DA ROCHA CABRAL (AO RATO) TELEF. 684191

R A T O

OBTURAÇÕES, EXTRACÇÕES, CORRECÇÃO DE DENTES, DENTADURAS
PREÇOS DE POLICLINICA CONSULTAS DAS 9 A MEIA-NOITE

Aos sábados, das 9 às 19 horas — aos domingos, das 10 às 13 horas



ACREDITE NO QUE DIZEM,
ACREDITE NO QUE VÊ...
COMPRA NO **A. SANTOS SILVA**
FRIGORÍFICOS E TV

Os melhores preços do mercado
RUA PASSOS MANUEL, 4-A — TELEF. 73 65 98

Compañia Sud-Americana de Vapores

Serviço regular semanal de carga em regime de frete corrido com conhecimentos directos desde LISBOA para

CHILE
via ANVERS

OS AGENTES GERAIS

LLORET & XAVIER, LDA.

LARGO DO CORPO SANTO, 21, 1.
Telef. 324671 e 327258 — Teleg. «LLOXAVE» — LISBOA

SEMENTES DE FORRAGENS

ANAFABERSIM
CESIRAO
LUZERNA

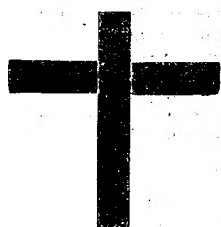


ERVILHACAS
TREMOCILHAS
SERRA DELA
TREVOS, ETC.

José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 — Rua de S. Mamede, 29 — Avenida Paris, 22-B
Telef. 86 90 46 — LISBOA

Em CAMARATE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na PASTELARIA NEZITA.



**MANUEL ALVES BASTOS
BOTELHO DA COSTA**

Visconde de Giraúl

Engenheiro Superior da C. P.
e Professor aposentado dos I. C. L. e I. I. L.

MISSA DO 7.º DIA

Maria da Luz Pôças Falcão Bicudo Botelho da Costa, VISCONDESSA DE GIRAUL, Tereza Bicudo Correia Botelho da Costa Moreira Braga e seu marido, Ruy Duarte Moreira Braga, e filhos, Guilherme Pôças Falcão Bicudo Correia Botelho da Costa e sua mulher, Elisabeth Gundersen Pestana Botelho da Costa e filhos, Joaquim Bernardo Pôças Falcão Bicudo Correia Botelho da Costa e sua mulher, Isabel Maria da Cunha Pignatelli Sena Bello Mège Botelho da Costa, e filhos, Maria da Luz Correia Botelho da Costa Aguiar da Câmara e seu marido, Manuel Basílio Teixeira de Aguiar da Câmara, e filhos, Francisco Manuel Correia Botelho da Costa Angela Maria Dias Bicudo Correia, Laura Botelho da Costa Vidal d'Oliveira e seu marido, Arlindo Vidal d'Oliveira, Maria do Carmo Bastos Coutinho de Lencastre, António Alves Bastos Botelho da Costa e sua mulher, Josefa de Melo Martins Botelho da Costa, e filhos, Angela Guilhermina Pôças Falcão Bicudo Correia Nogueira Ramos e filhos, Maria Helena Botelho da Costa Marques Esparteiro Lopes da Costa, seu marido e filhos, Amélia Botelho da Costa Marques Esparteiro Leitão, seu marido e filhos e mais família, participam que amanhã, dia 28, às 11,30 horas, na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, será rezada missa sufragando a Alma do seu querido marido, pai, sogro, avô, genro, irmão, cunhado, tio e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

R. I. P.

AGÊNCIA MAGNO — Telefone 734167

**viva o novo
Vauxhall viva**



**Vauxhall
viva**

Todos os automobilistas aclamarão o sensacional aparecimento do novo Vauxhall Viva! A elegância das suas linhas sóbrias e modernas, a nova concepção do seu motor e a excepcional performance deste novo modelo de 1000 c.c. da prestigiosa marca Vauxhall, levantarão um coro de uníssona admiração:

UM PRODUTO GENERAL MOTORS EM EXPOSIÇÃO NA

AUTO INDUSTRIAL, LDA.

CONCESSIONÁRIOS NOS DISTRITOS DE
LISBOA — COIMBRA — LEIRIA

HA 30 ANOS

O Diário de Lisboa de 27 de Outubro de 1935 referia-se ao concurso da Escola de Belas-Artes, nos seguintes termos:

«Realizaram-se hoje as primeiras provas orais do concurso para professor da cadeira de Arquitectura da Escola de Belas-Artes de Lisboa. As provas escritas duravam já há três meses. Concorrem à cadeira os arquitectos srs. Carlos Ramos, Cassiano Branco, Ribeiro Cristino e Paulino Montez. Hoje prestaram provas orais, por ordem alfabética, os srs. Carlos Ramos e Cassiano Branco.

Depois de relatar a saída do funeral de José Malhoa, das Caldas da Rainha, dizia o jornal:

«Ficou hoje sepultado no cemitério dos Prazeres, o grande pintor José Malhoa... Eram 17 horas quando o autocarro chegou ao cemitério dos Prazeres, onde se encontravam muitas centenas de pessoas, entre as quais os srs. drs. Egas Moniz, Sousa Lopes, Veloso Salgado, Roque Gameiro, Manuel de Sousa Pinto, Raul Lino... Usaram da palavra o sr. dr. Egas Moniz e o pintor Varela Aldemiras.

RADIO

EMISSIONA — Programa A — 451 m — 655 kc/s. — A's 18: Noticiário — Domingo desportivo; 18 e 15: Música de dança; 18 e 45: A verdade é só uma (Rádio Moscovo não fala verdade); 19: O pianista Roger Sarbib; 19 e 20: Canções portuguesas; 19 e 30: Canções de Paris; 19 e 45: Ritos sul-americanos; 20: Orquestras ligeiras; 20 e 15: Jornal sonoro; 20 e 35: A nossa terra; 21: Noticiário — Crónica de Angola; 21 e 30: Raul Nery e o seu conjunto de guitarras; 21 e 50: Orquestras típicas 22: Radiodesporto; 22 e 40: Fados, por Flora Pereira e Loubet Bravo; 23: Crónica tauro-máquina, por Leopoldo Nunes; 23 e 15: Música de dança; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B — 397 m — 755 kc/s. — A's 18: Concerto de domingo, «Prelúdio e fuga em dó menor» (João Sebastião Bach), pela Orquestra de Filadélfia, dirigida por Eugene Ormandy; «Música para cordas, percussão e celeste» (Bartók); 18 e 50: Noticiário regional; 19: Concerto de domingo, 2.ª parte, «Uma noite no Monte Calvo» (Mussorgsky), pela Orquestra Sinfónica de Pittsburgh, dirigida por William Steinberg, «Concerto op. 42» (Schoenberg, piano, Alfred Brendel pela Orquestra Sinfónica da Rádio de Sudoeste da Alemanha, dirigida por Michel Gletel); «Prelúdio à Saeta de Um Patinho» (Debussy), pela Orquestra do Festival de Londres, dirigida por René Leibowitz, «Bolero» (Ravel), pela Orquestra da Ópera do Estado de Viena, dirigida por Hermann Scherchen; 20: Noticiário; 20 e 15: Arias, pelo meio-soprano Giulietto Simonato; 20 e 30: O gosto pela música; 21: Concerto, pelo duo Maria Macedo-Leonora Supaan (violoncelo e piano), «Sonata, op. 99, em fá maior» (Brahms); 21 e 26: «Suite para cordas» (João Sebastião Bach) pela Orquestra da New Orchestral Society of Boston, dirigida por Willis Page; 21 e 40: Tempo de poesia; 22: «A Voz do Ocidente», programa internacional; 24: Fecho.

Modulação de frequência — A's 22: Intercambio musical, Festival Sibelius de 1963, «Concerto pela Orquestra Hailé, sob a direcção de sir John Barbirolli, em gravações cedidas pela Radiodifusão Finlandesa: «Sinfonia n.º 29, em fá maior K. 201» (Mozart); variações «Enigma op. 36» (Elgar); «Sinfonia n.º 5, op. 52, em mi bemol maior» (Sibelius); 23 e 25: Música coral «Madrigais», de compositores húngaros modernos, pelo conjunto Madrigal de Budapeste, dirigido por Ferenc Szekeres; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 18 e 1: Música pelo caminho; 18 e 50: Artista; 19 e 1: Era uma vez...; 19 e 15: Canções; 19 e 45: Noticiário; 21: Noticiário; 21 e 15: Banda de som; 21 e 31: Leitura; 22: Rádio Espectáculo; 22 e 15: Zarzuela; 23: Orquestras e canções; 23 e 30: Ritos de baile; 23 e 45: Noticiário; 24: Programa «Meia Noite»; 6: Boletim Meteorológico.

CASAMENTOS-LANCHES

52\$50 — 57\$50 e 62\$50 incluindo vinhos

Salas próprias. Toda a garantia

PASTELARIA LISBOA

Av. Almirante Reis, 42-A — Tel. 40076

Emissor de Miramar — A's 18 e 2: Imagens de Portugal; 18 e 30: Música e desporto; 18 e 45: Voz do litoral; 19: Programa só-rádio; 19 e 15: Canções; 19 e 30: Boletim desportivo; 20: Noticiário; 20 e 10: Intermédio musical; 20 e 30: Orquestras e vocalistas; 21: Noticiário; 21 e 15: Zarzuela; 21 e 45: Artistas portugueses; 22 e 30: Variedades; 23 e 15: Ritos de baile; 23 e 45: Noticiário; 0 e 45: Noticiário; 1 e 30: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 25: Leitura do boletim religioso; 18 e 30: Terço, bênção e missa, da basílica dos Mártires; 19 e 50: Boletim do S. C. R.; 20: Agenda musical; 20 e 30: Noticiário e boletim de Rádio Rural; 20 e 55: Meditação; 21: O seu programa; 21 e 30: Transmissão, do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, da sessão solene do Dia da Acção Católica; 23: A 23.ª hora; 2: Encerramento.

EMISSIONES ASSOCIADAS — Das 17 às 19 e 30: Voz de Lisboa; 19 e 30 às 22: Clube Radiofónico de Portugal.



TELEVISAO

Hoje — 2.º período — A's 18, Abertura; 18 e 2, Telejornal, 18 e 15: Passatempo infantil: «Escolha uma letra» (Jardim Zoológico); «Tom Edison, o pequeno génio», com Mickey Rooney; 19 e 50, TV Rural; 20 e 15: Poesia, Canto e Dança; 20 e 40: Episódio da série «Mr. Ed» — o cavalo que fala; 21 e 20, Telejornal; 21 e 40, «Os factos da actualidade nacional»; 21 e 50, Boletim meteorológico; 21 e 55, «Museu do Cinema»; 22 e 30, «Domingo à noite» — episódio da série «Dick Powell Show»; 23 e 20, Domingo desportivo; 23 e 50, Telejornal; 24: Fecho.

Amanhã — As 19 e 30: Abertura; 19 e 32: Telejornal; 19 e 45: «Falando de Música»; 20 e 10: «isto é Lisboa»; 20 e 20: «Let's Learn English» — Aprenda inglês pela televisão — o «Diário de Lisboa» publica hoje o respectivo vocabulário; 20 e 45: «Momento Desportivo»; 21 e 20: Telejornal; 21 e 50: Boletim meteorológico; 22: «Um Homem pelo Mundo»; 22 e 55: O Concílio Eclesiástico; 23 e 15: «Um dia em Lisboa», com Marina Neves, Artur Garcia e o quarteto «As de Espadas»; 23 e 50: Telejornal; 24: Fecho.

CARTAZ DO DIA

(Para maiores de 12 anos)

TEATROS

AVENIDA — A's 21 e 45 — «Vamos contar mentiras».

CINEMAS

EDEN — «Os 9 irmãos».

POLITEAMA — «Cantinflas, faz-tudo».

CAPITOLIO — «Encontro na Rocha Vermelha».

OLIMPIA — «Horizontes desconhecidos».

PROMOTORA — «A guerra dos botões».

LYS — «Hatalá».

CAMPOLIDE — «A ovelha negra».

JARDIM — «A bela Lola».

SALAO LISBOA — «A cimitarra do sarraceno».

IDEAL — «Cartago em chamas».

ARCO-IRIS — «O capitão Morgan».

S. L. BENFICA — «O direito de nascer».

ODIVELENSE — «Cantinflas deputado».

ROYAL — «As aventuras de D. Juan».

(Para maiores de 17 anos)

TEATROS

MONUMENTAL — As 21 e 45 — «O gato».

ABC — As 20 e 45 e às 22 e 45 — «Chapéu alto».

MARIA VITORIA — A's 20, 45 e 23 — «O pá, não fiques calado!».

CINEMAS

TIVOLI — «O leopardo».

S. LUIZ — «O assalto ao casino».

MONUMENTAL — «Cleópatra».

S. JORGE — «A fronteira da noite».

IMPERIO — «O 7.º selo».

CONDES — «Processo sensacional».

ALVALADE — «O assalto ao casino».

COLISEU — «La Paloma».

ODEON — «Sangue na arena».

AVIS — «História de um grande amor».

ROMA — «Processo sensacional».

CHIADO TERRASSE — «Adorável Julia».

RESTELO — «Mundo cão».

VOZ DO OPERARIO — «Ele, ela e o marido».

MARES

PREIA-MAR
Dia 27 — A's 10 e 50 (3.45 m) 23 e 40 (3.40 m)
Dia 28 — A's 11 e 59 (3.65 m).
Dia 29 — A's 0 e 15 (3.66 m); 12 e 35 (3.91 m).

BAIXA-MAR
Dia 27 — A's 4 e 10 (1.82 m); 17 horas (1.57 m).
Dia 28 — A's 5 e 25 (1.62 m); 17 e 45 (1.32 m).
Dia 29 — A's 6 e 07 (1.35 m); 18 e 33 (1.06 m).

FARMACIAS

TURNO D

(Ver pelos Bairros das mediações e telefones entre parêntesis)

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. d. Ajuda, 222 (638256) * Tapada, Ld. Cal da Tapada, 83/A (634721).

ALCANTARA — Ester Noronha, R. de Alcantara, 5-A (637563).

ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) * Romano Baptista, R. Passos Manuel 6-10 (50593) * Magalhães, Av. Almirante Reis, 4-D e 4-F (49479).

ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque RSV (843571).

ALVALADE — Libia, Av. da Igreja 4-B-C (711681) * Nova Torque, R. António Patrício lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (760658).

AMOREIRAS — Amoreiras Pr da Aguas Livres, 8 (681515).

AREIRO — Marbel, Av. de Roma 131-A (776235) * Lusitana, Av. de Roma 18-A (725443) * Chinde, R. Agostinho Lourenço, 5-B (710331).

AVENIDAS NOVAS — Lungenit, Av. da Republica, 5-A (721132) * Providência, R. D. Filipa de Vilhena 9-C (770324) * Sá da Bandeira, Rua Marques Sá da Bandeira, 36 (41961) * Oliveira Viegas, Rua Viriato 29-29-A (48966).

BAIRO DA ENCARNACAO — Ascesso, R. 27, n. 41 (389216).

BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (326575).

BENFICA — Vicente Est. de Benfica 466-A (732606) * Alegria, Est. de Benfica 180-A-B (730511) * Progresso, R. A-da-Maia 64-C (702226).

CAMINHOS DE FERRO — Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (856126).

CAMÕES — Andrade, R. do Alecrim 125 (323446).

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) * Lindeira, R. Ferreira Borges 36 (660955).

CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria 117-118 (53308).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * Zenel, Rua A. 182 (Bairro da Liberdade) (651840).

CARNIDE — Leal de Mator, R. Neves Costa, 33 (780181).

CHARNECA — São Bartolomeu, Quinta dos Balsares de Baixo, Vila Paulo Jorge, 1.

DE SANTA POLONIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (383470) * Zema, R. General Justino Padrel (a Calçada dos Barbadinhos), 21-A (832580).

ESTEFANIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54908).

ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santana, 4 Lapa, 156 (663562).

GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (562909) * Higienica, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

LUMIAR — Patuleia, R. do Lumiar 122 (790332) * Douro, Al. Linhas de Torres, 93 (791131).

MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117).

MOURARIA — Ferrão, R. da Moura, 12 (860464).

PALHAVA — Canto Est. das Laranjeiras, 202 (780841).

PEDROUCOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

PICHELEIRA — Mariuz, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703-728395).

REGO — Berne, Av. de Berne, 44-A (773568).

S. BENTO — Valentim, Ld., R. Poço dos Negros, 88-90 (661353).

SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

SANTA MARTA — Luis de Magalhães, R. de Santa Marta, 15-A-B (46490) * Santa Luzia — R. da Saudade, 1 (869331).

Médico permanente

CLÍNICA GERAL CHAMADAS TELEFONICAS 766146

Injeções — Tratamentos — Velas — Soros — Oxigénio — Camas articuladas — Ambulância

CENTRO DE ENFERMAGEM PERMANENTE

TELEFONE 766161

Carta aberta aos filatelistas arganilenses — 2.

Incluindo os já aqui mencionados Anabela Brandão e Agnelo Galvão, a vila de Arganil, e mesmo a sua região, terão, ao todo, mais de mil filatelistas, numero evidentemente insuficiente, e de longe, para a constituição de um clube filatélico, crescendo que tudo leva à condenação dos pequenos clubes filatélicos: sem sócios, sem dinheiro e sem o mínimo de condições para a realização de tudo que for.

Pelo que, em Arganil como nas demais terras do País, a solução será a constituição de pequenas seções filatélicas, integradas em clubes ou associações já existentes, que, além do mais, lhes fornecerão sede gratuita, quando não, até, subsídios económicos, que permitam o exercício das múltiplas actividades filatélicas: sede, pequena biblioteca, reuniões, semanais para trocas e conversações filatélicas, exposições, etc.

Arganil possui uma grande, forte e prestigiosa colectividade, a Associação dos Bombeiros Voluntários Argus, e é esta, incontestavelmente, que está indicada para centro social da secção filatélica arganilense, absolutamente indispensável para a estruturação, a consolidação, a divulgação e o prestígio da filatelia local e regional.

De há anos a esta parte, já algumas diligências temos feito, junto das direcções da Argus, para a constituição da sua secção filatélica, e tanto por meio de ofícios e de conversas com alguns dos seus dirigentes, como pela oferta fre-

quente de catálogos e de outros livros, para a biblioteca respectiva. Natos têm sido os resultados, e natural é que o sejam sempre, enquanto a iniciativa não partir dos próprios filatelistas, decerto já sócios daquela prestimosa Argus, ou que, outros, facilmente se inscreveriam como seus associados, e, depois de constituídos em secção filatélica (a semelhança da dos bombeiros, da desportiva, da recreativa, etc.) — muito facilmente elaborariam um regulamento, elegeriam corpos directivos, e iniciariam as actividades inerentes.

Assim tem procedido, por exemplo, a secção filatélica do famoso Clube dos Galitos, de Aveiro, e semelhantemente em Leiria, Santarém, etc., de lamentar sendo que poucas destas secções filatélicas, cujas vantagens são visíveis, possam aprontar-se.

Quando a Arganil, insistimos neste o caminho indicado, é urgente. E só acrescentamos que, por todos os motivos e mais um, a secção filatélica da Associação dos Bombeiros Voluntários Argus poderá contar, material e moralmente, com o nosso apoio mais amplo e mais entusiástico, em ordem a valorizar os filatelistas locais, e, sobretudo, a promover a propaganda e a difusão da Filatelia em toda a vasta região arganilense.

Falta e importa referirmo-nos a outro aspecto do problema. Pelo que, indo esta já longa — terminaremos no próximo domingo. V. C.

MUNDO DOS SELOS

Como largamente temos noticiado, vai realizar-se em Lisboa a «II Exposição Filatélica Bancária», organizada pelo Grupo Desportivo do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, com o patrocínio do Clube Filatélico de Portugal. A inauguração terá lugar em 2 de Novembro próximo, na sede do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa, e, como aperitivo suficiente, bastará dizer-se, por agora, que na sua Classe de Honra exporão os srs. duque de Palmela e conde de Atalaia.

Encontra-se novamente em Lisboa o eminente filatelista José González Garcia.

Está marcada para 17 de Novembro a inauguração da «I Exposição Filatélica Nacional da Temática de Turismo», que terá lugar na luxuosa sede da empresa S. T. A. R. sua organizadora, com o patrocínio do Clube Filatélico de Portugal, que, como de costume, oferecerá uma medalha de evermelha.

A TAF tem a verda, a preço muito acessível, sobrescritos comemorativos do voo inaugural a jacto Lisboa-Luanda, de 5 do corrente.

Sau e está completamente distribuído mais um excelente numero, este duplo, referente a Agosto e Setembro, do «Boletim do Clube Filatélico de Portugal», notavelmente colaborado, com todas as suas habituais e valiosas secções, e o qual, como de costume, será enviado, gratuitamente, a quem, pela primeira vez, o pedir para a redacção deste jornal.

Hoje, domingo, passa o 20.º aniversário do Clube Filatélico de Portugal, cuja obra em prol da propaganda e do prestígio da Filatelia é verdadeiramente impar, e o coloca em posição altamente honrosa, mesmo em relação aos maiores clubes congéneres de todo o Mundo.

Estão completamente esgotados os selos de 1800 da série dos escuteiros, o que bem se compreende, e os de 1800 da recentíssima série

da Ordem de Avis, o que se não percebe absolutamente nada.

Como temos anunciado, será este ano dedicada a Macau e Timor a exposição filatélica do próximo «Dia do Selo», em 2 de Dezembro.

Durante esse período «Dia do Selo», além daquela e das outras, haverá exposições filatélicas no Barreiro, promovidas pela secção filatélica do Grupo Desportivo da Cuf, e em Abrantes, organizada pelo distinto filatelista sr. Manuel Queifão Garcia.

O júri da «I Exposição Filatélica Nacional da Temática de Turismo» será constituído pelos srs. dr. Jorge Cid Proença, pela S. T. A. R., e dr. A. J. de Vasconcelos Carvalho e coronel Francisco Cardoso Salgado, pelo Clube Filatélico de Portugal.

Aquela exposição do próximo «Dia do Selo», em Lisboa, terá o patrocínio dos C. T. T., com subsídio concedido nos termos do Estatuto do Selo.

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

Recebemos e muito agradecemos: «Bolaffi 1964», catálogo de selos italianos, IX ed., publicação de luxo com cerca de 600 páginas, Ditta Alberto Bolaffi, Via Roma, 101, Torino, Itália; «Arnaldo Henriques de Oliveira», «Catálogo do leilão n.º 247», Largo do Calhariz, 14, Lisboa; «British North American», catálogo de valiosa colecção, selos com grande percentagem de novos, ensaios, provas e cartas, Robson Lowe Ltd., 50 Pall Mall, London, S. W. 1; «Bullasse Magazine», grande revista de luxo, n.º 149, Setembro de 1963, director Willy Balasse, 45-A, Rue du Midi, Bruxelles; «Story-Post», n.º 8, Outubro de 1963, 124, Rue du Midi, Bruxelles; «Collection de France», catálogo de uma excelente venda, por intermédio de M. Janet, 2, Rue Taibout, Paris IX; «Reporter Filatélico», revista, n.º 67, Julho de 1963, director Frederico C. Ortweiler, Caixa Postal, 1491, Curitiba, Paraná, Brasil; «Burrus: Br. Guinea» e «Burrus: Br. Empire», catálogos de luxo de dois notáveis leilões da famosa colecção, respectivamente em 26 e 27 de Novembro, Robson Lowe Ltd., 50, Pall Mall, London, S. W. 1; «Filatelia Eugenio Llach, S. L.», lista de ofertas n.º 217, Outubro de 1963, Plaza Cataluña, Barcelona; «Subastas Hobby», catálogo de importante leilão, Espanha, colónias, aéreo mundial, etc., Hortaliza, 31, Madrid-4; «il Collezionista, Italia Filatélica», grande revista, valiosamente colaborada, director Giulio Bolaffi, tiragem de 43.200 exemplares, Via Vittoria, 1, Torino, Itália.

SELOS

EXPOSIÇÃO

NA
RUA 1.ª DE DEZEMBRO N.º 101
RÉS-DO-CHÃO e no 3.º ANDAR
SELOS DE PORTUGAL
E ULTRAMAR
E
SELOS DE TODO O MUNDO

BASQUETEBOL

Vitórias fáceis do Sporting e do Benfica, no «Distrital»

No Pavilhão dos Desportos prosseguiu, ontem, à noite, sem grande entusiasmo por parte do público, que parece um pouco «divorciado» da modalidade, o Campeonato Regional da Divisão de Honra. O «panorama» geral não se modificou grandemente, isto é, não houve surpresas de maior ou, mesmo, sensacionais. Sporting e Benfica, o primeiro com uma equipa de jovens conduzidos por dois «veteranos» de bom quilate e o segundo com um grupo que se pode considerar o mais homogêneo do País, mantêm-se invencíveis, obtendo nos seus jogos resultados de bom nível. Os restantes muito iguais em valor técnico, têm tido algumas dificuldades nas várias jornadas do campeonato.

Ontem coube ao Algés transpor um obstáculo de monta — o Liberdade. A oposição deste foi significativa e tornou-se premente nos derradeiros minutos da partida. Um ponto de diferença a favor do Algés diz bem da qualidade do obstáculo que o Algés teve de transpor.

Os «azuis», em franca recuperação, isto é, redimindo alguns dos «pecados» iniciais do torneio, venceram bem o Sacavenense que é, sem dúvida, uma equipa de valor igual às restantes, mas a quem a sorte ainda não bafejou com um triunfo neste torneio. É, portanto, de registar, que os sacavenenses, ao cabo destas quatro jornadas, têm perdido os seus jogos por diferenças mínimas como se pode observar através do «score» geral (174-192=18 ou seja uma média de 4,5 por encontro).

Na tabela da classificação a jornada provocou algumas alterações, das quais as principais se podem resumir no seguinte: a fuga do Al-

gés, do penúltimo lugar, que trocou com o Liberdade; a subida do Belenenses para o terceiro posto, depois de ter experimentado a escala desde a posição de último; e a descida do Rio Seco para o meio da classificação.

Os resultados técnicos foram os seguintes:

Sporting, 70-Rio Seco, 41
Belenenses, 52-Sacavenense, 49
Liberdade, 36-Algés, 37
Benfica, 78-Nacional, 41

Depois desta ronda, metade da primeira volta, a classificação ficou assim ordenada:

	J.	V.	D.	M.	P.
Benfica	4	4	—	309-140	8
Sporting	4	4	—	152-168	8
Belenenses	4	2	2	182-211	6
Algés	4	2	2	162-218	6
Rio Seco	4	1	3	171-202	4
Liberdade	4	1	3	172-226	4
Nacional	4	1	3	155-214	4
Sacavenense	4	—	4	171-195	3

VOLTARAM AS «POULES» DA S. H. P.

A Sociedade Hípica Portuguesa não pára na sua tarefa de servir o hipismo. Já temos referido várias vezes que as provas promovidas pela S. H. P., sob a designação de «poules», nem por desprestígio deixam de ser de uma utilidade bem evidente, contribuindo para a propaganda deste desporto e em treinamento de cavaleiros e montadas.

Pois as «poules» da S. H. P. voltaram ontem ao Campo Grande, com o agrado do público e dos cavaleiros. E com agrado registamos o propósito de se lhes dar continui-

Campeonato do Mundo entre clubes organizado pela F. I. F. A.?

GENEVBRA, 27. — Interrogado acerca de uma moção que teria sido aprovada pela F. I. F. A., e que permitia a organização de um campeonato dos clubes campeões de futebol, de quatro em quatro anos, o secretário-geral da F. I. F. A., Helmut Kaeser, declarou: «Há, realmente, um projecto para a organização de um torneio final, que não de um campeonato do Mundo. No entanto, até agora, as federações europeias e da América do Sul têm preferido encontrar-se em desafios particulares». Acrescentou que, se outras federações continentais desejarem participar nestes jogos particulares entre clubes campeões europeus e sul-americanos, a F. I. F. A. poderia, nesse caso, examinar a possibilidade de organização definitiva de um torneio final de clubes. — (F. P.).

O congresso da F. P. Futebol

O congresso da Federação Portuguesa de Futebol, ontem realizado, teve a presença de 21 associações, na totalidade de 101 votos.

Presidiu o dr. Paulo Soromenho, secretariado pelos srs. dr. Jaime Lemos e Candido de Almeida.

Após uma saudação a Ricardo Ornelas, recentemente proclamado sócio honorário da F. P. F., proferida pelo sr. Francisco Mega, presidente da direcção, que aquele nosso prezado camarada de imprensa agradeceu, foram apresentadas algumas propostas, das quais é de salientar a do delegado da A. F. Leiria, D. Fernando Pais, que pretende que seja solicitada à Câmara Municipal de Lisboa a cedência dos terrenos das instalações do Estádio da Luz, ao Benfica, colectividade já considerada de utilidade pública.

Deslocou-se à sede da F. P. F. a fim de entregar, pessoalmente, o regulamento geral da arbitragem, que acabava de aprovar, o director-geral dos Desportos, sr. dr. Armando Rocha, que desse modo, segundo declarou ao congresso, homenagea-

O CAMPEONATO DE FUTEBOL

de Angola começa no dia 2 de Novembro

LUANDA, 27. — Principia em 2 de Novembro, o Campeonato de Futebol de Angola, no qual participam os seguintes clubes:

Zona Norte — Subzona A — Clube Ferroviário de Angola, Landana F. C. e Sporting de Luanda (2/a) eliminatória. Subzona B — Atlético Sport Aviação e Ferroviário de Malanje.

Zona Sul — Subzona A — Sporting do Lobito, Sport Huambo e Benfica e Sporting de Mocimedes. Subzona B — Sports clube Portugal-Sporting do Bié e Clube Recreativo da Caia-Sporting do Moxico.

Na Zona Norte, o Sporting de Luanda ficou isento, nesta primeira fase.

A primeira fase da competição é a eliminar. — (A. N. I.).

va a direcção presidida pelo sr. Francisco Mega, cuja acção de dirigente e de desportista enalteceu em termos altamente elogiosos.

Por proposta de todas as associações do País, apresentada através da palavra do presidente da A. F. Lisboa, sr. Justino Pinheiro Machado, foi proclamado sócio-honorário da F. P. F., o sr. Francisco Mega, pelos altos serviços prestados, durante os três anos e meio da sua gerência, ao futebol nacional.

Para os cargos vagos foram eleitos: congresso: presidente, dr. Paulo Sarmento (Porto); vice-presidente, dr. Assunção Antunes (Setúbal); secretários, dr. José Mendonça (Angra do Heroísmo) e Eduardo Fernandes (Setúbal).

Direcção: presidente, Justino Pinheiro Machado; vice-presidentes, Guerra Pimenta (Setúbal); e eng. Paulo Tavares (Porto); e tesoureiro, Melo de Carvalho (Lisboa).

A A. F. Coimbra solicitou que o empréstimo de 110 contos, que lhe foi concedido há anos, pelo organismo máximo do futebol português, seja transformado em subsídio. Embora, o problema não haja sido resolvido, ficou bem encaminhado no sentido desejado pelos conimbricenses.

Além do relatório e contas, ambos aprovados por unanimidade, mereceu igualmente aprovação a filiação definitiva da Associação Provincial de Cabo Verde na F. P. F.; e a participação da Guiné na «Taça de Portugal».

O congresso aprovou, por aclamação, votos de reconhecimento, propostos pela direcção, ao ministro e subsecretário de Estado da Educação Nacional, director-geral e inspectores do Desporto, Imprensa Rádio e Televisão e funcionários da F. P. F. e decidiu aditar ao sr. dr. José Guilherme de Melo e Castro, pela sua acção, como provedor da Misericórdia de Lisboa, e que contribuiu, grandemente, para o engrandecimento do futebol nacional.

dade nos próximos domingos, sempre que as condições do tempo o permitam.

As classificações que se apuraram foram as seguintes:

Prova para cavaleiros juniores da 1.ª série e amazonas — 1.º, Jorge Gaspar de Barros, no «Fly», 9 pontos e 1/4, em 1 m. e 21 s.

Prova para cavaleiros seniores, principiantes montando em qualquer cavalo, ou cavaleiros seniores com cavalos a meter — 1.º, tenente Romeiras da Costa, no «Barrabás», 0 pontos, em 57 s. e 1/5; 2.º, tenente Silva Mendes, no «Aprendiz», 0 pontos, em 1 m. e 1 s.

Prova para cavaleiros juniores da 2.ª série e amazonas — 1.º, José Nunes de Carvalho, no «Revolto», 0 pontos, em 1 m. 10 s. 4/5; 2.º, Rui de Andrade, no «Fantasia», 8 pontos, em 1 m. 7 s. 1/5.

Prova para cavalos sem «handicap» — 1.º, Pedro Neto Rebelo, no «Zorro», 3 pontos, em 1 m. 17 s.; 2.º, Filipe Malta da Costa, no «Vintage», 4 pontos, em 1 m. 10 s.; 3.º, José Dias de Almeida, no «Timpanas», 7 pontos, em 1 m. 24 s. 3/5.

Prova para cavalos com «handicap» — 1.º, Artur Pires de Lima, no «Sangarê», 11 pontos, em 1 m. 20 s.; 2.º, Manuel Pinheiro, no «Nice-Fellow», 12 pontos, em 1 m. 25 s.

Actividades da F. N. A. T.

Alexandre Rosa foi o português melhor classificado no 3.º Campeonato Peninsular de Pesca Desportiva

Nas águas de Algeciras disputou-se, ao longo de duas animadas jornadas, o 3.º Campeonato Peninsular de Pesca Desportiva, numa organização da Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho e da «Educacion y Descanso», promotiva do bom entendimento existente entre os dois organismos congêneres.

Os representantes da F. N. A. T. tiveram acção muito meritória — melhor na primeira jornada do que na segunda, pois no primeiro dia o português António Neto pescou o exemplar de maior peso (2.330 quilos), e o cascalense Pedro Escarvã pescou o maior numero de peixes (61).

O asturiano Francisco García Pelegrino ficou à frente da classificação (8490 pontos), guardando essa posição até ao fim da prova.

No fim da competição os portugueses melhor classificados eram Alexandre Lopes Rosa, de Cascais, em 7.º lugar, com 3070 pontos, e António Neto, do Porto, em 8.º, com 2750 pontos.

A classificação final, por equipas era a seguinte: 1.º, Asturias, 10 630 pontos; 2.º, Barcelona, 9790; 3.º, Granada, 9250; 4.º, Porto, 7 110; 5.º, Almería, 4170.

Guardado está o bocado...

O empate Belenenses-Benfica beneficiou o Sporting no «Distrital» de Reservas da A. F. L.

A sexta jornada do 4.º Campeonato «Distrital» de Reservas colocou o fim da 1.ª volta do torneio à vista. Mais uma ronda e a competição ficará em meio, até porque o jogo Belenenses-Torriense (uni-co em atraso) vai disputar-se na próxima quarta-feira.

As jornadas sucedem-se e o panorama da prova não se altera. Os desafios em que, entre si, se defrontam as equipas do trio «BSB» são como que «oásis». Revestem-se de um interesse muito especial, pois, na verdade, é dos resultados que entre os três maiores do futebol lisboeta se registam que depende a atribuição do título.

Ainda ontem, o vencedor do encontro Belenenses-Benfica foi, sem dúvida... o Sporting. Os «azuis» e os «encarnados» empataram e os «leões» aumentando o seu avanço,

Os futebolistas veteranos de Portugal e Espanha vão defrontar-se

MADRID, 27. — Realizou-se nesta cidade a reunião dos dirigentes do futebol veterano de Portugal e Espanha.

Será formada uma selecção ibérica de futebol de veteranos, que se deslocará às Américas Central, Latina e do Norte, onde existem numerosas colónias espanholas e portuguesas a fim de se exibirem em alguns jogos com grupos locais.

Foi indicado para seleccionador ibérico, o dirigente do agrupamento dos veteranos portugueses, Julio Sanchez e como treinador o argentino, Valdivieso e os adjuntos Valariano (Espanha) e Francisco Ferreira (Portugal).

A deslocação da selecção Ibérica à Venezuela e a outros países da América Latina, está a cargo de um conhecido empresário venezuelano que recentemente organizou a «Pequena Copa do Mundo».

Durante a reunião ficou assente a realização, no próximo mês de Novembro, do II Portugal-Espanha em Veteranos.

Este jogo permitirá pôr em observação os jogadores portugueses e espanhóis que tomarão parte na digressão às Américas. — (L.).

CICLISMO

PEIXOTO ALVES comanda a classificação do «Regional» de Rampa

Organizada pela Associação de Ciclismo do Sul realizou-se, esta manhã, a segunda prova do «Regional» de Rampa.

A corrida disputou-se na conhecida rampa de Cheleiros, próximo de Mafra, na distancia de 4000 metros e voltou a reunir apenas a presença de ciclistas do Benfica.

As classificações foram as seguintes:

Independentes — 1.º, Peixoto Alves, 8 m e 51 s; 2.º, Florêncio Silva, 10 m e 10 s; 3.º, Manuel Cortenhol, 10 m e 26 s e 4.º, João Fonseca, 10 m e 58 s.

Seniores — 1.º, Rogério Almeida, 9 m e 34 s; 2.º, Elmiro Rodrigues, 10 m e 3 s.

Juniores — Mota Pais, 10 m e 10 s; 2.º, Humberto Amaro, 10 m e 13 s.

Iniciados — 1.º, Manuel Luís, em 9 m e 48 s; 2.º, Pedro Bárbara, 10 m e 11 s.

Comandam as respectivas classificações gerais, os seguintes corredores: Peixoto Alves, Rogério Almeida, Mota Pais e Manuel Luís.

UM MENINO-PRODÍGIO é xadrezista aos 4 anos

MOSCOVO, 27. — Um rapaz georgiano de 4 anos, Zurab Sopia, está a derrotar muitos xadrezistas adultos, segundo o jornal «Leninskoye Znamya».

O antigo campeão mundial de xadrez, Mikhail Botvinnik, visitou-o na sua residência próximo de Sukhumi a fim de o ajudar a aperfeiçoar ainda mais o seu jogo. — (R.).

de tal modo que mesmo ao primeiro desaire não perderão o comando. E qual será a equipa capaz de impor esse primeiro desaire? Concluimos, portanto, considerando que o Sporting vai conquistar o título. Repare-se na classificação:

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
SPORTING ...	6	6	—	—	37-4	18
Benfica	6	4	1	1	34-4	15
Atlético	6	2	2	2	13-35	12
Oriental	6	2	1	3	8-22	11
Belenenses ...	5	1	3	1	9-7	10
Sacavenense...	6	2	—	4	9-37	10
Torriense	5	2	—	3	7-13	9
Alhandra	6	—	1	5	5-25	7

★

Mas, voltando à jornada de ontem. O jogo Belenenses-Benfica sobrepos-se — como não podia deixar de ser — aos restantes. A ideia de que o jogo terminaria com igualdade no marcador nunca andou arredia, tão equilibrada decorreu a partida. O curioso é que qualquer das equipas andou 85 minutos à procura daquilo que realizou nos cinco derradeiros minutos: um golo. Ao fim — o resultado mais certo (1-1).

O Sporting chamou a si o melhor resultado da jornada ao defrontar o Alhandra (4-0). Mas os alhandrenses resistiram enquanto puderam (ao intervalo, 0-0).

O Atlético bateu o Oriental mais expressivamente (4-1) do que se poderia esperar. Repare-se, no entanto, que ao intervalo havia um empate a uma bola.

Finalmente, o Torriense averbou um triunfo concludente (3-0), com realce para o sector defensivo.

2625 contos de prémios no Totobola

O Totobola regista, semana a semana, a marcha ascensional que se previa, mas que, todavia, está a ir além do que se poderia imaginar.

Isto significa, sem quaisquer comentários ou explicações, que o interesse pelas competições oficiais de futebol entrou na sua fase efectiva, num crescendo gradual acentuado, com o definir de posições, com as surpresas que o desfecho dos jogos vão oferecendo e com a paixão e o entusiasmo que elas provocam.

Esta semana, o 6.º concurso ofereceu os seguintes números: matrizes, 635 414; apostas, 3 804 900; receita, 5 707 350\$00; prémios, 2 625 380\$00; valor de cada prémio, 1 312 690\$00.

Estes números são provisórios, sujeitos, portanto, a ligeiras alterações.

Para a próxima semana, os jogos que figuram nos bilhetes do 7.º concurso são os referentes à terceira jornada dos campeonatos nacionais das I e II Divisões. Assim:

I Divisão — 1, Sporting-Lusitano; 2, Guimarães-C. U. F.; 3, Belenenses-Leixões; 4, Barreirense-Setúbal; 5, Académica-Olhansense.

II Divisão — 6, Boavista-Salgueiros; 7, Leça-Beira Mar; 8, Oliveirense-Covilhã; 9, Feirense-Braga; 10, Sacavenense-Montijo; 11, Leões-Portimonense; 12, Torriense-Atlético; 13, Alhandra-Cova da Piedade.

O DESAFIO SANTOS-MILÃO

para a «Taça Intercontinental» de futebol, disputa-se

no Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 27. — A Confederação Brasileira dos Desportos confirmou, hoje, que o encontro de futebol entre as equipas do Santos, campeão do Brasil, e a do Milão, campeão da Itália, para a disputa da «Taça Intercontinental», se efectuará no dia 14 de Novembro, no Estádio do Maracanã.

No caso da lotação se esgotar serão arrecadados 110 milhões de cruzeiros.

Se for necessário terceiro jogo, a partida disputar-se-á dois dias depois e no mesmo local.

O Milão, caso desistisse de jogar no Brasil, conforme a Imprensa italiana tem sugerido, pagaria o despesas e passagens que o Santos gastou com o transporte dos seus jogadores para a Itália. — (A. N. I.).